

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

TARCIANNA MELO DE LIMA

**A CONSTRUÇÃO VERBAL V<sub>1</sub>DAR + PREPOSIÇÃO<sub>PARA/PRA/DE</sub> + V<sub>2</sub>INFINITIVO:  
UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DA FALA DE MORADORES DE HUMAITÁ  
(AM)**

MANAUS  
2021

TARCIANNA MELO DE LIMA

**A CONSTRUÇÃO VERBAL V1<sub>DAR</sub> + PREPOSIÇÃO<sub>PARA/PRA/DE</sub> + V2<sub>INFINITIVO</sub>:  
UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DA FALA DE MORADORES DE HUMAITÁ  
(AM)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), Universidade Federal do Amazonas (UFAM), como exigência para obtenção do título de mestre em Letras.

Orientadora: Dra. Flávia Santos Martins.

MANAUS  
2021

### Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

L732c Lima, Tarciana Melo de  
A construção verbal V1DAR + PREPOSIÇÃO PARA/PRA/DE +  
V2INFINITIVO: uma análise sociolinguística da fala de moradores  
de Humaitá (AM) / Tarciana Melo de Lima . 2021  
143 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Flávia Santos Martins  
Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do  
Amazonas.

1. Sociolinguística variacionista. 2. Verbo dar. 3. Verbo auxiliar. 4.  
Humaitá. I. Martins, Flávia Santos. II. Universidade Federal do  
Amazonas III. Título

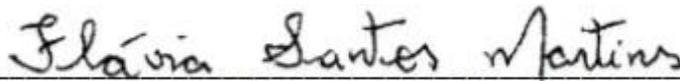
TARCIANNA MELO DE LIMA

**A CONSTRUÇÃO VERBAL V1<sub>DAR</sub> + PREPOSIÇÃO<sub>PARA/PRA/DE</sub> + V2<sub>INFINITIVO</sub>:  
UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DA FALA DE MORADORES DE HUMAITÁ  
(AM)**

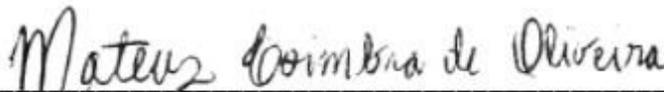
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Amazonas como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras na área de Estudos da Linguagem.

Aprovada em 09 de fevereiro de 2021.

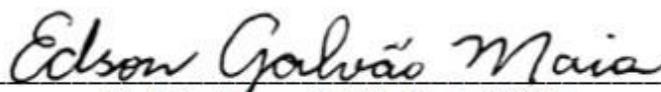
BANCA EXAMINADORA:



Profa. Dra. Flávia Santos Martins (UFAM)



Prof. Dr. Mateus Coimbra de Oliveira (UFAM)



Prof. Dr. Edson Galvão Maia (IFAM)

Dedico esta dissertação aos meus pais,  
Terezinha Ramos e João Gomes, e ao meu  
sobrinho/afilhado, Ronnie.

## AGRADECIMENTOS

Neste espaço, quero dedicar toda a gratidão às pessoas sem as quais não seria possível a realização deste trabalho.

Primeiramente, agradeço a Deus, pela saúde, força e coragem que sustentaram e ajudaram a enfrentar os desafios encontrados na caminhada.

À minha família, em especial, meus pais, minhas irmãs, Tatianna e Tahís, meu irmão, Luiz Felipe, meus sobrinhos, Ronnie e Elena, e minha avó, Valdemarina, por todo apoio, amor e orações em todos os momentos, mas principalmente durante o período do mestrado.

Ao meu esposo, Delcio, por sempre me incentivar, por ouvir meus ensaios das apresentações, pelas massagens e chazinhos nas horas mais estressantes, por ser ombro amigo na hora do choro, enfim, por estar ao meu lado.

À minha gata, Mary Jane, minha companheirinha, pelos momentos de descontração quando subia no teclado do notebook, no mouse ou nos livros abertos só para me lembrar que precisava dar uma pausa para um carinho ou até mesmo tomar uma água. E ao Marley, que mesmo distante, sempre é motivo de alegria.

À Universidade Federal do Amazonas e ao PPGL pela oportunidade de obter o título de mestre e, principalmente, por proporcionarem uma formação de excelência aos discentes.

À SEDUC pelo convênio firmado junto à UFAM, que nos possibilitou realizar esta pesquisa.

À minha orientadora, Flávia Santos Martins, por ter aceitado o desafio de me orientar na pesquisa de um fenômeno sintático, mesmo conhecendo as dificuldades. Pela compreensão, dedicação e contribuição para a conclusão deste trabalho.

Aos membros do grupo de estudos GELAM pelos conhecimentos e cafés partilhados.

Aos professores do PPGL, em especial, ao Orlando e Leonard, pelos conhecimentos compartilhados, fundamentais para o meu crescimento como pesquisadora.

Aos pesquisadores responsáveis pelo Projeto CoLingAm por terem disponibilizado parte do *corpus* utilizado neste estudo.

Às “mestrandas lindas”, Jéssika, Débora, Larissa, Ylana e ao amigo João, por terem compartilhado todas as etapas desta jornada, desde a seleção até a defesa.

Aos moradores do Município de Humaitá e Distrito de Auxiliadora por se disporem a participar das entrevistas e, dessa forma, possibilitarem a realização desta pesquisa.

À professora Maria Sandra Campos por ter me apresentado um norte no momento em que não sabia que rumo tomar e acabei enveredando pelos maravilhosos caminhos da Sociolinguística.

Aos amigos presentes, Laíne, Matheus, Grace, Eliane e Denise, e aos distantes, Jaqueline, Sueli, Marta, Francilaura e André, entre tantos outros, que sempre estiveram compartilhando esse momento comigo, obrigada pelo apoio emocional, pelos pensamentos positivos, pela torcida e pelas orações.

Aos membros da banca examinadora pelas valorosas contribuições a este trabalho.

A língua é, assim, um grande ponto de encontro; de cada um de nós, com os nossos antepassados, com aqueles que, de qualquer forma, fizeram e fazem a nossa história. Nossa língua está embutida na trajetória de nossa memória coletiva. Daí o apego que sentimos à nossa língua, ao jeito de falar de nosso grupo. Esse apego é uma forma de selarmos nossa adesão a esse grupo.

Irândé Antunes

## RESUMO

Esta pesquisa trata-se de um estudo variacionista, de cunho sintático, que tem como objetivo geral investigar a construção verbal  $V1_{\text{DAR}} + \text{PREPOSIÇÃO}_{\text{PARA/PRA/DE}} + V2_{\text{INFINITIVO}}$ : uma análise sociolinguística da fala de moradores de Humaitá (AM), a fim de contribuir para o conhecimento das áreas dialetais brasileiras. Os objetivos específicos são: i) descrever as variantes da variável “construção verbal  $V1_{\text{DAR}} + \text{PREPOSIÇÃO}_{\text{PARA/PRA/DE}} + V2_{\text{INFINITIVO}}$ ” no falar humaitaense (AM); ii) analisar os condicionadores linguísticos e extralinguísticos que podem estar influenciando ou não a variação no “uso da construção verbal  $V1_{\text{DAR}} + \text{PREPOSIÇÃO}_{\text{PARA/PRA/DE}} + V2_{\text{INFINITIVO}}$ ” na fala dos habitantes de Humaitá (AM); iii) discutir se a variação no “uso da construção verbal  $V1_{\text{DAR}} + \text{PREPOSIÇÃO}_{\text{PARA/PRA/DE}} + V2_{\text{INFINITIVO}}$ ” nos dados de fala dos moradores de Humaitá (AM) constitui uma variável estável ou se está em processo de mudança através da observação do tempo aparente (idade). Como aporte teórico que embasou este estudo, temos a Teoria da Variação e Mudança Linguística, cujo maior representante é William Labov. O *corpus* da pesquisa foi constituído por dados obtidos por meio da pesquisa de campo (entrevista sociolinguística), dados do projeto CoLingAM<sup>1</sup>, bem como por dados escritos de redes sociais. Concernente ao *corpus* da pesquisa de campo, temos 19 informantes estratificados de acordo com ‘faixa etária’ (18 a 35 anos, 35 a 56 anos e 56 anos em diante), ‘escolaridade’ (5 a 9 anos de escolarização/Fundamental II e 9 a 8 anos de escolarização/Ensino Médio), ‘sexo’ (9 homens e 10 mulheres) e zona (10 em Zona rural e 10 em zona urbana). O *corpus* do projeto CoLingAM é constituído por 12 informantes, sendo 6 da zona rural e 6 da zona urbana, assim distribuídos: 2 adolescentes (com idades entre 14 e 17 anos), 2 adultos (com idades entre 25 e 45 anos) e 2 idosos (acima de 60 anos), sempre um homem e uma mulher. Quanto às redes sociais, foram coletados dados de conversas privadas e em grupos de *Whatsapp* e *Facebook*. Foram controladas, nesta pesquisa, as seguintes variáveis independentes linguísticas: ‘V1: formas nominais’, ‘V1: tipos de auxiliar (modo, aspecto)’, ‘V1: tempo verbal’ e ‘V1: pessoa verbal’, ‘V2: paradigma verbal: conjugação’, ‘V2: paradigma verbal: radical’ e ‘V2: traço semântico’; e as seguintes variáveis independentes extralinguísticas: ‘zona’, ‘sexo’, ‘idade’ e ‘escolaridade’, para os dados de fala, e ‘recorte temporal’, ‘rede social’ e ‘sexo’, para os dados escritos. Após o levantamento e codificação dos dados obtidos, foi realizada a análise estatística (*Goldvarb X*). Encontraram-se como principais resultados: as variantes, nos dados de fala, da variável “a construção verbal  $V1_{\text{DAR}} + \text{PREPOSIÇÃO}_{\text{PARA/PRA/DE}} + V2_{\text{INFINITIVO}}$ ” no falar humaitaense (AM) são “Dar de” (45%) e “Dar pra/para” (55%). Ainda, quanto às variáveis independentes, após as devidas exclusões e amálgamas, mostrou-se favorecedora da variante “dar de”: ‘idade’, sugerindo que a variação em estudo está em processo de mudança através da observação do tempo aparente (idade). Nos dados de escrita, a variante mais recorrente foi “Dar de” (56%). No que diz respeito aos condicionadores, considerando algumas exclusões e amálgamas de fatores e grupos de fatores, nenhum foi selecionado pelo programa estatístico utilizado. Por fim, espera-se, com este trabalho, ter contribuído para o avanço dos estudos sociolinguísticos na região norte.

**Palavras-chave:** Sociolinguística Variacionista. Verbo dar. Verbo auxiliar. Humaitá.

---

<sup>1</sup> Corpus Linguajar Amazonense. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/colingam>

## ABSTRACT

This research is a variation study, of syntactic nature, whose general objective is to investigate the verbal construction  $V1_{DAR} + PREPOSITION_{PARA/PRA/DE} + V2_{INFINITIVO}$ : a sociolinguistic analysis of the speech of residents of Humaitá (AM), in order to contribute for knowledge of Brazilian dialect areas. The specific objectives are: i) to describe the variants of the variable “verbal construction  $V1_{DAR} + PREPOSITION_{PARA/PRA/DE} + V2_{INFINITIVO}$ ” in “Humaitaense” speaking (AM); ii) analyze the linguistic and extra-linguistic conditioners that may or may not be influencing the variation in the “use of the verbal construction  $V1_{DAR} + PREPOSITION_{PARA/PRA/DE} + V2_{INFINITIVO}$ ” in the speech of the inhabitants of Humaitá (AM); iii) discuss whether the variation in the “use of the verbal construction  $V1_{DAR} + PREPOSITION_{PARA/PRA/DE} + V2_{INFINITIVO}$ ” in the speech data of the residents of Humaitá (AM) constitutes a stable variable or if it is in the process of change through observation of time apparent (age). As a theoretical contribution that supported this study, we have the Theory of Variation and Linguistic Change, whose greatest representative is William Labov. The research corpus consisted of data obtained through field research (sociolinguistic interview), data from the CoLingAM project, as well as written data from social networks. Concerning the corpus of field research, we have 19 informants stratified into ‘age’ groups (18 to 35 years, 35 to 56 years and 56 years onwards); ‘schooling’ groups (5 to 9 years of schooling /Elementary II and 9 to 8 years of schooling/High School); 10 informants from the ‘countryside’, 5 men and 5 women, and 9 from the urban area, 4 men and 5 women. The corpus of the CoLingAM project consists of 12 informants, 6 from the rural area and 6 from the urban area, distributed as follows: 2 adolescents (aged 14 to 17 years), 2 adults (aged between 25 to 45 years old) and 2 elderly people (over 60 years old), always a man and a woman. As for social networks, data was collected from private conversations and in Whatsapp and Facebook groups. In this research, the following independent linguistic variables were controlled: ‘V1: nominal forms’, ‘V1: types of auxiliary (mode, aspect)’, ‘V1: verbal tense’ and ‘V1: verbal person’, ‘V2: conjugation verbal’, ‘V2: verbal paradigm: conjugation’, ‘V2: verbal paradigm: radical’ and ‘V2: semantic trait’; and the following extralinguistic independent variables: ‘zone’, ‘gender’, ‘age’ and ‘schooling’ for speech data, and ‘time frame’, ‘social network’ and ‘gender’ for written data. After surveying and coding the data obtained, statistical analysis (Goldvarb X). The main results were: the variants of the variable “the verbal construction  $V1_{DAR} + PREPOSITION_{PARA/PRA/DE} + V2_{INFINITIVO}$  in “Humaitaense” speaking (AM) are “Dar de” (45%) and “Dar pra / para” (55 %). Still, as for the independent variables, after due exclusions and amalgams, they showed themselves to favor the variant “dar de”: ‘age’, suggesting that the variation under study is in the process of change through the observation of apparent time (age). In the writing data, the most recurrent variant was “Dar de” (56%). With regard to conditioners, considering some exclusions and amalgams of factors and groups of factors, none were selected by the statistical program used. Finally, it is hoped, with this work, to have contributed to the advancement of sociolinguistic studies in the northern region.

**Keywords:** Variationist Sociolinguistics. Verb to give. Auxiliary verb. Humaitá.

## LISTA DE FIGURAS

|  |    |
|--|----|
| <b>Figura 1:</b> (A) Ocorrência da variante “dar de” em conversa de Whatsapp; (B) Ocorrência da variante “dar de” em grupo do Facebook ..... | 66 |
| <b>Figura 2:</b> Mapa de localização da sede do município de Humaitá (AM).....   | 71 |
| <b>Figura 3:</b> Planta da cidade de Humaitá (AM) .....  | 72 |
| <b>Figura 4:</b> Orla de Humaitá (AM).....   | 73 |
| <b>Figura 5:</b> Rodovias BR-135 e Transamazônica que cruzam com Humaitá (AM) .....  | 74 |
| <b>Figura 6:</b> Portal de Humaitá (AM) .....  | 75 |
| <b>Figura 7:</b> Vista Panorâmica de Humaitá (AM) .....  | 75 |

## LISTA DE QUADROS

|   |    |
|---|----|
| <b>Quadro 1:</b> Tipologia do aspecto, de acordo com Castilho (2010) .....                                      | 34 |
| <b>Quadro 2:</b> Construções com o verbo “dar” pela professora Edite Prada .....                                | 36 |
| <b>Quadro 3:</b> Significados do verbo “dar auxiliar” encontrados no Dicionário Aurélio .....                   | 38 |
| <b>Quadro 4:</b> Significados do verbo “dar auxiliar”, de acordo com o Dicionário Michaelis .....               | 39 |
| <b>Quadro 5:</b> Significados do verbo “dar”, segundo o Dicionário Bechara .....                                | 39 |
| <b>Quadro 6:</b> Significados do verbo “dar” de acordo com o Dicionário Priberam .....                          | 40 |
| <b>Quadro 7:</b> Significados do verbo “dar”, segundo o Dicionário de regência verbal de Luft. ..               | 41 |
| <b>Quadro 8:</b> Conceitos do verbo “dar”, segundo algumas Gramáticas Normativas .....                          | 42 |
| <b>Quadro 9:</b> As preposições e o tratamento da categoria cognitiva de ESPAÇO, segundo Castilho (2010). ..... | 55 |
| <b>Quadro 10:</b> Definições para a preposição “de”, segundo Bechara (2011). .....                              | 56 |
| <b>Quadro 11:</b> Definições referentes à preposição “para”, de acordo com Bechara (2011). .....                | 59 |
| <b>Quadro 12:</b> Perfil dos informantes da Pesquisa de Campo realizada em Humaitá (AM).....                    | 64 |
| <b>Quadro 13:</b> Perfil dos informantes do Projeto CoLingAM.....   | 65 |
| <b>Quadro 14:</b> Grupo de fatores linguísticos ‘formas nominais’ .....   | 77 |
| <b>Quadro 15:</b> Grupo de fatores linguísticos ‘V1 Tipos de auxiliar’ .....                                    | 77 |
| <b>Quadro 16:</b> Grupo de fatores linguísticos ‘V1: Tempo verbal’ .....  | 78 |
| <b>Quadro 17:</b> Grupo de fatores linguísticos ‘V1: Pessoa verbal’ .....                                       | 78 |
| <b>Quadro 18:</b> Grupo de fatores linguísticos ‘V2: Paradigma Verbal: Conjugação’ .....                        | 79 |
| <b>Quadro 19:</b> Grupo de fatores linguísticos ‘V2: Paradigma verbal: radical’ .....                           | 79 |
| <b>Quadro 20:</b> Grupo de fatores linguísticos ‘V2: Traço semântico’ .....                                     | 79 |
| <b>Quadro 21:</b> Exemplos da variante “Dar de”, segundo a variável ‘V1: tempo verbal’, em Humaitá (AM) .....   | 90 |

## LISTA DE GRÁFICOS

|  |     |
|--|-----|
| <b>Gráfico 1:</b> Uso da construção “Dar pra/para” e “Dar de” em dados de fala de Humaitá (AM).....    | 81  |
| <b>Gráfico 2:</b> Percentual da variante “Dar de”, segundo a variável ‘idade’, em Humaitá (AM).....    | 84  |
| <b>Gráfico 3:</b> Ocorrências da variante “Dar de”, segundo a variável ‘corpus’, em Humaitá (AM) ..... | 98  |
| <b>Gráfico 4:</b> Uso da construção “dar pra/para” e “dar de” em dados escritos de Humaitá (AM) .....  | 100 |

## LISTA DE TABELAS

|   |     |
|---|-----|
| <b>Tabela 1:</b> Frequência e probabilidade da variante “Dar de”, segundo a variável ‘idade’, em Humaitá (AM).....                                | 83  |
| <b>Tabela 2:</b> Frequência da variante “Dar de”, segundo as variáveis ‘idade’ e ‘zona’, em Humaitá (AM) .....                                    | 84  |
| <b>Tabela 3:</b> Frequência da variante “Dar de”, segundo as variáveis ‘idade’ e ‘sexo’, em Humaitá (AM) .....                                    | 86  |
| <b>Tabela 4:</b> Frequência da variante “Dar de”, segundo as variáveis ‘idade’ e ‘corpus’, em Humaitá (AM).....                                   | 87  |
| <b>Tabela 5:</b> Frequência da variante “Dar de”, segundo a variável ‘V1: tipos de auxiliar’ em Humaitá (AM).....                                 | 88  |
| <b>Tabela 6:</b> Frequência da variante “Dar de”, segundo a variável ‘V1: tempo verbal’.....  | 89  |
| <b>Tabela 7:</b> Frequência da variante “Dar de”, segundo as variáveis ‘tempo verbal’ e ‘zona’, em Humaitá (AM).....                              | 90  |
| <b>Tabela 8:</b> Frequência da variante “Dar de”, segundo a variável ‘V1: pessoa verbal’, em Humaitá (AM) .....                                   | 91  |
| <b>Tabela 9:</b> Frequência da variante “Dar de”, segundo a variável ‘V2: paradigma verbal: conjugação’, em Humaitá (AM): .....                   | 91  |
| <b>Tabela 10:</b> Verbos de maior ocorrência com a variante “Dar de”, de acordo com a zona, na fala dos moradores de Humaitá (AM) .....           | 91  |
| <b>Tabela 11:</b> Frequência da variante “Dar de”, segundo a variável ‘V2: paradigma verbal: radical’, em Humaitá (AM).....                       | 92  |
| <b>Tabela 12:</b> Frequência da variante “Dar de”, segundo a variável ‘V2: traço semântico’, em Humaitá (AM).....                                 | 93  |
| <b>Tabela 13:</b> Frequência da variante “Dar de”, segundo a variável ‘escolaridade’, em Humaitá (AM) .   | 94  |
| <b>Tabela 14:</b> Frequência da variante “Dar de”, segundo a variável ‘sexo’, em Humaitá (AM).....  | 94  |
| <b>Tabela 15:</b> Frequência da variante “Dar de”, segundo as variáveis ‘escolaridade’ e ‘sexo’, em Humaitá (AM).....                             | 96  |
| <b>Tabela 16:</b> Frequência da variante “Dar de”, segundo a variável ‘zona’, em Humaitá (AM) .....   | 96  |
| <b>Tabela 17:</b> Frequência da variante “Dar de”, segundo as variáveis ‘zona’ e ‘sexo’, em Humaitá (AM) .....                                    | 97  |
| <b>Tabela 18:</b> Frequência da variante “Dar de”, segundo a variável ‘corpus’, em Humaitá (AM) .....   | 97  |
| <b>Tabela 19:</b> Frequência da variante “Dar de”, segundo as variáveis ‘corpus’ e ‘sexo’, em Humaitá (AM).....                                   | 98  |
| <b>Tabela 20:</b> Frequência da variante “Dar de”, segundo a variável ‘recorte temporal’, nos dados de escrita de moradores de Humaitá (AM) ..... | 101 |

|   |     |
|---|-----|
| <b>Tabela 21:</b> Frequência da variante “Dar de”, segundo as variáveis ‘tipos de auxiliar’ e ‘tempo verbal’, nos dados escritos dos moradores de Humaitá (AM)..... | 102 |
| <b>Tabela 22:</b> Frequência da variante “Dar de”, segundo as variáveis ‘sexo’ e ‘recorte temporal’ nos dados escritos dos moradores de Humaitá (AM) .....          | 103 |

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO .....  | 15        |
| CAPÍTULO 1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA .....   | 20        |
| 1.1 A SOCIOLINGUÍSTICA.....   | 20        |
| 1.2 FENÔMENO EM ESTUDO .....  | 30        |
| <b>1.2.1 O verbo auxiliar “dar” .....</b>   | <b>30</b> |
| <i>1.2.1.1 O verbo auxiliar modal e o verbo auxiliar aspectual.....</i>   | <i>32</i> |
| <b>1.2.2 O que dizem os Dicionários, Gramáticas Normativas e Trabalhos<br/>        variacionistas/funcionalistas? .....</b> | <b>36</b> |
| <i>1.2.2.1 Dicionários .....</i>  | <i>38</i> |
| <i>1.2.2.2 Gramáticas Normativas.....</i>   | <i>42</i> |
| <i>1.2.2.3 Estudos variacionistas/funcionalistas .....</i>  | <i>43</i> |
| <b>1.2.3 Sobre as preposições “de” e “para/pra” .....</b>   | <b>53</b> |
| 1.3 OBJETIVOS, QUESTÕES E HIPÓTESES.....  | 60        |
| <b>1.3.1 Objetivo Geral .....</b>   | <b>60</b> |
| <b>1.3.2 Objetivos Específicos.....</b>   | <b>60</b> |
| <b>1.3.3 Questões.....</b>  | <b>61</b> |
| <b>1.3.4 Hipóteses .....</b>  | <b>61</b> |
| CAPÍTULO 2 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA .....  | 63        |
| 2.1 A NATUREZA DOS DADOS.....   | 63        |
| <b>2.1.1 Perfil dos informantes: a pesquisa de campo .....</b>  | <b>63</b> |
| <b>2.1.2 Perfil dos informantes: Projeto CoLingAM .....</b>   | <b>64</b> |
| <b>2.1.3 Amostra Complementar .....</b>   | <b>65</b> |
| <b>2.1.4 As entrevistas: a pesquisa de campo.....</b>   | <b>66</b> |
| <b>2.1.5 As entrevistas: Projeto CoLingAM .....</b>   | <b>67</b> |
| <b>2.1.6 O tratamento do áudio, a transcrição e o suporte quantitativo: a pesquisa de<br/>        campo.....</b>            | <b>68</b> |
| <b>2.1.7 O tratamento do áudio, a transcrição e o suporte quantitativo: Projeto<br/>        CoLingAM .....</b>              | <b>69</b> |
| <b>2.1.8 Perfil sócio-histórico da cidade de Humaitá .....</b>  | <b>71</b> |
| 2.2 A VARIÁVEL DEPENDENTE E AS VARIÁVEIS INDEPENDENTES .....  | 76        |
| <b>2.2.1 Grupos de fatores linguísticos .....</b>   | <b>76</b> |
| <b>2.2.2 Grupos de fatores extralinguísticos .....</b>  | <b>80</b> |
| CAPÍTULO 3 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....   | 81        |
| 3.1 SOBRE OS DADOS DE FALA .....  | 81        |
| <b>3.1.1 A variável independente extralinguística ‘Idade’ .....</b>   | <b>83</b> |
| <b>3.1.2 Considerações sobre as variáveis não selecionadas.....</b>   | <b>87</b> |
| 3.2 SOBRE OS DADOS DA AMOSTRA COMPLEMENTAR.....   | 99        |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS .....  | 104       |
| REFERÊNCIAS .....   | 107       |
| ANEXOS .....  | 112       |
| APÊNDICES.....  | 128       |

## INTRODUÇÃO

Diversos estudos nas áreas de Sociolinguística e Dialectologia vêm sendo realizados, desde os anos 1950, quando começaram a se destacar nomes como os de Uriel Weinreich, Charles Ferguson e Joshua Fishman. Mas, pode-se dizer que foi na figura de William Labov, nos anos 1960, que as investigações sobre a variação linguística tomaram os rumos para uma teoria mais completa a respeito do aspecto social da língua, evidenciando a heterogeneidade e a sistematicidade que a regem, a partir da elaboração, sobretudo, de uma metodologia de pesquisa para lidar com dados de fala.

No Brasil, vários trabalhos nessas áreas já têm sido desenvolvidos nos diversos níveis de análise linguística: fonético-fonológico, morfológico, morfossintático, sintático, semântico, lexical e discursivo. No entanto, os trabalhos de cunho sintáticos e morfossintáticos ainda são muito recentes e escassos. Destarte, podemos destacar alguns trabalhos dessa área que vêm sendo desenvolvidos, como as pesquisas sociofuncionalistas de Velloso, “Um estudo da idiomatização da construção modal com o verbo dar no Português do Brasil” (2007); de Martelotta, “Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso” (2011); de Coelho e Silva, “O continuum de gramaticalização do verbo dar: de predicador a auxiliar” (2014); de Ferreira, Rassi e Basso, “As interpretações do verbo 'dar' e sua estrutura temática: uma análise sintático-semântica” (2017); de Coelho e Souza, “A polissemia do verbo dar: uma análise funcionalista” (2017); de Silva, “A construção verbal V1dar + preposição + V2infinitivo [manuscrito]: um estudo na interface Sociolinguística e Gramaticalização” (2018) e de Görski, “Emergência *de dar pra/de* no domínio funcional da auxiliarização modal deôntica” (2020).

No Amazonas, os estudos sociolinguísticos e dialetológicos vêm ganhando espaço. Destaque-se os trabalhos pioneiros de Hydelyveia Corrêa (1980), que abordou “O falar do caboclo amazonense: aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves”, e Maria Luiza Cruz-Cardoso (2004), que elaborou o “Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM”. Mais tarde, evidencia-se a tese “O alçamento das vogais posteriores em sílaba tônica: um estudo do português falado em Borba no Amazonas”, de Campos (2009), bem como os trabalhos morfológicos e morfossintáticos como a dissertação “A alternância Tu/Você/Senhor no município de Tefé - Estado do Amazonas” de G. Martins (2010), a tese “Variação na concordância nominal de número na fala dos habitantes do Alto Solimões (Amazonas)” de F. Martins (2013), a dissertação “A expressão de futuridade na escrita jornalística manauara dos anos 80 aos dias atuais: um estudo sociofuncionalista, de Araújo

(2016) e a dissertação “O gerúndio na expressão de tempo futuro na diversidade do português do manauara” de Simas (2016), dentre outros<sup>2</sup>.

Como supracitado, estudos que levam em consideração os níveis de análise sintáticos e morfossintáticos ainda são poucos, por isso, procurou-se nesta pesquisa investigar um fenômeno morfossintático, “a construção verbal V1<sub>DAR</sub> + PREPOSIÇÃO<sub>PARA/PRA/DE</sub> + V2<sub>INFINITIVO</sub>”, que ocorre em alguns municípios da região sul do estado do Amazonas, particularmente em Humaitá (AM). Até o momento, encontram-se poucos registros de trabalhos acerca desse fenômeno, trata-se, pois, de um tema inédito na região em estudo.

O fenômeno em questão consiste no fato de um falante natural de Humaitá utilizar a preposição “de” para fazer a regência do verbo “dar” no lugar da preposição “para/prá”, conforme se observa a seguir em alguns registros dessa variação na escrita de moradores de Humaitá (AM), encontrados em redes sociais:

- (1) “Bom que ele é branco e **dar de ver**, quando é preto [...] soffro” (Grifos nossos).
- (2) “Mais **da também de ganhar** o brasileiro... E só manter o ritmo. Mais **da de ganhar** mano” (Grifos nossos).

A escolha da cidade de Humaitá, no Amazonas, como local de investigação deu-se por ser a cidade natal desta pesquisadora. Nasci e morei na cidade de Humaitá até os 28 anos, quando me mudei para a capital, Manaus. Até aquele momento, como moradora de Humaitá, não me dava conta do fenômeno que está sendo aqui investigado, visto que, em minha comunidade de fala, é comum o uso dessa construção com o verbo “dar” diante de outros verbos utilizando a preposição “de” no lugar de “para”. Portanto, fazia um uso inconsciente dessa variante.

No entanto, ao mudar da comunidade de fala, passei a ser vítima de preconceito linguístico, principalmente no local de trabalho, onde a maioria das pessoas estranhava a minha forma de regência desse verbo, quando falava “Dá de fazer esse exercício”, por exemplo.

Dessa forma, este fato fez com que eu tivesse consciência dessa variação linguística da minha cidade, motivando-me a tentar compreender as razões de termos esse modo particular e peculiar de construção do verbo “dar” com a preposição “de”.

De acordo com algumas Gramáticas Normativas consultadas, o verbo “dar” permite uma gama extensa de construções, passando por intransitivo (Desse jeito não dá), transitivo direto (Trevo-de-quatro-folhas dá sorte), transitivo direto e indireto (Deu um livro ao filho),

---

<sup>2</sup>Os trabalhos citados encontram-se disponíveis em: <https://gelamlinguistica.wixsite.com/website/morfologico-morfossintatico-e-sinta>

pode ainda ser transitivo preposicionado ou oblíquo, acompanhado de diversas preposições e veiculando vários sentidos, como, por exemplo, ser suficiente para, bastar, chegar.

Em virtude do caráter polissêmico do referido verbo, a fim de descrevê-lo, recorreu-se, nesta pesquisa, aos dicionários digitais Michaelis, Infopédia, Priberam, Aulete Digital, bem como aos conceituados dicionários Aurélio (1975), Bechara (2011) e o Dicionário de Regência Luft (2010), recorreu-se também às consagradas Gramáticas Normativas de Rocha Lima (2007), Cegalla (2008), Cunha (2010) e Terra (2011).

Estudos sociofuncionalistas, por sua vez, como o de Coelho e Silva (2014), têm mostrado que o verbo “dar” está passando por um processo de mudança ao longo dos anos, uma vez que está deslocando-se da categoria lexical de predicador à categoria gramatical de auxiliar modal e, *a posteriori*, à de auxiliar aspectual, havendo a existência das duas formas, predicador e gramatical (auxiliar modal e aspectual), concomitantemente na língua, conforme se observa nos exemplos, a seguir:

(3) Ana **deu** um livro ao sobrinho. [Predicador – categoria lexical]

(4) O dinheiro **deu** pra comprar o livro. [Auxiliar modal – categoria gramatical]

No exemplo (3), o verbo “dar” assume o papel inicial de predicador (categoria lexical: seleciona argumentos), no qual indica o sentido de “doar/entregar algo a alguém”.

No entanto, no exemplo (4), o verbo “dar” exerce o papel de auxiliar (categoria gramatical), nesse caso de auxiliar marcador de modalidade, uma vez que, de acordo com Lehmann (1995, *apud* COELHO e SILVA, 2014, p. 34), na categoria de modalizador, a forma “dar” pode ser substituída por outros auxiliares epistêmicos sem prejuízo semântico.

(5) O dinheiro **foi suficiente** pra comprar o livro. [Paráfrase de (4)]

As autoras supramencionadas levantam, ainda, a hipótese de que o verbo “dar” sofreu um processo de gramaticalização, ou seja, um processo de mudança linguística no qual o significado lexical de uma palavra perde a carga semântica e passa a ter um significado gramatical.

Como verbo auxiliar, o verbo “dar”, conforme Coelho e Silva (2014), gramaticalizou-se em construções cuja estrutura é a seguinte:  $V1_{DAR} + PREP_{P(A)RA} + V2_{INFINITIVO}$ . Podemos observar essa estrutura nos exemplos a seguir:

(6) “Não se podia dizer que fosse de mau modo, mas **dava** pra ver que era má vontade (...)” (séc. XX) (forma gramatical = auxiliar marcador de modalidade epistêmica)

(7) “O sujeito já **deu** pra beber, está jogando, e, tolo, bem tolo, vendeu-se à Supi.” (séc.XX) (forma gramatical = auxiliar marcador aspectual)

Destaque-se que na pesquisa de Ferreira, Rassi e Basso (2017) já é registrada a variação das preposições “de” e “para” após o verbo “dar”. E essa variação acontece quando o “dar” é modal. Os autores apresentam esse uso como uma estrutura semifixa, correspondendo a: “dar de/pra + INFINITIVO”.

(8) Essa construção **dá pra/de** fazer bonito, né?!

(9) Esse menino **dá pra** professor<sup>3</sup>.

No entanto, Silva (2018, p. 92) afirma que “nas construções com valor aspectual, há variação no uso da preposição, como em —deu de reclamar e —deu p(a)ra reclamar, o que não se verifica nas construções modais, como em —dava para ler e —dava a/de ler”.

Nesta pesquisa, é importante ressaltar, que foi analisado somente o verbo “dar” como auxiliar (tanto modal quanto aspectual). Dessa forma, observaremos a regência do verbo “dar” na seguinte estrutura:  $V1_{\text{DAR}} + \text{PREP}_{\text{PARA (PRA)/DE}} + V2_{\text{INFINITIVO}}$ .

O *corpus* utilizado nesta investigação constitui-se de dados de fala, coletados por meio da pesquisa de campo (entrevista sociolinguística), realizada em Humaitá (zona urbana e distrito de Auxiliadora), no mês de janeiro de 2020. Foram analisados também, dados de fala do programa CoLingAM (Corpus Linguajar Amazonense), que constitui uma peça documental das variedades dialetais da fala das comunidades amazonenses em um momento histórico específico (entrevistas coletadas entre 2013 e 2014). Ainda, foram feitas coletas de dados escritos em redes sociais: conversas em grupos de *Whatsapp* e *Facebook*, no período de 2015 a junho de 2020.

Para investigar a variação “da construção verbal  $V1_{\text{DAR}} + \text{PREPOSIÇÃO}_{\text{PARA/PRA/DE}} + V2_{\text{INFINITIVO}}$ ”, na fala dos moradores de Humaitá (AM), à luz da Teoria da Variação e Mudança Linguística, foi analisada a fala, do *corpus* da pesquisa de campo, de 19 informantes, sendo dez da zona rural e nove da zona urbana, assim estratificados: ‘idade’ (18 e 35 anos, 36 e 55 anos e mais 56 anos); ‘escolaridade’ (5 a 8 anos /Ensino Fundamental II e 9 a 11 anos/Ensino Médio) e ‘sexo’ (homem e mulher). Os dados do programa CoLingAM contam com dados de 12 informantes, assim estratificados: seis da zona rural e seis da zona urbana, sendo dois adolescentes (com idades entre 14 e 17 anos), dois adultos (entre 25 e 45 anos) e dois idosos (acima de 60 anos), sempre um homem e outro mulher, controlando o nível de escolaridade (ensino médio, completo ou incompleto).

Quanto às redes sociais, não foi possível estratificar o *corpus* pela ‘idade’, só sendo possível controlar ‘sexo’ dos informantes’.

---

<sup>3</sup> Observa-se neste exemplo a ausência do verbo “ser” no infinitivo, no entanto, o verbo “ser” ocorre de forma implícita na oração “Esse menino dá pra **ser** professor”.

Para análise do fenômeno, foram controladas variáveis independentes, no nível linguístico: referentes ao Verbo 1 (Doravante V1) – ‘formas nominais’, ‘tipo de auxiliar (modal, aspectual)’, ‘tempo verbal’ e ‘pessoa verbal’; referentes ao Verbo 2 (Doravante V2) – ‘paradigma verbal: conjugação’, ‘paradigma verbal: radical’ e ‘traço semântico’; e no nível extralinguístico: ‘zona’, ‘sexo’, ‘idade’ e ‘escolaridade’ para os dados de fala, e ‘recorte temporal’, ‘rede social’ e ‘sexo’, para os dados escritos. Ressalta-se que foi utilizado o programa estatístico *Goldvarb X* (SANKOFF, TAGLIAMONTE e SMITH, 2005) para realizar a análise dos dados.

Esta dissertação está organizada em três capítulos. No primeiro, apresentam-se os pressupostos teórico-metodológicos adotados nesta pesquisa: A Sociolinguística Variacionista (Teoria da Variação e Mudança Linguística); também, delimitou-se o fenômeno aqui investigado através do que citam alguns Dicionários e Gramáticas Normativas, bem como uma breve revisão bibliográfica de alguns trabalhos variacionistas/sociofuncionalistas realizados no Brasil: Velloso (2007), Martelotta (2011), Coelho e Silva (2014), Ferreira, Rassi e Basso (2017), Coelho e Souza (2017), Silva (2018) e Görski (2020). Ao final do capítulo, são traçados os objetivos, questões e hipóteses.

No segundo capítulo, são apresentados os procedimentos metodológicos utilizados para a obtenção dos dados utilizados nesta pesquisa, tanto pelo programa CoLingAM quanto pela pesquisa de campo. Apresenta-se o perfil dos informantes que foram entrevistados, o caráter das entrevistas, o tratamento do áudio, a transcrição dos dados, o suporte quantitativo e o perfil sócio-histórico da cidade de Humaitá (AM). Ainda, apresentam-se informações acerca do *corpus* escrito (redes sociais). E ao término dele, são apresentadas a variável dependente e as variáveis independentes que foram controladas para análise da variação “a construção verbal  $V1_{\text{DAR}} + \text{PREPOSIÇÃO}_{\text{PARA/PRA/DE}} + V2_{\text{INFINITIVO}}$ ”.

No terceiro capítulo, têm-se as discussões dos resultados, apresentando, assim, os resultados percentuais e estatísticos tanto dos dados de fala quanto dos dados de escrita, de acordo com a análise do *Goldvarb X*. E, por fim, as considerações finais.

Enfim, com a realização desta pesquisa espera-se ter obtido conhecimento a respeito da variedade linguística de Humaitá (AM), contribuindo, dessa forma, para o conhecimento das áreas dialetais brasileiras, sobretudo, acerca da variação “da construção verbal  $V1_{\text{DAR}} + \text{PREPOSIÇÃO}_{\text{PARA/PRA/DE}} + V2_{\text{INFINITIVO}}$ ” no falar dos moradores do município de Humaitá (AM), bem como ter colaborado para o avanço dos estudos sociolinguísticos na região norte, visando despertar um maior interesse pela pesquisa, análise e registro do falar amazonense.

## CAPÍTULO 1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Este capítulo está subdividido em três seções. Na primeira, será discorrido sobre os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, a qual norteará a discussão a respeito da variável dependente sob investigação, “*a construção verbal V1<sub>DAR</sub> + PREPOSIÇÃO<sub>PARA/PRA/DE</sub> + V2<sub>INFINITIVO</sub>*” no falar humaitaense (AM). Na segunda, são tratados sobre os significados do verbo “dar”, encontrados no Português Brasileiro (doravante PB). Para isso, recorreu-se aos dicionários e gramáticas normativas, bem como serão observados alguns trabalhos variacionistas/funcionalistas sobre o verbo “dar” realizados no PB, com o intuito de encontrar explicações e respostas acerca do fenômeno em estudo. E, por fim, na terceira seção, serão apresentados os objetivos, as questões e as hipóteses desta pesquisa.

### 1.1 A SOCIOLINGUÍSTICA

Durante muito tempo, os estudos acerca da língua estiveram desvinculados de aspectos sociais, pois ainda não havia sido comprovado que a influência de elementos externos a ela seria também responsável pelas variações e, conseqüentemente, mudanças.

Nos estudos estruturalistas, por exemplo, definia-se a língua como abstrata, um sistema estruturado e homogêneo. No final do século XIX, na Europa, as discussões acerca da língua que mais se destacavam eram as do linguista suíço Ferdinand de Saussure. Para ele, a língua é elaborada pela sociedade e somente nela é social.

Saussure definiu a língua como o único objeto de estudo da Linguística, de acordo com a emblemática frase do Curso de Linguística Geral: “a linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma” (2006 [1916], p. 271).

Para Saussure, a variabilidade e a sistematicidade se excluía. Entretanto, ao definir língua como produto social (multi-individual) e homogêneo não ofereceu nenhum meio efetivo para construir a comunidade de fala a partir de vários desses idioletos, tampouco ofereceu um método efetivo para constituir uma única língua a partir de estágios homogêneos cronologicamente discrepantes (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1975]).

De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006, [1975], p. 56),

Tem se enfatizado muito que, ao distinguir a fala [*parole*] da língua [*langue*], Saussure rompeu com o psicologismo característico do pensamento neogramático: ele via a língua como social e a fala como individual. Entretanto, observemos que Saussure nada tem a dizer de concreto sobre a comunidade como matriz do desempenho da fala individual. Em particular, não há nada em sua teoria que

pudesse acomodar uma língua heterogênea salvando-a ao mesmo tempo como um objeto legítimo da investigação sincrônica.

Para os referidos autores, Saussure não concebia a língua em sua heterogeneidade, pelo contrário, distinguia a fala individual dos aspectos sociais da língua. Em contrapartida, Meillet surge com uma nova proposta, o caráter social da língua, definindo-a preferencialmente como um fato social. Ele acredita que a única forma para se explicar a variação linguística é estudando a mudança social.

Segundo Meillet (*apud* CALVET, 2002, p. 13),

A linguagem é eminentemente um fato social. Com efeito, ela entra exatamente na definição proposta por Durkheim; uma língua existe independentemente de cada um dos indivíduos que a falam e, mesmo que ela não tenha nenhuma realidade exterior à soma desses indivíduos, ela é contudo, por sua generalidade, exterior à eles.

Meillet era filiado ao sociólogo Émile Durkheim, logo, postulava que a língua é ao mesmo tempo um fato social e um sistema que tudo contém, bem como ressalta a independência e exterioridade dela em relação ao falante.

Sob essa perspectiva, alguns linguistas, a começar por Basil Bernstein, na Inglaterra, também tentam romper com esse conceito, propondo um modelo que associa as mudanças aos fatos sociais, porém, tendo como alicerces os fundamentos empíricos.

Bernstein fez um estudo acerca do aprendizado das crianças da classe operária, partindo da constatação de que elas teriam uma taxa de fracasso escolar maior que as crianças de classe mais abastada. Ao analisar as produções linguísticas reais de crianças em escolas, segundo Calvet (2002, p. 18), Bernstein definiu dois códigos: o restrito, dominado por crianças menos favorecidas e o elaborado, dominado por crianças mais favorecidas, que dominam também o código restrito. Calvet esclarece ainda que

Em seus trabalhos, incessantemente retomados e esclarecidos, Bernstein está especialmente preocupado com problemas de lógica e de semântica. Sua tese principal é de que o aprendizado e a socialização são marcados pela família em que as crianças são criadas, que a estrutura social determina, entre outras coisas, os comportamentos linguísticos (2002, p. 18).

Portanto, os estudos de Bernstein representaram um grande passo para as futuras pesquisas sociolinguísticas, uma vez que, fundamentadas em experiências empíricas, apresentavam a ideia da influência que o meio social exercia sobre a aquisição da linguagem, bem como, “era a primeira vez que se tentava uma descrição da diferença linguística partindo da diferença social” (CALVET, 2002, p. 19).

Nos Estados Unidos, segundo Bortoni-Ricardo (2014, p. 52),

Os pioneiros da Sociolinguística, nos Estados Unidos, eram linguistas com formação estruturalista, mas sofreram também o influxo dos dialetólogos, principalmente porque um dos principais nomes desse grupo, William Labov, teve como mentor Uriel Weinreich [1926-1967], de formação dialetológica, que se tornou conhecido especialmente pelo relevante livro *Línguas em contato*, de 1953, no qual ele introduz o conceito de interlíngua. Weinreich, por sua vez, havia sido discípulo de André Martinet, renomado estruturalista francês. A sociolinguística americana vai-se haurir, pois nessas duas fontes.

Weinreich, Labov e Herzog destacam-se em seus estudos por ressaltarem a importância da heterogeneidade linguística, criticando, dessa forma, o conceito de língua homogênea postulado por Saussure, assim como mostram que essa heterogeneidade é ordenada, rompendo, dessa forma, com a ideia vigente de que sistematicidade e variabilidade se excluem. Nesse sentido, publicam, em 1968, o livro *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Consoante Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1975], p. 88),

Sugerimos que a solução para essa questão fundamental repousa na decisão de romper com a identificação da estruturalidade com a homogeneidade. No lugar dela, propusemos que uma explicação razoável da mudança dependerá da possibilidade de descrever a diferenciação ordenada dentro da língua.

Para os autores, esse rompimento foi fundamental para os avanços dos estudos sociolinguísticos, uma vez que somente entendendo a heterogeneidade da língua é possível traçar uma estratégia para um estudo de mudança linguística, bem como que os aspectos externos podem auxiliar na compreensão de mudanças internas a ela.

Muitos outros estudos foram desenvolvidos na tentativa de se compreender o processo de mudança linguística, mas foi somente com base nos estudos empíricos de Friedrich (1966) que confirmaram, segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1975], p. 99),

o modelo de um sistema ordenadamente heterogêneo em que a escolha entre alternativas linguísticas acarreta funções sociais e estilísticas e que muda de acordo com as mudanças na estrutura social.

Esse modelo reforça a ideia da função estilística da língua, que nos permite fazer escolhas de linguagem de acordo com a ocasião, localidade ou pessoas com as quais se está lidando num referido momento.

Ainda sob a concepção de língua como sistema heterogêneo, Labov (2008) indica que as relações estruturais dentro da língua não têm caráter imediato, categórico e instantâneo. Afirma que, linguistas que desejam evitar o estudo dos fatores sociais não conseguirão avançar muito fundo nesse sistema, pois existe uma matriz social em que a mudança está encaixada, tanto quanto uma matriz linguística.

A partir da década de 1960, começam os estudos de variedades urbanas, estudo do contato entre línguas e dialetos. Labov (2008), por exemplo, inicia seus estudos de variedades urbanas com um trabalho desenvolvido em Martha's Vineyard, uma ilha do estado de Massachusetts, separada do continente por cerca de cinco quilômetros do Oceano Atlântico.

O fenômeno investigado foi a centralização da primeira vogal dos ditongos /ay/ e /aw/ pelos moradores da ilha. Tendo como variantes o [ay] não centralizado e o [↔y] centralizado, bem como o [aw] não centralizado e o [↔w] centralizado. O objetivo do estudo era entender a estrutura interna do inglês vineyardense, incluindo as diferenças sistemáticas que já existem e as mudanças que ocorriam naquele momento.

A primeira etapa do estudo baseou-se em pesquisas e teorias mais antigas para traçar o procedimento de investigação a ser utilizado. Foi necessário conceber um modelo de entrevista que fornecesse vários exemplos na fala espontânea, na fala emocionalmente carregada, na fala monitorada e no estilo leitura.

Elaborou-se então: um questionário lexical, usando os marcadores regionais, concentrando-se nas palavras com /ay/ e /aw/; perguntas acerca de juízos de valor, de tal modo a suscitar respostas contendo as formas /ay/ e /aw/; um texto para leitura especial, usado na escola secundária, como um teste da habilidade de ler naturalmente uma história.

Também foram feitas observações em situações espontâneas, por exemplo, nas ruas, lanchonetes, restaurantes, bares, lojas, embarcadores e outros lugares onde o som das conversas podia ser anotado. As informações básicas foram reunidas no curso de 69 entrevistas com falantes nativos da ilha, feitas em três períodos: agosto de 1961, final de setembro-outubro de 1961 e janeiro de 1962.

Dos 69 entrevistados, 40 são moradores da ilha alta e 29 da ilha baixa. Os grupos ocupacionais mais importantes estão representados: 14 na pesca, 8 na agricultura, 6 na construção, 19 no ramo de serviços, 3 profissionais liberais, 5 donas de casa e 14 estudantes. Os três principais grupos étnicos estão representados: 42 descendentes de ingleses, 16 de portugueses e 9 de índios.

Foram entrevistados falantes de diversas idades, variando entre 14 e 15 anos, entre os estudantes secundaristas, e adultos divididos em categorias: mais de 60 anos, 46 a 60 anos, 31 a 45 anos e menos de 30 anos. Os resultados dessas entrevistas foram de cerca de 3.500 ocorrências de (ay)<sup>4</sup> e 1.500 ocorrências de (aw).

---

<sup>4</sup> Labov utiliza os parênteses para indicar que se trata de um fenômeno variável.

Labov (2008) observou que em Martha's Vineyard há uma notável herança fonética dos colonos de Yankees, especialmente em Chilmark, onde o grupo de moradores luta por manter sua identidade. O estudo mostrou que o uso centralizado, ou não, da primeira vogal dos referidos ditongos dependia do desejo do morador, de forma inconsciente, de se reafirmar como nativo, renegando a pressão social feita pelas culturas dos visitantes e veranistas, ou de revelar a vontade de deixar a ilha. Martins (2013, p. 28) faz uma análise dos resultados obtidos por Labov (2008).

Na pesquisa realizada por ele, por exemplo, em Martha's Vineyard, Massachusetts, em 1962, foi constatado que a centralização dos ditongos /ay/ > [əi] e /aw/ > [əu] quanto à *faixa etária* era mais favorecida por informantes de 31 a 45 anos, faixa que se mostrava mais conservadora já que eles apresentavam um alto grau de pertencimento à ilha, avessos, portanto, à presença dos turistas. Os mais jovens, por quererem sair da ilha, centralizavam menos esses ditongos, revelando-se menos conservadores do falar local. A *ocupação* também foi um fator interessante já que os pescadores de um lugarejo chamado Chilmark, cujos moradores eram descendentes de ingleses, mostraram-se favorecer mais a centralização dos ditongos. Esses resultados evidenciam a questão da identidade e da atitude dos falantes perante à ilha.

Martins (2013) constata que, para Labov, as diferentes posturas linguísticas eram as formas com as quais os falantes nativos assumiam para demarcar sua identidade cultural. Ao mesmo tempo em que os adultos se mostravam conservadores e desejavam pertencer à ilha, os jovens demonstravam o desejo de mudança de localidade. Esse fator foi crucial para as conclusões do trabalho, uma vez que determinavam o uso da linguagem na ilha.

Labov (2008, p.57) afirma que

Fica evidente que o significado imediato desse traço fonético é “vineyardense”. Quando um homem diz [r vIt] ou [hɜUs], está inconscientemente expressando o fato de que pertence à ilha: de que ele é um dos nativos a quem a ilha realmente pertence. Nesse sentido, a centralização não é diferente de nenhum dos outros traços subfonêmicos de outras regiões que são distinguidas por seu dialeto local. O problema é: por que esse traço se desenvolveu de um modo tão complexo em Martha's Vineyard, e por que está se tornando mais forte nas faixas etárias mais jovens?

A pesquisa de Labov foi pioneira para o desenvolvimento da Teoria Variacionista, que também ficou conhecida como Teoria Laboviana. As técnicas desenvolvidas por ele foram aprimoradas e são tomadas como base para muitos estudos sociolinguísticos atuais.

A esse respeito, Labov (2008, p. 62) afirma que:

As técnicas desenvolvidas em Martha's Vineyard foram mais tarde refinadas e aplicadas a uma situação muito mais complexa, no coração urbano de Nova York. [...] Lá as exigências de amostragem têm que ser muito mais rígidas; e as técnicas empregadas para avaliar o significado social das pistas linguísticas têm que ser mais

sutis e complexas. Contudo, a abordagem básica de isolamento das variáveis socialmente significativas e de correlação delas com os padrões das forças sociais gerais foi a mesma usada em Martha's Vineyard. Podemos esperar que estes métodos nos dêem uma compreensão melhor do mecanismo da mudança linguística.

Foi a partir dos métodos e técnicas desenvolvidas por Labov que avançaram as pesquisas em busca de explicações para a variação e a mudança linguística. Dessa forma, consolida-se a Sociolinguística, definindo a língua como um fato social, objeto de seu estudo.

Labov, então, elege a comunidade de fala como *locus* do estudo da língua. Segundo ele,

a comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada no uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas; estas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso (LABOV, 2008 [1972], p. 150).

Ou seja, Labov esclarece que, ao analisar a comunidade de fala e não o indivíduo, consegue-se observar a uniformidade das normas compartilhadas pelo grupo, bem como o modo de variação das variantes, à medida que permanecem em uso ou desaparecem na fala desse grupo. A esse respeito Coelho *et al.* (2018, p.67) explicitam que

Embora a TVM<sup>5</sup> reconheça a dimensão individual do uso da língua, não é este o seu interesse maior. Para essa teoria, a variação e a mudança só se revelam em sua sistematicidade quando o pesquisador considera o contexto social em que a língua é usada, analisando a estrutura e evolução da língua a partir de sua interação com a sociedade. Na proposta laboviana, portanto,

|  |
|--|
| O <i>LOCUS</i> DO ESTUDO DA LÍNGUA É A COMUNIDADE DE FALA, NÃO O INDIVÍDUO |
|--|

Fica evidente a proposta de Labov (2008) para que o *locus* da pesquisa sociolinguística seja a comunidade de fala, uma vez que explica o meio social como agente de transformação da língua. Destarte, os estudos linguísticos vão tomando um rumo ao que é social e não individual.

Bortoni-Ricardo (2014, p. 53) explica que

a Sociolinguística laboviana é também conhecida como correlacional, por admitir que o contexto social e a fala são duas entidades distintas que podem ser correlacionadas. A explicação estrutural para os fenômenos heterogêneos do comportamento linguístico é investigada, na Sociolinguística correlacional, por meio da correlação estatística entre esses fenômenos não categóricos, isto é, que variam de um enunciado para outro, de um falante para outro, ou até de um estilo para outro no repertório do mesmo falante, com entidades linguísticas e sociais.

<sup>5</sup> Teoria da Variação e Mudança Linguística.

Dessa forma, a Sociolinguística se preocupa com o estudo de fenômenos linguísticos que não são categóricos, isto é, que estejam em variação. Segundo Mollica e Braga, “a variação linguística constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes” (2017, p.10).

A variação linguística pode ser estável, quando as variantes são coexistentes, ou em competição, quando uma das variantes tende a prevalecer e outras a desaparecerem. Muitas vezes, há uma distinção entre as variantes, sendo algumas consideradas de maior prestígio, principalmente no campo social.

Portanto, é muito comum aos estudiosos da língua notar se existe uma alternância de formas diferentes para se referir a um mesmo significado representacional, entretanto, nem sempre esse fenômeno é perceptível aos falantes. Dessa forma, Coelho *et al.* (2018, p.16) esclarecem

A variação linguística é o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado. Para um sociolinguista, o fato de em uma comunidade, ou mesmo na fala de um único indivíduo, conviverem tanto a forma ‘tu’ quanto a forma ‘você’ não pode ser considerado marginal, acidental ou irrelevante em termos de pesquisa e de avanço de conhecimento. A variação é inerente às línguas, e não compromete o bom funcionamento do sistema linguístico nem a possibilidade de comunicação entre os falantes – o que podemos perceber quando observamos que as pessoas à nossa volta falam de maneiras diferentes, mas sempre se entendendo perfeitamente.

Compreende-se, portanto, que as variações linguísticas são responsáveis pela riqueza de construções linguísticas de uma comunidade. Ainda que haja diferença nos falares dos indivíduos, não afeta a comunicação ou, muitas vezes, caracteriza-os como falantes de uma comunidade de fala, fazendo assim, com que seja uma forma de identidade linguística e cultural desses indivíduos.

Em consonância com o significado de variação, precisa-se também definir variável e variante. Segundo Coelho *et al.* (2018, p. 17),

comumente chamamos de **variável** o lugar na gramática em que localizamos variação, de forma mais abstrata. [...] Chamamos de **variantes** as formas individuais que ‘disputam’ pela expressão da variável (Grifo dos autores).

Logo, compreende-se que variável é quando podemos identificar a variação em um nível da gramática (fonético-fonológico, morfológico, sintático, etc.) e as variantes são as formas diferentes que se usa para esse fim. Coelho *et al.* (2018, p.18) discorrem que

Em um caso de variação, as formas variantes costumam receber valores distintos pela comunidade. [...] vale estabelecermos a diferença entre as **variantes padrão** e **não-padrão**. As variantes padrão são, *grosso modo*, as que condizem com as

prescrições dos manuais de norma padrão; já as variantes não-padrão se afastam desse modelo. Mesmo que não seja a variante mais usada por uma comunidade, a variante padrão é, em geral, a variante **de prestígio**, enquanto a não-padrão é muitas vezes **estigmatizada** por essa comunidade – pode haver comentários negativos à forma ou aos falantes que a empregam. Ademais, as variantes padrão tendem a ser **conservadoras**, fazendo parte do repertório linguístico da comunidade há mais tempo, ao passo que as variantes não-padrão tendem a ser **inovadoras** na comunidade (Grifos dos autores).

Os autores ressaltam que, comumente, as variantes não prestigiadas socialmente são alvo de preconceito linguístico, o que acarreta, muitas vezes, uma falsa ideia de “falar errado” entre os falantes de uma mesma comunidade.

No entanto, a variação não se dá de forma aleatória, ela recebe influências tanto internas, da própria língua, quanto externas, dos grupos de fatores externos. Mollica (2017, p.11) ressalta que

Uma variável é concebida como dependente no sentido que o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores (ou variáveis independentes) de natureza social ou estrutural. Assim, as variáveis independentes ou grupos de fatores podem ser de natureza interna ou externa à língua e podem exercer pressão sobre os usos, aumentando sua frequência de ocorrência.

Mollica (2017) reafirma a influência que as variáveis independentes exercem sobre o fenômeno da variação linguística. Entende-se, portanto que, tanto quanto as variáveis independentes linguísticas, os grupos de fatores extralinguísticos devem ser considerados em uma pesquisa sociolinguística, uma vez que, como cita Labov (2008, p. 215) “a língua é uma forma de comportamento social [...] ela é usada por seres humanos num contexto social, comunicando suas necessidades, ideias e emoções uns aos outros”, logo, pode-se obter explicações para suas mudanças por meio de fatores externos à língua. As variáveis independentes, que podem ser linguísticas ou extralinguísticas, também são chamadas de condicionadores. Coelho *et al.* (2018, p. 20) definem:

Os condicionadores, em um caso de variação, são os fatores que regulam, que *condicionam* nossa escolha entre uma ou outra variante. É o controle rigoroso desses fatores que nos permite avaliar em que tipo de ambiente, tanto linguístico quanto extralinguístico, uma variante tem maior probabilidade de ser escolhida em detrimento de sua(s) “rival(is)” (Grifos dos autores).

Os autores ressaltam o fato de que as “escolhas” linguísticas são reguladas por vários fatores, no caso, os condicionadores. São esses fatores que possibilitam ao falante a “escolha” das variantes em uso, embora nem sempre essa escolha seja feita de forma consciente. No que concerne às variáveis independentes extralinguísticas, pesquisas mostram que estas exercem

grande influência no fenômeno da variação linguística. A esse respeito, Mollica (2017, p. 27) afirma que:

Das variáveis externas ou não linguísticas, registram-se os marcadores regionais predominantes em comunidades facilmente identificadas geograficamente, em simultaneidade a indicadores de estratificação estilístico-social, de forma que a variação projeta-se num contínuo em que podem se descrever tendências de uso linguístico de comunidade de fala caracterizadas diferentemente quanto ao perfil sociolinguístico. As variáveis, tanto linguísticas quanto não linguísticas, não agem isoladamente, mas operam num conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes semanticamente equivalentes. Por exemplo, agentes como escolarização alta, contato com a escrita, com os meios de comunicação de massa, nível socioeconômico alto e origem social alta concorrem para o aumento na fala e na escrita das variedades prestigiadas, admitindo-se que existam pelo menos o padrão popular e o culto.

A autora destaca alguns condicionadores extralinguísticos que podem ser investigados em uma pesquisa sociolinguística e que podem exercer influência sobre as escolhas linguísticas dos falantes de uma determinada comunidade. Dentre esses condicionadores, Mollica destaca a '*regionalidade*' e o '*grau de escolaridade*'. Entretanto, há outros condicionadores que podem ser estratificados, por exemplo, '*sexo*', '*faixa etária*' e '*nível socioeconômico*'.

A respeito do condicionador '*sexo*' no estudo da palatalização de /t/ e /d/ em São Borja, com dados do VARSUL, Pires concluiu que

A variável sexo, a segunda mais relevante, apontou que o fenômeno ocorre predominantemente na fala das mulheres, corroborando as tendências mostradas em grande número de pesquisas realizadas no Brasil, ou seja, as mulheres parecem conduzir a mudança linguística em direção à variável inovadora, se esta for de maior prestígio (PIRES, 2007, p. 20, *apud* FREITAG, 2015).

Pires aborda uma questão clássica: a de que as mulheres do ocidente costumam utilizar mais as variantes que se aproximam da linguagem padrão. No entanto, cada pesquisa pode apresentar resultados diferentes, portanto, são hipóteses que podem se comprovar ou não por meio dos resultados.

Acerca da variável idade, Coelho *et al.* (2018, p.44) postulam que

A relação entre variação linguística e idade do falante tem suscitado muitas reflexões entre os sociolinguistas no Brasil e no mundo, pois, em geral, no controle desse condicionador entra em jogo a questão da mudança linguística. (...) *variação* implica duas ou mais formas que concorrem para expressar um mesmo significado referencial/representacional, enquanto *mudança* implica processo de substituição gradual de uma forma por outra. Para alguns autores, a variação condicionada pela faixa etária dos falantes tem um nome próprio: *variação diageracional*.

A questão levantada pelos autores é que nem sempre uma variação implica em mudança linguística, por isso, essa variável, muitas vezes, pode causar um problema na interpretação do sociolinguista a respeito da variação, se é inovadora ou –mais conservadora.

A esse respeito, Paiva e Duarte (2017, p. 179) explicam que

O estudo da mudança em tempo real no tempo aparente, ainda que teoricamente sustentável, se depara com dificuldades nem sempre contornáveis com os recursos heurísticos disponíveis. A primeira se refere à própria validade da hipótese clássica acerca da aquisição da linguagem. A segunda dificuldade está no fato de que correlações sistemáticas com a variável idade não são, muitas vezes, índices conclusivos de uma mudança em progresso na língua. A predominância de uma determinada variante linguística na fala de pessoas mais jovens coloca o pesquisador frente a duas possibilidades: a) trata-se da instalação gradual de uma nova variante na língua (mudança linguística propriamente); b) trata-se de uma diferenciação linguística etária que se repete a cada geração. Isto é, os falantes de uma língua alteram seu comportamento linguístico ao longo do seu percurso de vida, sem que se observem alterações no sistema (mudança geracional).

As autoras abordam duas dificuldades encontradas ao se fazer a análise da variável idade, levantando duas hipóteses que podem influenciar nos resultados desse estudo: a primeira hipótese é a de que pode estar havendo uma mudança propriamente ao se observar que uma nova variante está sendo incorporada à língua; a segunda trata de uma questão estilística, que faz com que os falantes diferenciem o modo de falar de acordo com a faixa etária.

Tão importante quanto os condicionadores externos são os condicionadores internos à língua. Coelho *et al.* (2018, p. 23) tratam esses condicionadores como “a variação vista de dentro da língua” e assim dividem os níveis linguísticos, em que ocorre a variação, com seus respectivos controles de condicionadores linguísticos:

- a. variação lexical;
- b. variação fonológica;
- c. variação morfofonológica, morfológica e morfossintática;
- d. variação sintática;
- e. variação discursiva.

Para exemplificar, este estudo trata de uma pesquisa de cunho sintático, uma vez que analisará um fenômeno de variação linguística que envolve a relação de subordinação que ocorre entre o verbo (“dar” auxiliar) e seus complementos (preposição + verbo no infinitivo). Para esse fenômeno, alguns condicionadores linguísticos têm sido controlados em pesquisas sócio/funcionalistas (cf. seção 1.2), como por exemplo: ‘traço semântico do V2’, ‘tipo de auxiliar V1’, etc.

Enfim, a sociolinguística representa um grande avanço para os estudos acerca da língua, principalmente os que envolvem fenômenos de variação e mudança, explicando as causas e as motivações que estão por trás desses fenômenos. Mollica (2017, p. 9) assim define:

A sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo.

Diante dessa afirmação, entende-se que a sociolinguística é a forma científica de se investigar a variação e a mudança linguística, descrevendo-a e analisando-a. Depois dos estudos de Labov foram consolidadas as bases para as pesquisas sociolinguísticas que vêm crescendo cada vez mais como uma forma de se entender os fenômenos linguísticos nas mais diversas comunidades de fala.

## 1.2 FENÔMENO EM ESTUDO

Nesta seção, será abordado o verbo auxiliar “dar”, diferenciando e explicando o uso desse verbo como auxiliar modal e como verbo auxiliar aspectual, bem como serão apresentados alguns significados do verbo “dar”, definindo as estruturas e interpretações mais frequentes nas quais esse verbo é encontrado no PB. No início serão apresentadas as definições prescritas pelos dicionários. Em seguida, serão tratadas das acepções encontradas nas gramáticas normativas, assim como uma abordagem a respeito de trabalhos variacionistas/funcionalistas que tratam do verbo em questão. Por fim, será apresentada uma discussão a respeito das preposições “de” e “para/pra”.

### 1.2.1 O verbo auxiliar “dar”

O objeto de estudo desta pesquisa é o verbo auxiliar “dar”, na construção verbal V1DAR + PREPOSIÇÃO PARA/PRA/DE + V2INFINITIVO. Dessa forma, é preciso entender o conceito de verbo auxiliar, bem como o processo de formação do mesmo.

Castilho (2010, p. 397) aborda o processo de gramaticalização do verbo como explicação para a formação do verbo auxiliar.

O fenômeno mais interessante na gramaticalização do verbo é sua migração de verbo pleno para verbo funcional e deste para verbo auxiliar, captada pela seguinte escala:

verbo pleno > verbo funcional > verbo auxiliar

Essa escala representa uma generalização sobre as alterações sofridas pelos verbos. Ela não indica uma sequência obrigatória de pontos num percurso.

Para o autor, o verbo auxiliar é resultado de uma migração que um verbo sofre, passando de pleno a funcional, até tornar-se auxiliar. No entanto, adverte que essa migração não segue uma escala obrigatória. Castilho (2010, p. 397) postula, ainda que

Verbos auxiliares são os que desempenham papel assemelhado ao dos verbos funcionais, com a diferença que à sua direita ocorrem verbos plenos em forma nominal, aos quais os auxiliares atribuem categorias de pessoa e número, especializando-se como indicadores de aspecto, tempo, voz e modo.

Consoante Castilho, o que diferencia os verbos auxiliares dos funcionais é a forma como eles se unem aos verbos plenos, atribuindo-lhes as marcas de pessoa, número, aspecto, tempo, voz e modo.

A esse respeito, Perini (2010, p. 237) afirma que

Alguns verbos podem se combinar com o gerúndio, o infinitivo ou o particípio verbal de outro verbo, criando sequências semântica e valencialmente semelhantes a formas verbais simples. Por exemplo, *estou cantando* funciona, para efeitos de valência, como *cantávamos*: ocorrem ambos com exatamente as mesmas diáteses, que são as associadas ao verbo *cantar*. A presença da forma do verbo *estar* não afeta a valência, embora acrescente elementos de tempo, modo, pessoa e número, que em *cantávamos* são expressos pela morfologia verbal – ou seja, pelos sufixos de modo-tempo-aspecto (no caso, *-va*) e de pessoa-número (no caso, *-mos*). É a transparência valencial que caracteriza o verbo como auxiliar – ao contrário de sequências como *resolvemos cantar*, onde estão presentes, e precisam ser satisfeitas, as valências de ambos os verbos.

Perini (2010) entende o verbo auxiliar como um verbo que acrescenta elementos de tempo, modo, pessoa e número em uma perífrase verbal, desenvolvendo a mesma função dos sufixos em verbos simples. No entanto, o verbo auxiliar não influencia no significado do verbo principal, que mantém a sua valência.

Quanto ao processo de formação dos verbos auxiliares, Wachowicz (2006, p. 58) postula que

É consenso na literatura a afirmação de que os verbos auxiliares derivam, por processo de gramaticalização, de verbos plenos. Mas não são quaisquer verbos que podem assumir historicamente o comportamento de auxiliar. Há traços semânticos, presentes em todos eles, que permanecem desde a fase lexical até a fase gramatical: o traço de duração e atelicidade. É um fenômeno conhecido como “persistência” (HOOPER, 1991, *apud* SQUARTINI, 1998), em que algum valor semântico lexical do antigo verbo pleno se mantém durante o processo de gramaticalização.

*Assim como em Castilho (2010), para a autora, os verbos auxiliares são verbos plenos que sofreram um processo de gramaticalização. Entretanto, afirma que nem*

*toda carga semântica desses verbos desaparece, permanecendo algum traço do antigo verbo pleno, embora sofram esse processo de mudança de categoria.*

### 1.2.1.1 O verbo auxiliar modal e o verbo auxiliar aspectual

Como já mencionado, este trabalho tem como seu objeto de estudo o verbo “dar” auxiliar, tanto modal quanto aspectual. Dessa forma, é necessário explicar mais sobre essas formas verbais.

Tomemos como base a construção em questão que traz o V1DAR + PREPOSIÇÃO PARA/PRA/DE + V2INFINITIVO, a qual muitos gramáticos concebem como locução verbal ou perífrase verbal. O verbo auxiliar, nesse caso, vem representado pelo verbo “dar”, é nele que ocorre o fenômeno para o qual buscamos explicações. Como já explicitado, é no auxiliar que se encontram as flexões de pessoa, número, tempo e modo, no entanto, segundo Bechara (2010, p. 205), “muitas vezes o auxiliar empresta um matiz semântico ao verbo principal, dando origem aos chamados *aspectos do verbo*”.

No que se refere ao aspecto, de acordo com Cunha e Cintra (2001, p. 382, 383),

1. Diferente das categorias do tempo, do modo e da voz, o aspecto designa “uma categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a ação expressa pelo verbo”. Pode ele considerá-la como *concluída*, isto é, observada no seu término, no seu resultado; ou pode considerá-la como não concluída, ou seja, observada na sua duração, na sua repetição. É a clara distinção que se verifica em português entre as formas verbais classificadas como perfeitas ou mais-que-perfeitas, de um lado, e as imperfeitas, de outro.

Segundo os referidos autores, o aspecto verbal manifesta-se pela duração expressa pela ação verbal, logo, depende de uma interpretação para ser distinguida ou classificada. Essa ação pode significar uma conclusão ou uma repetição. Cunha e Cintra (2001, p. 382, 383) abordam ainda que

2. Além dessa distinção básica, que divide o verbo, gramaticalmente, em dois grandes grupos de formas, costumam alguns estudiosos alargar o conceito de aspecto, nele incluindo-valores semânticos pertinentes ao verbo ou ao contexto, Assim, nestas frases:  
João começou a comer.  
João continua a comer.  
João acabou de comer.  
não há, a bem dizer, uma oposição gramatical de aspecto. É o próprio significado dos auxiliares que transmite ao contexto os sentidos incoativo, permansivo e conclusivo.

Dessa forma, os autores ressaltam que, em alguns casos, é o próprio auxiliar que transfere alguns sentidos ao contexto. Os autores postulam, ainda, duas oposições de natureza aspectual:

3. São também de natureza aspectual as oposições entre:

a) FORMA SIMPLES / PERÍFRASE DURATIVA:

leio /estou lendo (ou estou a ler)

A perífrase de *estar* + GERÚNDIO (ou INFINITIVO precedido da preposição *a*), que designa o “aspecto do momento rigoroso” (Said Ali), estende-se a todos os modos e tempos do sistema verbal e pode ser substituída por outras perífrases, formadas com os auxiliares de movimento (*andar, ir, vir, viver, etc.*) ou de implicação (*continuar, ficar, etc.*):

Ando lendo (ou a ler).

Continuo lendo (ou a ler).

Vai lendo.

Ficou lendo (ou a ler).

b) *Ser / estar*.

Ele foi ferido.

Ele está ferido.

A oposição *ser / estar* corresponde a dois tipos de passividade. *Ser* forma a passiva de ação; *estar*, a passiva de estado.

Como vemos, tais oposições se baseiam fundamentalmente na diversidade de formação das perífrases verbais.

De um modo geral, pode-se dizer que as perífrases construídas com o PARTICÍPIO exprimem o aspecto acabado, concluído; e as construídas com o INFINITIVO ou o GERÚNDIO expressam o aspecto inacabado, não concluído (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 382, 383).

Os autores deixam claro que a formação das perífrases verbais gera oposições de sentidos e que já possuem um sentido pré-estabelecido.

Para ilustrar e definir o aspecto, Cunha e Cintra (2001, p. 382, 383) distinguem, entre outras, as seguintes oposições aspectuais:

1ª) ASPECTO PONTUAL / ASPECTO DURATIVO.

A oposição aspectual caracteriza-se neste caso pela menor ou maior extensão de tempo ocupada pela ação verbal, assim:

Aspecto pontual           **Acabo de ler** Os lusíadas.

Aspecto durativo           **Continuo a ler** Os lusíadas.

2ª) ASPECTO CONTÍNUO / ASPECTO DESCONTÍNUO.

Aqui a oposição aspectual incide sobre o processo de desenvolvimento da ação:

Aspecto contínuo           **Vou lendo** Os lusíadas.

Aspecto descontínuo       **Voltei a ler** Os lusíadas.

3ª) ASPECTO INCOATIVO / ASPECTO CONCLUSIVO.

O aspecto incoativo exprime um processo considerado em sua fase inicial; o aspecto conclusivo ou terminativo expressa um processo observado em sua fase final:

Aspecto incoativo           **Comecei a ler** Os lusíadas.

Aspecto conclusivo       **Acabei de ler** Os lusíadas.

Cunha e Cintra (2001) procuram demonstrar, por meio das oposições, que o valor aspectual do verbo pode ser determinado por três processos da ação: o tempo, o desenvolvimento e a fase. A partir desses três processos, os autores conseguem evidenciar como se desenvolve cada noção aspectual adotada pelo verbo.

Acerca da tipologia do aspecto, apresentamos a proposta de Castilho (2010, p. 420), conforme o Quadro 1.

**Quadro 1:** Tipologia do aspecto, de acordo com Castilho (2010)

| FACE QUALITATIVA DO ASPECTO |             | FACE QUANTITATIVA DO ASPECTO |
|-----------------------------|-------------|------------------------------|
| IMPERFECTIVO                | PERFECTIVO  | SEMELFACTIVO                 |
| Inceptivo                   | Pontual     |                              |
| Cursivo                     | Resultativo | ITERATIVO                    |
| Terminativo                 |             | Imperfectivo/Perfectivo      |

Fonte: Castilho (2010, p. 420).

Castilho (2010) apresenta o aspecto em duas faces: a Qualitativa e a Quantitativa. Na Face Qualitativa, o aspecto divide-se em: Imperfectivo, que por sua vez, subdivide-se em Inceptivo, Cursivo e Terminativo, e Perfectivo, que se subdivide em pontual e resultativo. Na Face Quantitativa, o aspecto divide-se em: Smelfactivo e Iterativo, que, por sua vez, subdivide-se em Imperfectivo/perfectivo.

No que se refere aos modais, de acordo com Görski (2020, p. 4346),

Numa perspectiva cognitivo-comunicativa, modalidade é uma categoria/função que codifica a atitude do falante em relação ao conteúdo veiculado pela proposição, envolvendo dois tipos de julgamento: epistêmico, relativo ao grau de comprometimento do falante com a verdade da proposição; e deôntico ou avaliativo, concernente a valores de desejo, intenção, habilidade, obrigação, entre outros.

Para a autora, a modalidade está diretamente ligada à atitude do falante diante da situação comunicativa e pode envolver julgamentos epistêmicos ou deônticos.

Para Perini (2010, p. 238, 239),

A definição de **auxiliar** (baseada na transparência valencial) se aplica também a outros verbos, chamados **modais**, que podem, portanto, ser acrescentados à lista dos auxiliares. Trata-se de um grupo bastante heterogêneo, semanticamente falando, mas que tem comportamento sintático e valencial análogo aos dos demais auxiliares. Os modais se conectam a um infinitivo através de preposição. Por exemplo,

*começar (a), acabar (de), terminar (de), continuar (a), parar (de)*

[5] Ele começou a chorar.

[6] Continuou a chover o dia todo.

[7] A TV acaba de estragar.

[...]

Os modais acima acrescentam um ingrediente semântico aspectual, que tem a ver com o início, o final ou a continuação do evento.

Perini (2010) esclarece que os verbos modais podem ser acrescentados à lista dos verbos auxiliares, uma vez que apresentam comportamento equivalente e unem-se ao verbo principal por meio de preposição. No entanto, eles podem representar, além do comportamento valencial, o comportamento sintático, divergindo, assim, da maioria dos verbos quando desempenham a função de auxiliar.

Steffler (2013, p. 28) discorre que

Tradicionalmente, os verbos modais são classificados como a categoria dos auxiliares do verbo que exprimem as modalidades lógicas do enunciado: com o auxílio destes, o sujeito considera o evento expresso pelo verbo possível, necessário, uma consequência lógica ou o resultado de uma decisão, conferindo ao enunciado atribuições de ordem objetiva ou subjetiva, como certeza, capacidade, dúvida, hipótese, vontade ou declaração. [...] Os verbos modais comportam-se como verbos auxiliares, não podendo, portanto, formar, sozinhos, o predicado da oração. Assim, os verbos modais podem exercer sua função apenas em combinação com verbos de sentido pleno no infinitivo.

Dessa forma, Steffler esclarece que os verbos modais auxiliam o locutor a expressar a intenção do seu discurso, seja ela objetiva ou subjetiva. Esclarece, ainda, que não é possível formar predicados com os verbos modais sozinhos, uma vez que eles se portam como verbos auxiliares, ou seja, ocorrem somente em combinação com os verbos de sentido pleno.

Velloso (2007, p. 42) alude Palmer (1986) como “o tratado canônico da Modalidade” em seu trabalho “Um Estudo da Idiomatização da Construção Modal com o Verbo Dar no Português do Brasil” e cita que

Com as características tipológico-discursivas que lhe são próprias (uma exploração da categoria da Modalidade aplicável interlinguisticamente), Palmer (1986) estabelece as principais significações modais ao esclarecer que a Modalidade é uma categoria do discurso, independentemente da expressão que venha a obter numa língua dada: Verbos Auxiliares, como em Inglês, inflexões morfológicas como no Latim, no Grego Clássico (*op.cit.*:1-2) ou em Ngiyambaa (língua neutra Australiana), que usa também um sistema de clítico para marcar Evidencialidade (*op.cit.*: 46). Palmer (1986:1-8) fundamenta seu estudo em duas premissas fundamentais: (1) a categoria gramatical Modalidade pode ser reconhecida na maioria das línguas estudadas, assim como são reconhecidas as categorias de Gênero, Número, Aspecto e Tempo; (2) é possível tipificá-la, ou seja, identificá-la, descrevê-la e classificá-la nessas diferentes línguas.

Segundo Velloso (2007), Palmer classifica a modalidade como uma categoria do discurso, bem como salienta as premissas que fundamentaram a sua pesquisa: o reconhecimento da modalidade na maioria das línguas e a possibilidade de sua identificação, descrição e classificação nelas.

Velloso (2007, p. 44), para definir os auxiliares modais, cita Palmer (1986) e apresenta as acepções do autor:

definindo que a modalidade pode ser classificada como **Epistêmica**, que se refere às condições de conhecimento, crença, opinião do falante, mais do que ao fato em si; enquanto modalidade **Deontica** refere-se à necessidade ou possibilidade de ação de agentes moralmente responsáveis.

De acordo com as definições apresentadas, o que diferencia os dois tipos de modalidade são as situações que cada uma representa, sendo que a epistêmica está mais relacionada a fatores subjetivos, tais como opiniões e crenças: “Não se podia dizer que fosse

de mau modo, mas **dava pra ver** que era má vontade [...]” (COELHO e SILVA, 2014, grifos dos autores) e a deôntica, está relacionada a fatores mais ligados às habilidades que determinam a necessidade/possibilidade de nossas ações: “Não **dá para ir** de roupa curta na missa” (SOUZA, 2016, grifos do autor).

Ainda a respeito da classificação dos modais, Steffler (2013, p. 22 *apud* HAAN, 2005, p. 6) cita que,

Seguindo os lógicos (seguindo a partir de von Wright, 1951), a divisão original é entre modalidade epistêmica e deôntica. A modalidade epistêmica, como em *João deve ter estado em casa*, refere-se ao grau de certeza que o locutor tem de que aquilo que está dizendo é verdade. A modalidade deôntica, como em *João deve ir para a escola*, trata do grau de poder exercido no sujeito da sentença para realizar uma ação.

Segundo o autor, a primeira classificação foi entre deôntica e epistêmica, sendo a modalidade epistêmica relacionada à convicção da verdade daquilo que é dito pelo locutor e a modalidade deôntica relacionada ao domínio que o sujeito exerce para cumprir certa ação.

Para a análise dos verbos auxiliares modais neste trabalho, considerou-se dois tipos: Modal Deôntico e Modal Epistêmico.

### 1.2.2 O que dizem os Dicionários, Gramáticas Normativas e Trabalhos variacionistas/funcionalistas?

O verbo em questão nesta pesquisa é o verbo “dar” que permite uma enorme variedade de construções, podendo representar construções como verbo intransitivo, transitivo direto, transitivo direto e indireto, podendo ainda ser transitivo preposicionado ou oblíquo, acompanhado de diversas preposições e veiculando vários sentidos. A professora Edite Prada<sup>6</sup> registra algumas dessas construções (Quadro 2).

**Quadro 2:** Construções com o verbo “dar” pela professora Edite Prada<sup>7</sup>

| Forma verbal | Significado              | Exemplos                         |
|--------------|--------------------------|----------------------------------|
| dar a        | chegar, orientar-se para | Esta rua vai dar ao rio.         |
|              | Começar                  | Deu a correr. (Br.)              |
| dar com      | Encontrar                | Dei com o gato.                  |
|              | Condizer                 | A saia dá com a blusa.           |
|              | Bater                    | Dei com o cotovelo na porta.     |
| dar de       | <b>Começar</b>           | <b>Deu de correr. (Br.)</b>      |
| dar em       | tornar-se                | Deu em doido.                    |
|              | Incidir                  | O sol dá no quarto toda a manhã. |

<sup>6</sup> Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-regencia-do-verbo-dar/13859>

<sup>7</sup> Os exemplos destacados em amarelo são os que se aproximam do uso do verbo “dar” investigado neste trabalho.

|  |                        |   |
|--|------------------------|---|
|  | (não) resultar         | O caso deu em nada.                           |
|  | começar, mudar         | Deu em mentir.                                |
|  | Bater                  | O navio deu num rochedo.                      |
| dar para   | chegar, ser suficiente | O ordenado dá para viver.                     |
|  | Começar                | Agora deu para aborrecer toda a gente. (pop.) |
|  | ter jeito para         | O rapaz dá para a música.                     |
|  | Servir                 | Esta farinha dá para bolos.                   |
|  | estar virado para      | Esta janela dá para o mar.                    |
| dar por  | Considerar             | Deu a obra por acabada.                       |
|  | Notar                  | Todos deram pela sua falta.                   |
| Em alguns casos pode vir acompanhado de um dativo que poderemos considerar ético: Deu-lhe para correr. |                        |   |
| Pode, além disso, surgir pronominalizado, com diversos sentidos:                                       |                        |   |
| dar-se conta   | Reparar                | Deu-se conta dos seus erros.                  |
| dar-se a   | acontecer em           | A revolução dos cravos deu-se a 25 de Abril.  |
| dar-se ao trabalho   | dedicar-se             | Deu-se aos afazeres com prazer.               |
| dar-se com   | conviver, adaptar-se   | Dá-se bem com o calor.                        |
| dar-se em  | acontecer em           | A revolução dos cravos deu-se em Abril.       |

**Fonte:** Adaptado de Prada (2018).

Como mencionado anteriormente, o verbo “dar” sugere um cabedal de possibilidades sintáticas e lexicais, e no caso específico da regência, realiza-se de maneira diversificada e polissêmica.

Guimarães (1990, p. 114) classifica o verbo “dar” como “bi-regencial” ou “bi-objetivo”

Verbos bi-regenciais ou bi-objetivos, ou, finalmente, transitivos diretos e indiretos, são aqueles que, a um só tempo, exigem dois complementos. Vejam bem, A UM SÓ TEMPO são aqueles que, podem ser construídos com objeto direto, ora com objeto indireto. Vejamos, pois alguns exemplos:

1) DEI UMA ESMOLA AO MENINO – Reparem, não há jeito de se construir um período declarativo (não como resposta) com o verbo DAR sem os dois objetos, porque:

a) quem dá, dá alguma coisa (objeto direto)

b) mas essa coisa é dada a alguém, sobretudo (objeto indireto).

[...]

Vejamos, agora, alguns verbos bi-regenciais:

1 – Aconselhar – alguém a fazer alguma coisa;

2 – Ajudar – alguém a fazer alguma coisa;

3 – Aplicar – alguma coisa em alguém ou alguma coisa;

4 – Dar – alguma coisa a alguém;

[...]

O autor apresenta o verbo “dar” como bi-regencial, entende-se, portanto, que ele apresenta uma regência que exige dois objetos para o mesmo verbo (dar **algo** a **alguém**). Logo, de acordo com Guimarães (1990), nesse tipo de construção com o verbo “dar”, não é possível que haja um período declarativo sem os dois objetos. O autor aborda, ainda, que os verbos “bi-regenciais” também são conhecidos como verbos transitivos diretos e indiretos.

Apesar de o verbo “dar” ser classificado como um verbo transitivo, a pesquisa em questão pretende analisar o verbo “dar” quando ocorre como auxiliar, como nos exemplos:

(10) “Profundo devia ser esse meditar que não **dava de** perceber os passos abafados de Miguel, que, como uma pantera” (Uma Lágrima de Mulher, de Aluísio Azevedo)  
(forma gramatical = auxiliar marcador de modalidade)

(11) “A Princesa que **deu pra** namorar!” (A Princesa dos Cajueiros, Artur Azevedo)  
(forma gramatical = auxiliar marcador aspectual)

Dessa forma, para termos uma melhor compreensão dos mais diversos sentidos que o verbo “dar” pode assumir e em quais estruturas ocorre, bem como o seu papel como auxiliar, recorreremos às definições descritas pelos dicionários, na subseção a seguir.

### 1.2.2.1 Dicionários

A seguir, apresentaremos algumas acepções com o verbo “dar auxiliar” abordadas em dicionários.

O *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, em sua 1ª edição (1975), apresenta o verbo “dar” derivado do latim *dare*. Expõe ainda 95 significados referentes desse verbo, classificados de acordo com a transitividade, bem como 10 expressões fixas de uso. No Quadro 3, que segue, observam-se alguns exemplos:

**Quadro 3:** Significados do verbo “dar auxiliar” encontrados no Dicionário Aurélio

| Transitividade <sup>8</sup> | Sentido                 | Exemplos   |
|-----------------------------|-------------------------|--|
| VTI                         | Meter na cabeça, cismar | Deram de retirar-se.   |
|                             | Dedicar-se, aplicar-se  | “Ao som das canções de Sarah Vaughan dei ultimamente de reler o poeta Rainer Maria Rilke.” |

Fonte: adaptado de Ferreira (1975).

É importante destacar, como se observa no Quadro 3, que Ferreira (1975) aborda o verbo “dar” como auxiliar quando ele assume o papel de Verbo Transitivo Indireto.

Ao compararmos as afirmações encontradas no dicionário *Aurélio* com as da professora Edite Prada, nota-se que ambos apresentam em comum o significado de “dar” como “começar; meter na cabeça; cismar” com o uso da preposição “de”, quando o verbo é transitivo indireto. Entretanto, não especificam se pode ocorrer a variação na regência, quando

<sup>8</sup> VTD- Verbo transitivo direto, VTDI- Verbo transitivo direto e indireto, VTI- Verbo transitivo indireto, VINT- Verbo intransitivo.

o verbo está no sentido de “começar” (Deu de correr/ para correr) por Prada e “Meter na cabeça, cismar” (Deram de retirar-se/ para retirar-se), por Aurélio.

O dicionário *Michaelis – Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*<sup>9</sup> – em sua versão online, por sua vez, aponta 59 construções com o verbo “dar”, distribuídas sintaticamente de acordo com a transitividade do verbo. Aponta-se um exemplo de construção com o verbo “dar auxiliar” no Quadro 4, a seguir:

**Quadro 4:** Significados do verbo “dar auxiliar”, de acordo com o Dicionário Michaelis

| Transitividade <sup>10</sup> | Sentido                             | Exemplos   |
|------------------------------|-------------------------------------|--|
| VTI                          | Ser suficiente para; bastar, chegar | Suas economias não dão para comprar o apartamento tão sonhado. |

Fonte: adaptado de Dicionário Michaelis (2019).

Como se verifica no Quadro 4, assim como em Ferreira (1975), o referido dicionário menciona o verbo “dar” como auxiliar quando aparece como Verbo Transitivo Indireto.

No exemplo “Suas economias não dão para comprar o apartamento tão sonhado”, no sentido de “ser suficiente para; bastar; chegar”, observa-se que *Michaelis* apresenta este significado semelhante ao anteriormente apresentado pela professora Edite Prada.

Bechara (2011, p. 476), em seu *Dicionário da Língua Portuguesa*, elenca 32 significados para o verbo “dar”, também distribuídos de acordo com as regências verbais. No Quadro 5, observa-se alguns exemplos com o verbo “dar” auxiliar.

**Quadro 5:** Significados do verbo “dar”, segundo o Dicionário Bechara

| Regências <sup>11</sup> | Sentido            | Exemplos  |
|-------------------------|--------------------|---|
| TR                      | Ser suficiente     | “Mas o dinheiro não dava para ele se alimentar...”<br>(Renato Russo, “Faroeste caboclo”). |
|                         | Adquirir um hábito | Deu de chegar tarde.  |

Fonte: adaptado de Bechara (2011).

Nesse dicionário, o verbo “dar” também foi citado como auxiliar nos significados “Ser suficiente” (Mas o dinheiro não dava para ele se alimentar) e “Adquirir um hábito” (Deu de chegar tarde). Este segundo, apresenta um sentido aproximado ao apresentado pelo Aurélio em “Meter na cabeça, cismar” (Deram de retirar-se), e também, “ser suficiente” que aparece em Prada, porém, não é especificado se a troca pela preposição “para” seria uma opção de regência para o verbo “dar”.

<sup>9</sup> Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=dar>.

<sup>10</sup> VTDI- Verbo transitivo direto e indireto, VTD- Verbo transitivo direto, VTI- Verbo transitivo indireto, VPR- Verbo Pronominal, VINT- Verbo intransitivo.

<sup>11</sup> TR - Transitivo relativo.

O dicionário *Priberam*<sup>12</sup>, versão online, lista 60 acepções para o verbo “dar”, distribuídos de acordo com a transitividade. O Quadro 6, apresenta um exemplo com o verbo “dar” auxiliar:

**Quadro 6:** Significados do verbo “dar” de acordo com o Dicionário Priberam

| Verbo      | Sentido                 | Exemplos  |
|------------|-------------------------|---|
| TRANSITIVO | Ter algo como resultado | Isto dá uma bela história;<br>A nota do exame não dá para passar. |

Fonte: adaptado de Dicionário Priberam.

O dicionário *Priberam* trata o verbo “dar” como auxiliar, quando ele aparece como transitivo e quando apresenta o sentido de “ter algo como resultado”, conforme o exemplo citado no Quadro 6. Em Prada, Aurélio, Michaelis e Bechara não aparece com essa acepção.

Em Humaitá, vale destacar, o verbo “dar” aparece com significado aproximado, mas seguido da preposição “de”, como em:

- A nota do exame **não dá de passar**. (Variante em Humaitá, grifos nossos)
- não é muito caro não mas **dá de comprar** as coisa... (Variante em Humaitá: Informante Mulher, da zona rural, da 1ª faixa etária, ensino médio).

O dicionário *Aulete Digital*<sup>13</sup> apresenta 34 significados para o verbo “dar”, separados de acordo com a transitividade e com as respectivas preposições de regência, bem como algumas expressões de uso convencionadas.

O referido dicionário faz ainda algumas afirmações quanto aos usos do verbo “dar”:

- a) é usado como suporte quando, seguido de um substantivo, forma uma locução que substitui um verbo de sentido específico, como nos exemplos “dar a notícia = noticiar”, “dar uma olhada = olhar”, e “dar uma mordida = morder”.
- b) é usado como auxiliar, seguido das preposições de ou para + v. principal no infinitivo, indicando 'início de uma ação habitual': “**Deu de /para** falar mal de mim”.

Abaixo, algumas expressões citadas pelo dicionário como convenções de uso:

1. Dar a saber: Comunicar, fazer saber.
2. Dar certo: Ter bom êxito, sucesso.
3. Dar de/para: Habituar-se a cismar de (Ultimamente ele **deu de roer** as unhas).
4. Dar de si: Ceder sob peso ou pressão, ou por causa de esforço continuado (Choveu muito, as barragens deram de si e o rio transbordou).
5. Dar duro: (Bras. Gír.) Trabalhar muito, esforçar-se muito.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/dar>

<sup>13</sup> Disponível em: <http://www.aulete.com.br/dar>

6. Dar em cima de: (Bras.) Assediar (alguém) visando conquista amorosa (Deu em cima dela o tempo todo, mas ela não lhe deu bola).
7. Dar em nada/Não dar em nada: Não resultar em nada, não ter sucesso.
8. Dares e tomares: Conflitos, desavenças.
9. Dar fé: Atestar como verdade: Confirmo e dou fé.
10. Dar mole: (Bras. Pop.) descuidar-se, agir com displicência (O zagueiro deu mole, e o atacante fez o gol).

Observa-se que o dicionário cita o verbo “dar auxiliar” em duas construções, no exemplo da afirmação “b” indicando 'início de uma ação habitual': “**Deu de /para** falar mal de mim”, como em Prada e Bechara, e no exemplo 3, significando “habituar-se, cismar-se”, como em Aurélio, dando enfoque, nos dois exemplos, para as preposições “de/para”, oferecendo, dessa forma, duas variantes para uma mesma variável, demonstrando que a regência do verbo “dar”, nesses casos, pode estar sofrendo uma variação.

No dicionário prático de regência verbal, de Luft (2010, p 161), são aferidos 18 conceitos ao verbo “dar”, distribuídos segundo a transitividade verbal. O Quadro 7, ilustra um exemplo com o verbo “dar” auxiliar.

**Quadro 7:** Significado do verbo “dar”, segundo o Dicionário de regência verbal de Luft.

| Regências | Sentido                | Exemplos   |
|-----------|------------------------|--|
| TI (Aux)  | Começar, pegar, entrar | Dar a correr; Ela deu de gritar; Dar em farrear. |

Fonte: adaptado de Luft (2010)

Luft emprega a preposição “de” no exemplo correspondente ao significado “começar” (Ela deu de gritar), no entanto, percebemos que é possível a substituição da preposição por “para”, como no exemplo supracitado pelo dicionário *Aulete*, uma vez que está sendo usado como auxiliar, seguido das preposições “de ou para” + v. principal no infinitivo, indicando 'início de uma ação habitual':

Ela **deu de** gritar.

Ela **deu para** gritar.

Em Prado e Bechara também aparecem esses mesmos significados. Observa-se, entretanto, que nesse sentido, em todos os dicionários consultados, só foi citado o uso da preposição “de”, não apresentam a possibilidade com a preposição “para”.

É importante observar que a construção aqui investigada é “VERBO<sub>DAR</sub> + PREPOSIÇÃO + VERBO<sub>INFINITIVO</sub>”, nessas circunstâncias, portanto, o verbo “dar” apareceu em todos os dicionários consultados com os seguintes significados: meter na cabeça, cismar,

em Aurélio; ser suficiente para, bastar, chegar, em Michaelis; ser suficiente, adquirir um hábito, em Bechara; ter algo como resultado, em Priberam; e começar, pegar, entrar, em Luft.

### 1.2.2.2 Gramáticas Normativas

Outro suporte para os estudos do verbo “dar” são os conceitos consagrados pelas gramáticas normativas. Destarte, procurou-se destacar alguns desses apontamentos (Quadro 8).

**Quadro 8:** Conceitos do verbo “dar”, segundo algumas Gramáticas Normativas

| <b>Gramática</b>   | <b>Classificação</b>  |  |   |
|--|---|--|---|
| Gramática Normativa da Língua Portuguesa, Rocha Lima (2007)  | Destaca o verbo “dar” como um dos poucos irregulares da 1ª conjugação.  |  |   |
|  | <b>Modo Indicativo</b>  |  |   |
|  | <b>Presente</b>   | <b>Pretérito Perfeito</b>                        | <b>Pretérito Mais-que-perfeito</b>                  |
|  | Dou<br>dás<br>dá<br>dão   | Deste<br>deu<br>demos<br>destes<br>deram         | Dera<br>deras<br>dera<br>déramos<br>déreis<br>deram |
|  | <b>Modo subjuntivo</b>  |  |   |
|  | <b>Presente</b>   | <b>Pretérito Imperfeito</b>                      | <b>Futuro</b>                                       |
| Dê<br>dês<br>dê<br>demos<br>deis<br>deem   | Desse<br>desse<br>desse<br>déssemos<br>désseis<br>dessem  | Der<br>deres<br>der<br>dermos<br>derdes<br>derem |   |
| Novíssima Gramática da Língua Portuguesa, Domingos Paschoal Cegalla (2008)   | Apresenta o verbo “dar” juntamente com outros que sofrem alterações no radical e/ou nas terminações afastando-se do paradigma regular, sendo classificados como irregulares. Cegalla classifica o verbo “dar” como pertencente a 1ª conjugação.   |  |   |
| Gramática do Português Contemporâneo, Celso Cunha, (2010).   | Classifica o verbo “dar” como irregular (p. 248), pertencente à primeira conjugação (verbos terminados em -ar), demonstrando que essa irregularidade pode estar tanto na flexão, quanto no radical.<br>a) a forma <i>dou</i> não recebe a desinência normal -o da referida pessoa.<br>O autor aborda, ainda, que em um verbo irregular pode haver determinadas formas perfeitamente regulares: dava, davas, dava, dávamos, dáveis, davam. |  |   |
| Curso Prático de Gramática, Ernani Terra, (2011)   | Classifica o verbo “dar” como irregular de 1ª conjugação.   |  |   |
|  | <b>Modo Indicativo</b>  |  |   |
|  | <b>Presente</b>   | <b>Pretérito Perfeito</b>                        |   |
|  | Dou<br>dás<br>dá<br>damos<br>dais<br>dão  | Dei<br>deste<br>deu<br>demos<br>destes<br>deram  |   |
| O autor aborda ainda o verbo “dar” como verbo-suporte, que é aquele cujo significado foi esvaziado e que forma com o seu complemento um significado global correspondente a um outro verbo.<br>Alguns exemplos:<br>- Ele <b>deu</b> uma olhada (Ele olhou).<br>- Vou <b>dar</b> um telefonema (Vou telefonar). |   |  |   |

**Fonte:** Elaborado pelo autor.

Como se observa, a maioria das Gramáticas Normativas mencionadas trata somente da estrutura e da flexão do verbo “dar”, como verbo pleno, sem discutir suas possíveis acepções. Observamos, apenas, na Gramática de Ernani Terra (2011), uma definição do verbo “dar” como verbo suporte.

### 1.2.2.3 Estudos variacionistas/funcionalistas

Pesquisas variacionistas/funcionalistas têm mostrado que o verbo “dar” passou por um processo de mudança no PB, deslocando-se da categoria lexical de predador à categoria gramatical de auxiliar modal e, a *posteriori*, à de auxiliar aspectual, havendo a existência das duas formas concomitantemente na língua (SILVA, 2018, p.15).

Uma das hipóteses para essa mudança é a de que o verbo “dar” sofreu um processo de gramaticalização, ou seja, um processo de mudança linguística no qual o significado lexical de uma palavra perde a carga semântica e passa a ter um significado gramatical.

Martelotta (2011) postula que a mudança linguística não se dá de modo aleatório, ao contrário, apresenta uma regularidade sensível tanto no que diz respeito aos mecanismos através dos quais ela ocorre, quanto à natureza dos elementos nela envolvidos, além de uma propensão para a unidirecionalidade, uma vez que os elementos tendem a desenvolver com o tempo, valores mais subjetivos e abstratos.

De acordo com Martelotta (2011, p. 92),

Gramaticalização é definida como um processo de mudança linguística unidirecional, segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. Seguindo esse processo, o elemento deixa de atuar no nível representacional, característico dos elementos que fazem referência a dados mais objetivos associados ao nosso mundo biossocial, para atuar no nível interpessoal, que engloba as expressões de valor processual, ou seja, aquelas cujas funções estão relacionadas aos processos através dos quais o falante elabora seu enunciado para um determinado ouvinte em um contexto específico de uso.

No caso do fenômeno em questão, supõe-se que o verbo “dar” perdeu sua carga lexical inicial de predicado dativo, que difunde a transferência de um objeto por parte de um doador a um beneficiário, e passou a funcionar como auxiliar indicador de aspecto.

Coelho e Silva (2014, p.25) afirmam que, nesse processo de mudança categorial por gramaticalização,

tem-se uma espécie de reengenharia de formas, já que, por meio de um processo cognitivo de abstração semântica, a forma lexical perde propriedades inerentes a

essa categoria, assumindo propriedades de categoria funcional. Esse processo de emergência de “novas” formas e funções a partir de formas já preexistentes na língua não implica o desaparecimento da forma “antiga”, pois, segundo prevê o princípio da estratificação, proposto por Hopper (1991), as formas que mudam de categoria linguística, passando de itens lexicais a itens gramaticais ou ainda de itens gramaticais a itens mais gramaticais não necessariamente se excluem no sistema linguístico, ou seja, um item pode assumir novas funções sem deixar de ser utilizado em sua forma de origem, como ocorre com o verbo DAR nos contextos por nós analisados.

As autoras, ao analisarem o verbo “dar”, ressaltam que esse item lexical pode atuar como predicador e auxiliar, deixando claro que a existência de um não exclui a do outro, em consonância a Hopper.

Velloso (2007), em sua dissertação “Um estudo da idiomatização da construção modal com o verbo dar no Português do Brasil”, investigou como o processo de gramaticalização do verbo “dar” em construções como “eles vão tirar o tumor que tá pressionando o coração, daí vai dar pra ler seu nome escrito lá” vem se desenvolvendo no PB.

A referida autora (2007, p. 31) cita uma revisão histórica por Salomão (1999a) para fazer uma breve recensão do empreendimento teórico denominado **gramática das construções**, acerca da noção de **construção**:

Os trabalhos de Fillmore e Kay, numa clave, e Lakoff e Langacker, em outra, levaram a uma rediscussão da importância deste dispositivo teórico [o conceito de **construção gramatical**], de tal modo que, presentemente, a noção de construção ressurgiu com toda força na medida em que salienta a **continuidade essencial entre expressão léxica e expressão sintática**. Segundo a perspectiva teórica identificada como **gramática das construções** (cf. especialmente Fillmore 1987, 1988, 1990; Fillmore e Kay 1993; Fillmore, Kaye O’Connor 1989; Goldberg 1995; Kay 1997), as construções (lexicais ou gramaticais) devem ser tratadas como **unidades básicas da linguagem** (SALOMÃO, 1999a *apud* VELLOSO, 2007).

Entende-se que o conceito de construção elencado pelos autores citados destaca que as construções são uma forma de expressão de continuidade entre o léxico e o sintático. Dessa forma, Velloso (2007, p.33) chega à conclusão que:

A concepção de uma gramática de construções nos permite, então, postular uma configuração sintática (forma) que estabelece um pareamento com uma significação pragmático-semântica (significado). Assim, não se trata de refutar por completo a ideia de composicionalidade, mas tratá-la como uma das possibilidades de expressão linguística e de sua integração conceptual.

Velloso (2007, p.33) reforça que a gramática de construções expressa uma das possibilidades de expressão linguística e que elas possuem uma forma que por sua vez se une a um significado.

Em seu estudo, recorrendo também à análise que motiva a construção Modal a partir dessa construção básica, a autora focaliza nas do tipo:

12 (g) *Dá pra você me emprestar o caderno?* (MODAL DEÔNICA: PERMISSÃO)

Observa-se pelo exemplo que o verbo “dar” está exprimindo o sentido de “permissão”, representando, portanto, uma forma verbal modal deônica.

Velloso (2007) cita vários exemplos de usos que, segundo ela, “são organizados como uma categoria radial com centro e subcentros vinculados por relações de herança, muitas das quais correspondentes a processos figurativos metafóricos e metonímicos” (p.55 e 56). Ainda, afirma que

A instância básica, centro da categoria radial nesta abordagem, é a **Construção de Transferência de Propriedade**, postulada segundo argumentação classicamente linguística, mas que atualmente é fortalecida por razões de natureza cognitiva: como vimos, Tomasello 2003 (também Goldberg 2006 *apud* Salomão 2007), corrobora esta posição com dados da aquisição da linguagem; a construção de TRANSFERÊNCIA DE POSSE está entre as primeiras a serem aprendidas pelas crianças (VELLOSO, 2007, p.56),

Segundo a autora (2007, p. 56), o verbo “dar” em construções de transferência de propriedade pode estar ligado a agentes cognitivos, sendo, portanto, a primeira aprendida pelas crianças. A autora ilustra algumas acepções para construção modal:

- (13) (a) *A seleção de vôlei está bem preparada. Dá pra ganhar a medalha de ouro.*  
(Modalidade Habilitativa/de Raiz: *A seleção está apta a ganhar a medalha de ouro.*)  
(b) *Não dá pra ser feliz [MB1].* (Possibilidade de raiz [negada]: não há condições que verifiquem a situação modalizada)  
(c) *Como você já terminou seus deveres, dá pra você assistir a novela.*  
(Modalidade Deônica: Permissão concedida)

Observa-se que Velloso (2007) caracteriza as acepções como Modalidade (Habilitativa/ de raiz; Possibilidade de raiz (negada); Deônica), e indica alguns traços “rústicos” para uma caracterização formal:

- (i) trata-se de **construção impessoal**: o verbo dar ocorre sempre na terceira pessoa do singular;  
(ii) trata-se de **construção com Objeto Nulo**, em contraste com outros usos do Verbo dar, que ocorrem sempre em um padrão transitivo;

(iii) trata-se de **construção que rege uma Oração Infinitiva introduzida pela preposição para**, frequentemente em sua versão reduzida pra que, eventualmente se combina fonicamente com os pronomes sujeitos de infinitivo. (VELLOSO, 2007, p. 56).

A partir dessa caracterização, Velloso levanta a hipótese de que “a construção modal é uma nova construção, motivada por múltipla herança da Construção de Transferência de Posse, central na rede lexical com o verbo dar no Português do Brasil” (p. 64).

Para a análise dos dados, a autora colheu, aleatoriamente, 5.000 orações produzidas em situações de interação em tempo real com o objetivo de quantificar e categorizar as ocorrências da Construção Modal com o verbo “dar” numa amostragem de texto, quantificando o número de orações modais, o número de modais com “dar” e a que categorias (Deôntica, Epistêmica ou de Raiz) estas pertenciam.

Essas 5.000 orações são provenientes de dois *corpora*:

I. **Dados de fala**: 2.500 orações provenientes de duas entrevistas do Censo de Variação Linguística do Programa de estudos sobre Os Usos da Língua da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PEUL/UFRJ) escolhidas ao acaso;  
 II. **Dados de interação on-line escrita**: 2.500 orações retiradas de “conversas” via programa de mensagens em tempo real pela Internet (*MSN Messenger*<sup>38</sup>) também colhidas ao acaso. (VELLOSO, 2007, p. 65 e 66)

Foram analisadas, ainda mais 100 ocorrências de uso da Construção Modal com o verbo “dar” provenientes de gêneros textuais diversificados obtidos por busca dirigida (leitura direta ou busca eletrônica).

Segundo a autora, “a distribuição de frequências nos dados pesquisados aponta o domínio da aceção mais básica entre as modais, a Modalidade de Raiz, enquanto a Modalidade Deôntica ocupa o segundo lugar e não foram encontradas ocorrências da Modalidade Epistêmica” (VELLOSO, 2007, p. 79).

Desse modo, Velloso (2007, p. 80) resume as principais conclusões do estudo afirmando que “a Construção Modal com o Verbo dar é uma nova construção, cuja emergência se dá gradualmente pelo crescimento das frequências nas variedades de seu uso, a saber, dos usos de Raiz para os usos Epistêmicos”.

No artigo “O *continuum* de gramaticalização do verbo DAR: de predicador a auxiliar”, Coelho e Silva (2014), por sua vez, desenvolveram um estudo de natureza diacrônica, no qual utilizaram como *corpus* um conjunto total de 3.288 dados coletados no sítio *Corpus do Português*. Traçaram o percurso da mudança, bem como, analisaram alguns fatores semânticos e cognitivos subjacentes a esse processo.

Coelho e Silva (2014) demonstram que o processo de gramaticalização do verbo “dar” implementou-se na língua portuguesa provavelmente no século XX, período no qual observaram uma redução dos usos como predicador e uma ligeira expansão dos usos como auxiliar, liderados pela função modal. Esse processo semântico de abstração pelo qual passou o verbo ao longo desse percurso de mudança reproduziu-se tanto no léxico, provocando o surgimento de verbos leves, de expressões idiomáticas e de mesoconstruções, estágios intermediários entre a forma lexical e a gramatical, quanto na gramática, na qual as duas construções auxiliares, embora de estruturas semelhantes, assumem funções diferentes em virtude das formas que lhes serviram de fonte.

No que diz respeito à pesquisa em questão, Coelho e Silva (2014, p. 35) discorrem que

conforme defende Lehmann (1995), a gramaticalização atinge toda a construção, é preciso analisar também os traços dos demais elementos que a constituem, bem como as relações que se estabelecem sintagmaticamente, para tentar entender sua gramaticalidade. O verbo DAR pleno denota movimento, já que expressa mudança de localização de uma entidade, propriedade preservada no verbo leve pelo traço [ $\pm$ mudança]. Essa noção de movimento é reforçada, na construção aspectual, pela preposição, que indica direção, traduzindo a propensão do indivíduo para determinado estado ou mesmo tarefa. Essa extensão de uso decorre, segundo nossa interpretação, de um processo metafórico que atua sobre o verbo leve em seu processo de gramaticalização e constitui o gatilho para a tradução do aspecto inceptivo em construções como a ilustrada em (7), já que a propensão para a prática do catolicismo assinala uma mudança de estado e, portanto, o início de uma prática antes não adotada.

(7) “(...) se casou rico e **DEU para ser** católico praticante” (Séc. XX, grifos nossos).

Entende-se, portanto, que a gramaticalização pode estar atuando para que haja a variação nas construções com o verbo “dar”, sobretudo na utilização das preposições “de e pra/para”.

Ferreira, Rassi e Basso (2017), no artigo “As interpretações do verbo “dar” e sua estrutura temática: uma análise sintático-semântica”, apresentam uma proposta de análise de algumas das várias interpretações possíveis do verbo “dar”, baseando-se nos conceitos de papéis temáticos e de hierarquia temática. Partindo da constatação empírica de que o verbo “dar” é um dos mais produtivos, versáteis e frequentes do português brasileiro atual, demonstram o que dizem alguns dos principais dicionários de português sobre a enorme gama de significados diferentes que o verbo “dar” e as construções nas quais ele participa.

A partir da ideia de que tais significados não são o resultado de ambiguidades, porém, que estão relacionados, os referidos autores buscam dar conta de alguns deles através da postulação de uma grade temática para o verbo “dar” baseada na Sintaxe de Primeira Fase desenvolvida por Ramchand (2008), buscando gerar sistematicamente vários dos significados

trazidos pelos dicionários e correntes no uso da língua. A proposta dos autores postula uma estrutura de base com três argumentos (um INITIATOR, um UNDERGOER e um RESULTEE); na ausência do INITIATOR, o UNDERGOER ocupa a posição de sujeito, dado que a hierarquia se dá pela própria estrutura sintática; na ausência também de um UNDERGOER, temos apenas um RESULTEE, podendo, também, ser entendida como um algoritmo.

Os autores demonstram alguns exemplos:

“Pe. Pio<sub>INITIATOR</sub> deu Ø<sub>UNDERGOER</sub> n[a cara de um fiel]<sub>RESULTEE</sub>”

“deu duas horas<sub>RESULTEE</sub>”

A respeito do fenômeno objeto deste estudo, Ferreira, Rassi e Basso (2017, p. 100) apresentam-no como um dos usos (semi-)fixos que podem ser relacionados ao verbo “dar”.

é interessante mencionarmos também o uso modal de ‘dar’, como nos exemplos (30) e (31), por ainda apresentarem um certo grau de composicionalidade, podendo, assim, ser entendidos sem apelarmos para ambiguidades lexicais. Nota-se, nessas sentenças, um uso bastante próximo ao “resultativo”, e sua estrutura é sempre ‘dar de/pra + INFINITIVO’.

(30) Essa construção dá pra/de fazer bonito, né?!

(31) Esse menino dá pra professor.

Conforme o exposto, entende-se que o uso do verbo “dar” + de/pra + infinitivo implica uma forma (semi-)fixa, como foi possível observar também na seção que abordou sobre as definições aferidas pelos dicionários, apesar de não apresentarem a opção de alternância das preposições “pra/para” e “de”. Dessa feita, cabe a esta pesquisa, identificar a variação na regência do verbo “dar”, como auxiliar, entre o uso das preposições “de” e “pra/para” a fim de entender o que tem motivado a escolha de uma em detrimento da outra.

Coelho e Souza (2017), no artigo “A polissemia do verbo dar: uma análise funcionalista”, buscaram, à luz do Funcionalismo norteamericano, descrever e analisar a extensão semântica do verbo “dar” no vernáculo dos moradores de Vitória da Conquista, terceira maior cidade da Bahia. Chegaram à conclusão de que velhas formas passam a ocupar novos sentidos diante de uma necessidade na interlocução, conseqüentemente, o informante manipula o verbo para aplicar a expressividade desejada ao ato interativo.

As autoras constatam ainda que, apesar do processo de gramaticalização, de mais transitivo a menos transitivo, o verbo “dar” tende a conservar o seu valor semântico de transferência, mesmo que em partes, passando, muitas vezes, a possuir o valor de transferência metafórica.

Nota-se que o verbo “dar” passa por um processo de abstratização, o que faz com que a sua carga lexical sofra uma mudança. Segundo Coelho e Souza (2017, p.81),

Com relação à abstratização, podemos constatar que o verbo dar possui, inicialmente, um sentido mais concreto de doação, de transferência, de cessão de algo concreto, como dar um presente, e adquire o traço mais abstrato em construções como dar informação, já que o que será transferido não é um objeto concreto. O dar é usado, então, como suporte ao predicador, e essa escolha reflete a busca por sentidos particulares, o que contribui para os novos sentidos atribuídos ao verbo, conforme os níveis previstos por Martelotta, Votre e Cezário (1996).

Coelho e Souza (2017) verificaram que os significados atribuídos ao verbo “dar” nos *corpora* investigados foram: fornecer, ensinar, bater, produzir, causar, combinar, soar e possibilidade. As quatro primeiras estão mais próximas do sentido pleno do verbo dar, uma vez que conservam a noção de transferência, mesmo que metafórica. Por outro lado, os sentidos causar, combinar, soar e possibilidade envolvem outras ações, logo, localizam-se mais afastados do valor de transferência.

Para Coelho e Souza (2017, p.87),

Em casos em que o verbo dar passa a significar possibilidade, também não é possível identificar os parâmetros propostos por Hopper e Thompson (1980). As ocorrências (10) e (11) exemplificam isso:

(10) Tem aquela questão financeira que você sabe que... não é... não é tão atrativa assim você participar mais... se fosse o último caso... dá pra... dá pra manter pelo menos os estudos, né, que é claro o objetivo é desse de... da pessoa ta ali é... estudando e... engajado no... no projeto pra... sustentá nos estudos. (RFV Corpus PCVC)

(11) DOC: E a renda dele é boa, assim, que dá pra sustentar a família?

INF: Dá pa sustentar... dá pa levar... a renda dele dá pa sustentar. (CDS Corpus PPVC)

Aqui, percebemos uma extensão de sentido do verbo dar, visto que ele indica possibilidade. Poderia ser dito, então, é possível manter pelo menos os estudos, no exemplo (10); ou é possível sustentar no exemplo (11). O dar, portanto, não expressa transitividade, então notamos que esse item passa a ter sentidos distintos ao passo que o processo de gramaticalização aumenta. Essa extensão de sentido segue uma estrutura fixa na língua, em que [V(dar) + pra/pa +V(infinitivo)], como se apresenta nos exemplos (10) e (11).

Dessa forma, no que consiste ao fenômeno de regência que é objeto deste estudo, observou-se que a transitividade do verbo “dar” foi crucial para que se chegasse à conclusão de que quanto menor o nível de transitividade maior o processo de gramaticalização do verbo.

Na dissertação “A construção verbal V1dar + Preposição + V2infinitivo: um estudo na interface Sociolinguística e Gramaticalização”, Silva (2018) propôs a investigação das construções gramaticais formadas pela estrutura V<sub>DAR</sub> + PREPOSIÇÃO + V<sub>INFINITO</sub> NO Português, utilizando como base teórica um quadro de interface entre Variação Linguística, Gramaticalização e Gramática de Construções. *A priori*, o estudo pretendia abordar as

construções aspectuais formadas com o verbo “dar” na língua portuguesa, entretanto, no decorrer dos estudos, foi verificado que seu uso na função de predicador e na função de auxiliar em construções modais também poderiam fornecer informações sobre o processo de mudança categorial desse verbo ao longo dos séculos, principalmente diante da similaridade estrutural entre tais construções. Portanto, foi feita a análise diacrônica dos dados compilados no sítio *Corpus do Português*.

Silva (2018) verificou, então, pela análise da frequência computada das construções, que as construções aspectuais estejam em processo de gramaticalização, estando os índices das construções aspectuais mais baixos no século XVIII, período em que essa função parece ter surgido na língua, tendendo a uma elevação no século XIX. A autora afirma que

Ocorre, neste período, uma expansão de formas sintáticas e semânticas e o contexto de reanálise, desencadeando uma reordenação no eixo sintagmático e fazendo com que a construção aspectual pudesse ocorrer, tanto com a preposição —p(a)ra como com a preposição —de. Neste processo, a construção passa a desenvolver novas funções, possibilitando a incorporação de distintos valores aspectuais, tais como o inceptivo-incoativo, o iterativo e o intensivo. Além disso, a variação do tempo verbal, na posição de V1 no decorrer dos séculos, com predominância do pretérito nesta posição, pode nos indicar, segundo os princípios de Hopper (1991), uma especialização, que sinaliza uma tendência a um uso cada vez mais específico, sendo, portanto, uma característica do processo de gramaticalização da forma. (2018, p. 91).

Silva (2018) chega à conclusão de que o verbo “dar”, ao passar pelo processo de gramaticalização, passa a assumir um valor aspectual, abordando que a construção V1<sub>DAR</sub> + PREP + V2<sub>INFINITIVO</sub> acontecia tanto com a preposição “p(a)ra” quanto com a preposição “de”.

A autora afirma, ainda que “a leitura como inceptivo-incoativo é possível em decorrência de termos um verbo e uma preposição que indicam movimento (dar + para), valor que pode ser reforçado por alguns advérbios, tais como —agora” (p. 91). Ou seja, a noção semântica de incoação das construções aspectuais formadas com o verbo “dar” parece ser um resquício de sua forma lexical, cujo significado prototípico envolve o movimento abstrato de um tema, entidade que sofre mudança de estado, a um alvo. Ao analisar os verbos na posição V2, Silva (2018) percebeu a importância da telicidade, mais especificamente do valor atélico do V2, na combinação dos elementos da estrutura, uma vez que ela atualiza o aspecto iterativo da construção, conforme já sinalizara Castilho (1968). Ademais, Silva demonstra que a preposição —para, que é o resultado da adição de per + ad, indicava, ainda no latim, a ideia de —demora ou —permanência (BECHARA, 1999), o que parece favorecer a ideia de

duração e o traço iterativo das construções aspectuais com o verbo “dar”, tendendo a ser mais prototípica que a preposição —de, que já ocorria no latim em contextos de finalidade.

Silva (2018), ao realizar o processo de reanálise do verbo “dar”, de predicador a auxiliar, em construções aspectuais e modais, observou que se deu por meio de um contexto que indica finalidade. Silva (2018) justifica a existência de ambas as preposições em construções aspectuais, sendo que a forma —p(a)ra parece ser a mais prototípica. Para a autora,

tal variação não é possível com as construções modais, que só ocorrem com a preposição —p(a)ra, o que parece indicar, segundo o princípio de especialização de Hopper (1993), que a forma está em um processo mais avançado de gramaticalização, tendendo a um uso cada vez mais específico, em virtude da especialização semântica da forma, o que converge com um dos princípios de gramaticalização, segundo o qual quanto mais um item se gramaticaliza, mais se reduz a sua variabilidade sintagmática. Acreditamos que a variação entre as preposições —de e —para e a impossibilidade de apagamento das mesmas nas construções aspectuais, seja um resquício das construções finais, que, no nosso corpus, ocorrem com as mesmas preposições (2018, p. 92).

Dessa forma, Silva (2018) reafirma o processo de gramaticalização sofrido pelo verbo em questão, demonstrando que a preposição “para” tem seu uso mais específico.

Silva (2018) cita, ainda, Coelho e Paula (2017), que fazem uma comparação ao tratarem da opcionalidade da preposição na construção aspectual contemporânea com o verbo danar, como em —João danou (a) falar de religião. Elas afirmam que tal opcionalidade se dá devido ao fato de o emprego da preposição com esse verbo não ser, na língua latina, uma exigência sintática, mas um preciosismo semântico, uma reminiscência do caso acusativo. Coelho (2017), por seu turno, observa que essa opcionalidade não ocorre com as construções com o verbo “dar” e que, no caso das construções encabeçadas por este verbo, a preposição é sintática e não semântica.

A autora postula que no latim, as partículas adverbiais que se antepunham, obrigatoriamente, aos verbos eram chamadas de —preverbos, quais, num processo de aglutinação, juntaram-se ao complemento do verbo, o que originou as preposições, que passaram a ser exigidas para proporcionar clareza às expressões. Coelho (2017) defende que as construções aspectuais cujo auxiliar é o verbo “dar” são oriundas do caso acusativo de fim, o que justificaria a variação entre as preposições —de e —p(a)ra e o processo de gramaticalização, via princípio da persistência, em decorrência de uma espécie de memória da língua latina atuando no português.

Assim, Silva (2018) confirma a hipótese de que pode estar ocorrendo na língua um processo de especialização de usos, o que permite que uma dada função surja devido à

necessidade comunicativa do falante, num estágio posterior para cumprir determinados fins, dado que o verbo “dar” passou por um processo de gramaticalização que perdura até hoje.

Görski (2020), no artigo “Emergência *de dar pra/de* no domínio funcional da auxiliarização modal deôntica”, ao pesquisar dados de fala do Projeto VARSUL<sup>14</sup>, admite a hipótese do surgimento de um “quasi-auxiliar” (HEINE, 1993) modal deôntico, bem como da variação com *poder* nesse domínio funcional, situando esse fenômeno na interface gramaticalização-variação.

Görski propõe “discutir o funcionamento da construção *dar pra/de* INF em contextos de modalidade, evidenciando, sincronicamente, o uso de *dar pra/de* como um ‘modal emergente’ (KRUG, 2001), quando a preposição age como partícula integrante do verbo” (p.4344). A autora levanta as seguintes hipóteses:

- i) em contextos de modalidade, há construções em que a expressão *dar pra/de* funciona como um “quasi-auxiliar” (HEINE, 1993), deslocando seu estatuto categorial rumo a um comportamento mais gramaticalizado;
- ii) nessa subcategoria de verbos modais, *dar pra/de* passa a competir com ‘poder’, no domínio funcional da auxiliarização modal deôntica. (GÖRSKI, 2020, p. 4344)

Para a análise dos dados, Görski (2020) contemplou fatores de natureza morfossintática e semântico-pragmática, para mostrar que a trajetória rumo a um comportamento mais gramatical envolve um conjunto de mudanças graduais e correlacionadas:

na (re)configuração semântico-sintática do enunciado que contém a construção *dar pra/de* INF, permeada de sobreposições de que resultam categorias híbridas; na gradual abstratização de *dar* (verbo lexical > quasi-auxiliar); e no funcionamento da preposição *pra/de* (complementizador > partícula agregada ao auxiliar). Entre as características que permitem atribuir a *dar pra/de* o estatuto de quasi-auxiliar modal estão a marcação número pessoal e modo-temporal (GÖRSKI, 2020, p. 4354).

A autora apresenta cinco exemplos nas quais ocorrem “contexto de modalidade, em que *dar pra* pode ser parafraseado por *ser possível* ou *poder*, com valores semânticos de possibilidade raiz, ou de habilidade, ou ainda de manipulação (podendo haver sobreposição de valores)” (p. 4347):

- (1) Na época *dava pra comprar brinquedo, né?* Hoje não *dá* mais (FLP 9)
- (1a) Na época *era possível comprar brinquedo, né?* Hoje não *é* mais.
- (2) Fica cheia de turista argentino, aí as praias lotam. *Não dá nem pra gente andar direito.*

<sup>14</sup> O Projeto Varsul (Variação Linguística na Região Sul do Brasil) tem por objetivo geral a descrição do português falado e escrito de áreas socioculturalmente representativas do Sul do Brasil. Disponível em: <https://varsulsc.paginas.ufsc.br/projeto-varsul-sc/>.

(FLP J D)

(2a) [...] *Não é possível nem a gente andar direito.*

(3) Tem um monte de coisa na cozinha que *dá pra fazer*, né? (FLP 1)

(3a) Tem um monte de coisa na cozinha que *é possível fazer*, né?

(3b) Tem um monte de coisa na cozinha que *pode fazer/ser feito*, né?

(4) Quando [a fruta] estava madura, a gente apanhava, quando não estava, o cidadão dizia: “Olha, não dá de apanhar, tal”. (FLP 13)

(4a) [...] “Olha, não é possível apanhar, tal”.

(4b) [...] “Olha, não pode apanhar/ser apanhada, tal”.

(5) A gente ia almoçar no grupo, né? Praticamente almoçava porque a gente dava pra repetir, né? (FLP 18)

(5a) [...] Praticamente almoçava porque a gente podia repetir, né?

(GÖRSKI, 2020, p. 4343)

Observa-se que, no exemplo (4), aparece a construção com a preposição “de”, que é uma das variantes de nossa pesquisa.

Segundo Görski (2020, p. 4354), “os dados analisados suscitaram novas hipóteses quanto à emergência de um quasi-auxiliar modal e quanto a camadas coocorrentes no domínio funcional. No primeiro caso (emergência de um quasi-auxiliar modal)” (p. 4354). Ela afirma ainda que

i) a alta frequência de uso da construção *dar pra/de* INF em contexto de modalidade pode ter propiciado o surgimento de um novo modal dentro da classe dos modais, projetando-se uma expansão crescente de novos valores; ii) construções que apresentam sujeito expresso de INF podem ter se constituído em gatilho para um movimento de topicalização que desloca o sujeito para o escopo de *dar pra/de*, de modo que *dar* passa a ter, em vez de sujeito oracional preposicionado posposto (*pra/de* INF), um sujeito nominal/pronominal anteposto. No segundo caso (camadas coocorrentes): *dar pra/de* pode vir a ter seu uso intensificado como variante de ‘poder’, fortalecendo, assim, seu novo estatuto categorial (GÖRSKI, 2020, p. 4354).

Dessa forma, Görski (2020) levanta a possibilidade de o verbo “dar” estar em processo de mudança, no entanto, para um “quasi-auxiliar modal”, que seria uma subcategoria dos verbos modais, aos quais é possível substituir pelos verbos “ser possível” ou “poder” sem perder o sentido inicial da frase.

### 1.2.3 Sobre as preposições “de” e “para/prá”

A fim de entendermos melhor a regência do verbo “dar”, bem como explicar o modo de “escolha” das preposições diante desse verbo, buscou-se a definição de preposição e sua aplicação.

Segundo Bechara (2010, p. 289),

Chama-se preposição a uma unidade linguística desprovida de independência – isto é, não aparece sozinha no discurso, salvo por hipertaxe – e, em geral, átona, que se junta a outra palavra para marcar as relações gramaticais que ela desempenha no discurso, quer nos grupos unitários nominais, quer nas orações. Não exerce nenhum outro papel que não seja ser índice da função gramatical de termo que ela introduz.

A partir dessa colocação, entende-se que a preposição assume um papel de dependência para poder exprimir um sentido, uma significação. No entanto, elas são indispensáveis, já que exercem a função de ligação nas regências.

Azeredo (2010, p. 196) classifica as preposições como “transpositores”, que, segundo ele, “contribuem de maneira mais ou menos relevante para a semântica das construções”. Para o autor,

Em muitos casos, a preposição não é escolhida pelo que significa, mas imposta ao usuário da língua pelo contexto sintático; isto é, ela é selecionada pela palavra que a precede, seja um verbo, um substantivo, um adjetivo, ou um advérbio. (ex. Dependendo de você, concordo com você, refiro-me a você, confiante em mais uma vitória, derrotado por um adversário) diversa é a situação da preposição em viajou pelo litoral, viajou entre os meses de abril e junho, caixa de papelão, caixa para charutos, caixa com alça (2010, p.196-197).

Azeredo (2010) ressalta que, para a escolha da preposição, tem maior relevância a palavra que a precede do que a própria escolha do falante, nesses casos, o contexto sintático se impõe ao significado da preposição.

De acordo com Castilho (2010, p. 583),

As preposições são palavras invariáveis que atuam como núcleo do sintagma preposicional, desempenhando as seguintes funções: (i) função sintática: ligação de palavras e de sentenças; (ii) função semântica: atribuição ao seu escopo de um sentido geral de localização no espaço;(iii) função discursiva: acréscimo de informações secundárias ao texto e organização do texto, no caso das construções de tópico preposicionado.

A função sintática aproxima as preposições das conjunções, e por isso ambas as classes são reunidas sob a denominação de *nexos*. A diferença entre elas é que preposições ligam palavras e sentenças apenas por subordinação, enquanto as conjunções ligam palavras e sentenças por ordenação, subordinação ou correlação.

Castilho (2010) reforça a dependência que as preposições têm em relação às palavras às quais unem, apresentando três funções desempenhadas por elas. No entanto, essa dependência fica mais evidente quando o autor as compara às conjunções, uma vez que elas somente podem unir palavras por subordinação.

Quanto ao significado, Castilho (2010, p. 583) postula que

Frequentemente os gramáticos afirmam que as preposições são palavras “vazias de sentido”, certamente dada a dificuldade de identificar o sentido nessa classe. Nesta gramática, vamos admitir que cada preposição tem um sentido de base, de localização espacial ou temporal. Nem sempre temos uma consciência clara disso, mas nem por isso vamos aceitar a “explicação” do “sentido vazio”. Palavras sem sentido seriam ruídos, signos dotados só de significante – enfim, uma aberração. Por outro lado, se as preposições não têm sentido, por que as sentenças de (1), iguais em tudo, menos na escolha das preposições, teriam significados diferentes?

(1)

a) Cheguei **de** Recife.

b) Cheguei **em** Recife.

c) Você está rindo **pra** mim ou está rindo **de** mim?

Repetindo, o sentido básico das preposições é o de localizar no espaço ou no tempo os termos que elas ligam. Por localizar entidades, as preposições atuam como operadores\* de predicação\*, ou seja, atribuem propriedades semânticas às palavras que relacionam.

Castilho (2010) discorda de muitos gramáticos que afirmam que as preposições não possuem um sentido, pelo contrário, o autor admite que as preposições podem assumir dois sentidos base, nos exemplos ilustrados, que podem ser de localização temporal ou espacial, atribuindo significados às palavras que unem.

Ainda, segundo Castilho (2010, p. 585), quando se trata das preposições o “seu sentido base é reconhecível quando elas expressam as categorias POSIÇÃO NO ESPAÇO, DESCLOCAMENTO NO ESPAÇO e DISTÂNCIA NO ESPAÇO. O autor apresenta, ainda, um quadro<sup>15</sup> (Quadro 9) para demonstrar que “para representar linguisticamente as relações de ESPAÇO, as preposições mobilizam algumas categorias e subcategorias, de que resultam os papéis semânticos derivados”.

**Quadro 9:** As preposições e o tratamento da categoria cognitiva de ESPAÇO, segundo Castilho (2010).

| <b>Categoria Cognitiva</b> | <b>Organização da Categoria Cognitiva Espaço</b> | <b>Subcategorias Cognitivas</b> | <b>Papéis Semânticos Derivados</b> |
|----------------------------|--|---------------------------------|------------------------------------|
| Espaço                     | Posição no Espaço                                | Eixo horizontal                 | /origem/, /meio/, /meta/           |
|                            |  | Eixo vertical                   | /superior/ ~ /inferior/            |
|                            |  | Eixo transversal                | /anterior/ ~ /posterior/           |
|                            | Disposição no Espaço                             | Eixo continente/conteúdo        | /dentro/ ~ /fora/                  |
|                            | Proximidade no Espaço                            | Eixo longe/perto                | /proximal/ ~ /distal/              |
|                            | Movimento no Espaço                              | Eixo real/fictício              | /dinâmico/ ~ /estático/            |

**Fonte:** Castilho (2010, p. 585).

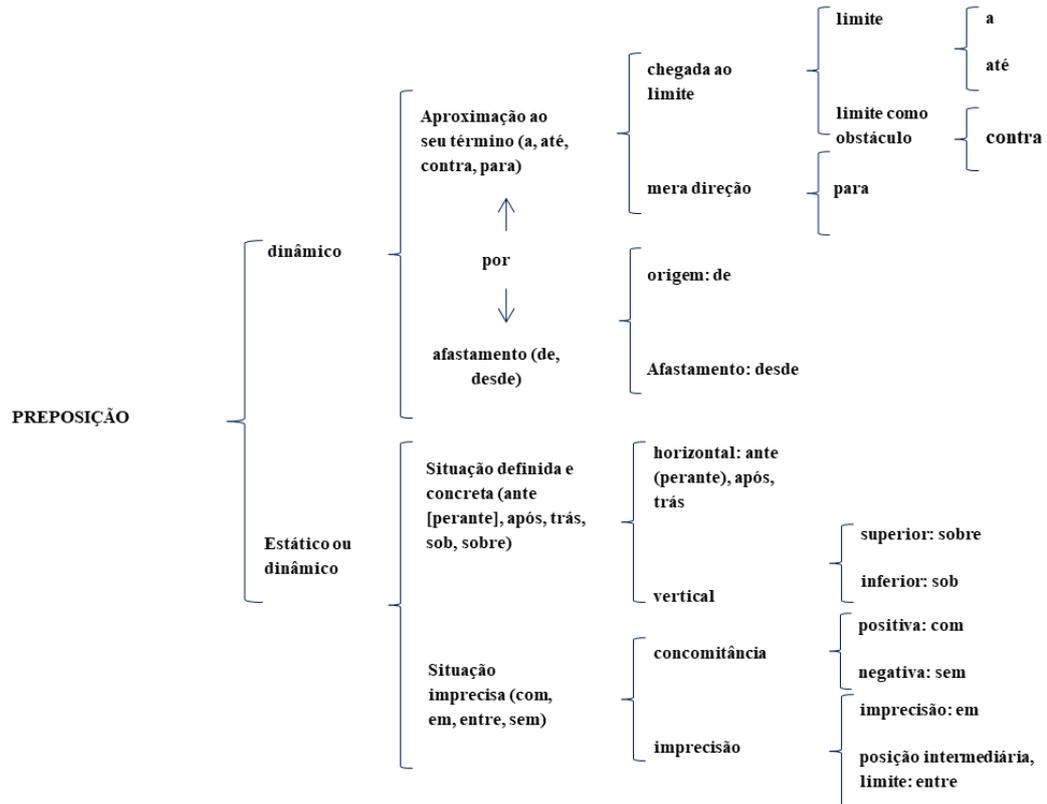
Castilho (2010) organiza as preposições conforme a sua posição cognitiva de espaço. Dessa forma, subdivide-as em subcategorias de acordo com eixos que indicam o movimento de partida, ou seja, o ponto de referência. Consoante o autor,

1. Eixo espacial horizontal: localização lateral: *à esquerda de, à direita de*. O eixo horizontal implica na imagem de percurso, de deslocamento, assinalado pelos traços PONTO INICIAL, ORIGEM (*de, desde, a partir de*), PONTO MEDIAL (*por, no meio de*), PONTO FINAL, META (*a, para, até, em, contra*). (...) (CASTILHO, 2010, p. 585).

<sup>15</sup> Quadro 14.3 – As preposições e o tratamento da categoria cognitiva de espaço (Nova Gramática do Português Brasileiro, 2010, p. 585)

Destaque-se que Castilho (2010) localiza as duas preposições deste estudo em um mesmo eixo cognitivo, o espacial horizontal, no entanto, a preposição “de” indica traços de ponto inicial ou origem, e a preposição “para”, ponto final ou meta.

Bechara (2010, p. 289) apresenta os traços semânticos das preposições:



Segundo o autor, a preposição “de” apresenta o traço dinâmico podendo aferir sentido de afastamento e origem. Já a preposição “para”, apesar de também apresentar o traço dinâmico, afere o sentido de aproximação ao seu término e de mera direção.

Dessa forma, compreende-se que sem a preposição muitas palavras, termos e orações teriam seu sentido comprometido, uma vez que as preposições ajudam a desempenhar essa função.

No *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Evanildo Bechara (2011), encontram-se as seguintes definições para a preposição “de” (Quadro 10).

**Quadro 10:** Definições para a preposição “de”, segundo Bechara (2011).

| Sentido                   | Exemplos                        |
|---------------------------|---------------------------------|
| Exprime ponto de partida. | Cheguei de casa.                |
| Indica assunto.           | Falar de política.              |
| Exprime condição.         | Saiu de vestido.                |
| A respeito de             | Ele disse de mim coisas lindas. |

|  |   |
|--|---|
| Exprime comparação.  | Ele é o maior de nós três.                    |
| Exprime posse ou autoria.  | O vestido de Sandra. / Letra de Chico Buarque |
| Exprime lugar.   | Só o vejo de longe.                           |
| Exprime quantidade, preço, medida.                               | Caixa de doze lápis.                          |
| Ligando dois substantivos, caracteriza e define pessoa ou coisa. | Homem de juízo.                               |
| Exprime meio, instrumento e modo.                                | Matar de fome. / Sair de moto.                |
| Equivale a <i>entre</i>  | Algum de vocês vai sair?                      |
| Matéria de que algo é feito.                                     | Bolsa de couro.                               |
| Indica causa.  | Cantar de alegria.                            |
| Exprime fim ou destino.  | Fôrma de assar bolo.                          |
| Indica lugar.  | Dor de cabeça.                                |
| Tempo  | Trem de meio-dia.                             |
| Exprime modo de ser.   | Finge-se de moderno.                          |
| Exprime o todo, depois de palavras que significam parte.         | Um pouco de café.                             |
| É palavra expletiva.   | O pobre do gato.                              |

**Fonte:** Adaptado de Bechara (2011).

Nota-se que a preposição “de”, nos exemplos apresentados por Bechara (2011), aparece com mais frequência na regência nominal, num total de 11 ocorrências, enquanto na regência verbal, ocorre apenas 8.

Cunha (2010, p. 322) postula que

a relação que se estabelece entre as palavras ligadas por intermédio de preposição pode implicar movimento ou não-movimento; melhor dizendo: pode exprimir um movimento ou uma situação daí resultante.

O autor enfatiza a ideia de movimento que as preposições podem atribuir a um contexto. Para isso, Cunha (2010) cita alguns exemplos com a preposição “de”.

Nos exemplos antes mencionados, a ideia de movimento está presente em:

Vou *a* Roma.

Todos saíram *de* casa.

São marcadas pela ausência de movimento as relações que as preposições *a*, *de* e *com* estabelecem nas seguintes frases:

Chegaram *a* tempo.

Chorava *de* dor.

Estive *com* Pedro.

Concordo *com* você. (2010, p. 322).

Percebe-se que o exemplo citado por Cunha (2010) que marca a ausência de movimento (Chorava de dor), aparece em Bechara (2011) no sentido de indicar causa (Cantar de alegria).

Cunha (2010) apresenta ainda três sentidos que a preposição “de” pode assumir:

Tanto o *movimento* como a *situação* (termo que adotaremos daqui por diante para indicar falta de movimento na relação estabelecida) podem ser considerados com referência ao *espaço*, ao *tempo* e à *noção*.

A preposição *de*, por exemplo, estabelece uma relação:

a) *Espacial* em:

Todos saíram *de* casa.

b) *Temporal* em:

Trabalha de 8 às 8 todos os dias.

c) *Nocional* em:

Chorava *de* dor.

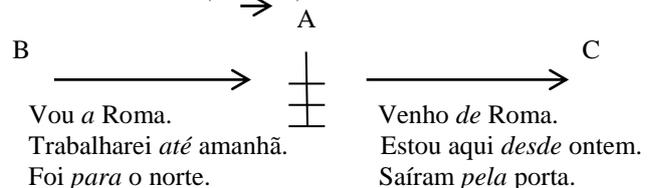
Livro *de* Pedro. (2010, p. 323).

O autor enfatiza que a preposição “de” é versátil, podendo estabelecer tanto relações de movimento, quanto de não movimento de forma consistente. Cunha (2010) destaca ainda que

Nos três casos a preposição *de* relaciona palavras à base de uma ideia central: “movimento de afastamento de um limite”, “procedência”. Em outros casos, mais raros, predomina a noção daí derivada, de “situação longe de”. Os matizes significativos que esta preposição pode adquirir em contextos diversos derivarão sempre desse conteúdo significativo fundamental e das suas possibilidades de aplicação aos campos espacial, temporal ou nocional, com a presença ou a ausência de movimento (2010, p. 323).

Destarte, Cunha (2010) conclui que a preposição “de” apresenta uma ideia central, de movimento, a qual servirá de base para outros significados. Para explicitar melhor essa ideia central, o autor estabelece um esquema de relações preposicionais com ideia de movimento que consiste em

levar em conta um ponto limite (A), em referência ao qual o movimento será de aproximação (B → A) ou de afastamento (A → C):

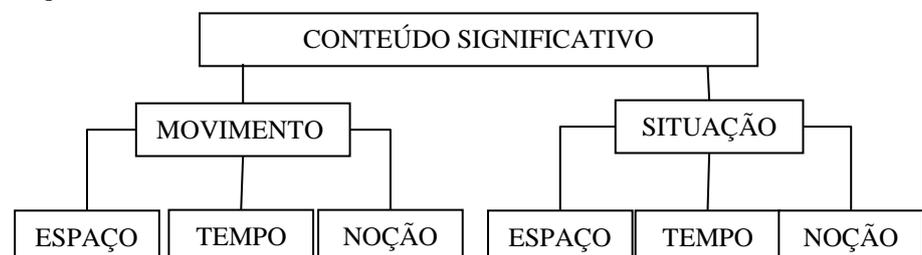


(CUNHA, 2010, p. 324)

Para concluir a explicação acerca da significação das preposições, Cunha (2010, p. 324) discorre

que, embora as preposições apresentem grande variedade de usos, bastante diferenciados no discurso, é possível estabelecer para cada uma delas uma significação fundamental, marcada pela expressão de movimento ou de situação resultante (ausência de movimento) e aplicável aos campos espacial, temporal e nocional.

Esquemmatizando:



Esta subdivisão possibilita a análise do sistema funcional das preposições em português, sem que precisemos levar em conta os variados matizes significativos que podem adquirir em decorrência do contexto em que vêm inseridas.

Cunha conclui com um esquema que possibilita compreender melhor o uso das preposições, fazendo uma recapitulação do conteúdo significativo de movimento e não movimento (situação).

Em relação à preposição “para”, Bechara (2011) apresenta as seguintes definições, conforme o Quadro 11, a seguir:

**Quadro 11:** Definições referentes à preposição “para”, de acordo com Bechara (2011).

| Sentido                             | Exemplos                    |
|-------------------------------------|-----------------------------|
| Em direção a                        | Dirigiu-se para São Paulo.  |
| Indica tempo futuro ou certo prazo. | Deixou a vigem para depois. |
| Destinado a                         | Tratamento para idosos.     |
| Contra                              | Remédio para azia.          |
| A ponto de                          | Está para chegar.           |
| Na opinião de                       | Para mim, o filme é bom.    |

**Fonte:** Adaptado de Bechara (2011).

No caso da preposição “para”, percebe-se que ocorre o mesmo número de casos tanto para a regência verbal quanto para a nominal.

Cunha (2010, p. 325) afirma que a preposição “para” em geral introduz o objeto indireto, assim como a preposição “a”, e corresponde a um “movimento em direção a”.

Gonçalves (2008) em seu estudo sobre “A preposição *para* e o processo de construção referencial”, faz a análise de alguns enunciados retirados de alguns jornais de São Paulo, tendo como fundamentação a Teoria das Operações Predicativas Enunciativas (TOPE). A autora chega à conclusão de que a preposição “para” estabelece uma relação de posse na maioria dos enunciados, mesmo que, muitas vezes, essa relação esteja aliada a outra noção. Alguns exemplos da autora, a seguir:

(1c) O prefeito anunciou que já negocia a doação de áreas para que outras entidades revendam.

(1h) O prefeito anunciou que já negocia a doação de área para que outras entidades também se beneficiem.

De acordo com Gonçalves (2008, p. 80),

O enunciado (1c) já aguça nossa sensibilidade à polissemia (indeterminação da marca) e do jogo complexo de sentidos que dela resulta. Isso ocorre porque o

enunciado (1c) mostra uma finalidade para a doação de áreas, por exemplo, “para que as três entidades não reclamem”. Apesar disso, podemos pensar além de uma simples finalidade (projetada por *para*) e constatamos que a marca está projetando algo e que esta finalidade (intenção) nada mais é do que uma transferência [...] Essa ideia é, sem dúvida, transmitida pela marca. Diríamos que é uma projeção que, de certa forma, está ligada à questão da posse e também a uma finalidade.

Gonçalves (2008) explica que o valor de “para” nesse enunciado, além de posse, está indicando uma finalidade, ou seja, a preposição está marcando para que fins está sendo realizada a ação. Dessa forma, percebe-se que num mesmo enunciado podem ser marcados mais de um sentido pela mesma preposição.

No que se refere ao enunciado (1h), Gonçalves (2008, p. 82) afirma que “já evidencia-se a finalidade e *para que* –exerce tal função em conjunto”. A autora reforça a ideia de finalidade aferida pelo “para”, no entanto, reforçada pelo “que” nesse enunciado. Para a autora, é a preposição que aciona as operações que conferem sentido ao enunciado.

Neste trabalho, as preposições “de/para” apresentam, portanto, conteúdo semântico no sentido de “movimento”, conforme apresentado em Cunha 2010.

### 1.3 OBJETIVOS, QUESTÕES E HIPÓTESES

Após estabelecido o arcabouço teórico-metodológico adotado neste estudo, bem como a apresentação dos significados do verbo “dar” em dicionários, Gramáticas Normativas e trabalhos variacionistas/funcionalistas, traçou-se os seguintes objetivos, questões e hipóteses para esta pesquisa.

#### 1.3.1 Objetivo Geral

Investigar a variação da *construção verbal*  $VI_{DAR} + PREPOSIÇÃO_{PARA/PRA/DE} + V2_{INFINITIVO}$  no falar dos moradores do município de Humaitá (AM) a fim de contribuir para o conhecimento das áreas dialetais brasileiras.

#### 1.3.2 Objetivos Específicos

- Descrever as variantes da variável *construção verbal*  $VI_{DAR} + PREPOSIÇÃO_{PARA/PRA/DE} + V2_{INFINITIVO}$  no falar humaitaense (AM);
- Analisar os condicionadores, linguísticos e extralinguísticos (‘sexo’, ‘idade’ e ‘zona’), que podem estar influenciando ou não a variação no uso da *construção verbal*  $VI_{DAR} + PREPOSIÇÃO_{PARA/PRA/DE} + V2_{INFINITIVO}$  na fala dos habitantes de Humaitá (AM);

- Discutir se a variação no uso da *construção verbal*  $V_{1DAR} + PREPOSIÇÃO_{PARA/PRA/DE} + V_{2INFINITIVO}$  nos dados de fala dos moradores de Humaitá (AM) constitui uma variável estável ou se está em processo de mudança através da observação do tempo aparente (*idade*).

### 1.3.3 Questões

- Quais as variantes da variável *construção verbal*  $V_{1DAR} + PREPOSIÇÃO_{PARA/PRA/DE} + V_{2INFINITIVO}$  no falar humaitaense (AM)?
- Quais condicionadores, linguísticos e extralinguísticos (*'sexo'*, *'idade'* e *'zona'*), que podem estar influenciando ou não a variação no uso da *construção verbal*  $V_{1DAR} + PREPOSIÇÃO_{PARA/PRA/DE} + V_{2INFINITIVO}$  na fala dos habitantes de Humaitá (AM)?
- A variação da *construção verbal*  $V_{1DAR} + PREPOSIÇÃO_{PARA/PRA/DE} + V_{2INFINITIVO}$  nos dados de fala dos moradores de Humaitá (AM) constitui uma variável estável ou está em processo de mudança através da observação do tempo aparente (*idade*)?

### 1.3.4 Hipóteses

- Espera-se encontrar as formas “dar de” e “dar pra” como variantes no uso da *construção verbal*  $V_{1DAR} + PREPOSIÇÃO_{PARA/PRA/DE} + V_{2INFINITIVO}$  no falar humaitaense (AM);
- Quanto ao *'sexo'*, espera-se que a variante “dar de” seja utilizada com maior frequência pelas pessoas do sexo masculino, enquanto a forma “dar pra”, seja utilizada com maior frequência pelas pessoas do sexo feminino, pelo papel exercido pela mulher na sociedade, tanto em casa quanto no ambiente de trabalho, que lhes permite um maior contato com a televisão e outras redes sociais e, conseqüentemente, um maior contato com outras variantes consideradas “padrão” na língua. Estudos sociolinguísticos têm mostrado o papel mais conservador da mulher do ocidente. Elas, ainda, só lideram a mudança linguística quando a variante inovadora é considerada de prestígio (cf. LABOV, 2008);
- No tocante à *'zona'*, espera-se encontrar com maior frequência a forma “dar de” na fala dos moradores da zona rural, por terem menor contato com mídias sociais e programas televisivos, bem como espera-se encontrar a forma “dar pra” com maior frequência na fala dos moradores da zona urbana, por terem maior facilidade de acesso a esses meios de comunicação e interação;

- Espera-se encontrar a forma de regência “dar de” diante dos verbos: ir e chegar, por indicarem movimento e a preposição “de” também estabelecer essa relação de movimento, segundo Cunha (2010);
- Espera-se que a forma de regência “dar de” seja utilizada com mais frequência por pessoas de mais idade, enquanto a forma de regência “dar pra”, por pessoas mais jovens, uma vez que esta forma pode ser considerada mais inovadora em Humaitá (AM), constituindo uma mudança em tempo aparente.

#### 1.4 Síntese

Neste capítulo discorreu-se sobre os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística, Teoria da Variação e Mudança, que norteia a pesquisa, descrevendo o seu surgimento e a maneira como ela trata o seu objeto de estudo. Foram expostos alguns significados do verbo “dar”, encontrados em dicionários e gramáticas normativas, bem como foram descritos alguns estudos variacionistas/funcionalistas acerca do verbo em estudo. Ainda, foi levantada uma discussão a respeito das preposições “de” e “para/prá”. Por fim, foram apresentados os objetivos, questões e hipóteses desta pesquisa. O próximo capítulo, destina-se à metodologia que foi empregada no estudo da variação da *construção verbal* *V1DAR + PREPOSIÇÃO PARA/PRA/DE + V2INFINITIVO* no falar humaitaense (AM).

## CAPÍTULO 2 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

No presente capítulo, são apresentados os procedimentos metodológicos desta pesquisa, dividido da seguinte forma: na primeira parte, faz-se a descrição da natureza dos dados, bem como do perfil dos informantes, o tratamento do áudio, a transcrição e o suporte quantitativo. Logo após, é apresentado o perfil sócio-histórico da cidade de Humaitá (AM). Por fim, elucida-se a definição da variável dependente e das variáveis independentes (linguísticas e extralinguísticas).

### 2.1 A NATUREZA DOS DADOS

Esta pesquisa teve como fenômeno investigado, como já mencionado, a variação linguística “da construção verbal V1DAR + PREPOSIÇÃO PARA/PRA/DE + V2INFINITIVO” na fala de moradores de Humaitá (AM)”. Para isso, primeiro foram utilizados os dados obtidos pelo projeto CoLingAM<sup>16</sup> — *Corpus Linguajar Amazonense*, uma vez que já possui um banco de dados de fala constituído no município de Humaitá. No entanto, após as análises dos primeiros resultados, constatou-se que as ocorrências do fenômeno foram poucas no referido *corpus*, implicando a necessidade de se obter mais dados. Dessa feita, decidiu-se ir a campo para a realização de entrevistas, a fim de obter uma quantidade maior do fenômeno em foco. A pesquisa de campo<sup>17</sup> realizou-se no período de 04 a 09 de janeiro de 2020, na qual foram gravadas entrevistas sociolinguísticas, com informantes da zona urbana e da zona rural, mais especificamente do Distrito de Auxiliadora. Foram coletados, ainda, dados em redes sociais para uma amostra complementar.

#### 2.1.1 Perfil dos informantes: a pesquisa de campo

No que tange à pesquisa de campo, primeiramente, foi traçado o perfil dos informantes, e, conseqüentemente, a quantidade de informantes que seriam entrevistados. Os informantes foram estratificados de acordo com ‘zona’, ‘sexo’, ‘idade’ e ‘escolaridade’.

Dessa forma, a quantidade da amostra ficou assim definida: 24 informantes nascidos em Humaitá (AM), cujos pais tenham nascido e vivido na mesma cidade do informante selecionado, sendo 12 pessoas na zona urbana e 12 pessoas na zona rural, assim distribuídos: dois homens e duas mulheres (com idades entre 18 a 35 anos), dois homens e duas mulheres

<sup>16</sup> Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/colingam>

<sup>17</sup> Optou-se por seguir os intervalos de tempo definidos pelo ALAM, no intuito de manter a homogeneidade das pesquisas realizadas no Amazonas.

(entre 36 a 55 anos) e dois homens e duas mulheres (com idade a partir dos 56 anos). O nível de escolaridade dos informantes também foi controlado, dividindo-se os informantes em dois grupos: 5 a 8 anos de escolarização (Fundamental II) e 9 a 11 anos de escolarização (Ensino Médio).

Contudo, não foi possível preencher todas as células sociais, tendo em vista que não encontramos informantes que se encaixassem em alguns perfis sociais, conforme ilustrado no Quadro 12, a seguir:

**Quadro 12:** Perfil dos informantes da Pesquisa de Campo realizada em Humaitá (AM)

| Zona         | Escolaridade                                 | Faixa Etária |        |              |        |              |        |
|--------------|--|--------------|--------|--------------|--------|--------------|--------|
|              |  | 18 a 35 anos |        | 36 a 55 anos |        | 56 em diante |        |
|              |  | Homem        | Mulher | Homem        | Mulher | Homem        | Mulher |
| Rural        | 5 a 8 anos de escolarização (Fundamental II) | 1            | 1      | 1            | 1      | 1            | 1      |
|              | 9 a 11 anos de escolarização (Ensino Médio)  | 1            | 1      | 1            | 1      | -            | -      |
| Urbana       | 5 a 8 anos de escolarização (Fundamental II) | 1            | -      | -            | 1      | 1            | 1      |
|              | 9 a 11 anos de escolarização (Ensino Médio)  | 1            | 1      | 1            | 1      | -            | 1      |
| <b>Total</b> |  | 4            | 3      | 3            | 4      | 2            | 3      |

**Fonte:** Levantamento de dados. Elaborado pela autora.

Como se observa no Quadro 12, cinco entrevistas não foram realizadas, resultando em 19 informantes para a constituição do *corpus* desta pesquisa, sendo dez da zona rural e nove da zona urbana. Constatou-se que a dificuldade de se encontrar três informantes na terceira faixa etária que possuem o Ensino Médio na zona rural resulta da precariedade e falta de estudos na comunidade ribeirinha investigada em uma época específica. A comunidade passou a ter Ensino Médio a partir do ano de 2004. Em contrapartida, encontrou-se dificuldade em encontrar dois informantes que possuíssem apenas o Ensino Fundamental na zona urbana, evidenciando um crescimento na população com maior escolaridade nessa zona. Alguns desses dados podem ser constatados por meio das fichas sociais elaboradas para a seleção dos informantes (cf. Apêndice A, p. 127).

### 2.1.2 Perfil dos informantes: Projeto CoLingAM

Concernente ao perfil dos informantes do projeto CoLingAM (2013/2014), segundo Campos e Stein, pesquisadores responsáveis pela coleta dos dados, o *corpus* é constituído de dados de 12 informantes nativos de Humaitá (AM), com pais nascidos também nessa localidade. Foram entrevistadas seis pessoas na zona urbana e seis pessoas na zona rural: dois

adolescentes (com idades entre 14 e 17 anos), dois adultos (entre 25 e 45 anos) e dois idosos (acima de 60 anos), sempre um homem e outro mulher. O nível de escolaridade dos informantes foi, sempre que possível, o do ensino médio, completo ou incompleto.

**Quadro 13:** Perfil dos informantes do Projeto CoLingAM

| Zona   | Faixa Etária                       |        |                               |        |                              |        |
|--------|------------------------------------|--------|-------------------------------|--------|------------------------------|--------|
|        | G1 – adolescente<br>(14 a 17 anos) |        | G2 – adulto<br>(25 a 45 anos) |        | G3 – idoso<br>(60 em diante) |        |
|        | Homem                              | Mulher | Homem                         | Mulher | Homem                        | Mulher |
| Rural  | 1                                  | 1      | 1                             | 1      | 1                            | 1      |
| Urbana | 1                                  | 1      | 1                             | 1      | 1                            | 1      |

**Fonte:** Levantamento de dados. Elaborado pela autora.

O projeto CoLingAM foi financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), coordenado por Maria Sandra Campos, da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), e por Cirineu Cecote Stein, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

De acordo com os pesquisadores,

O *CoLingAM* — Corpus Linguajar Amazonense — faz uma documentação da fala das comunidades amazonenses, procurando preservar as suas características próprias, antes que se diluam, sobretudo pela influência dos meios de comunicação de massa.

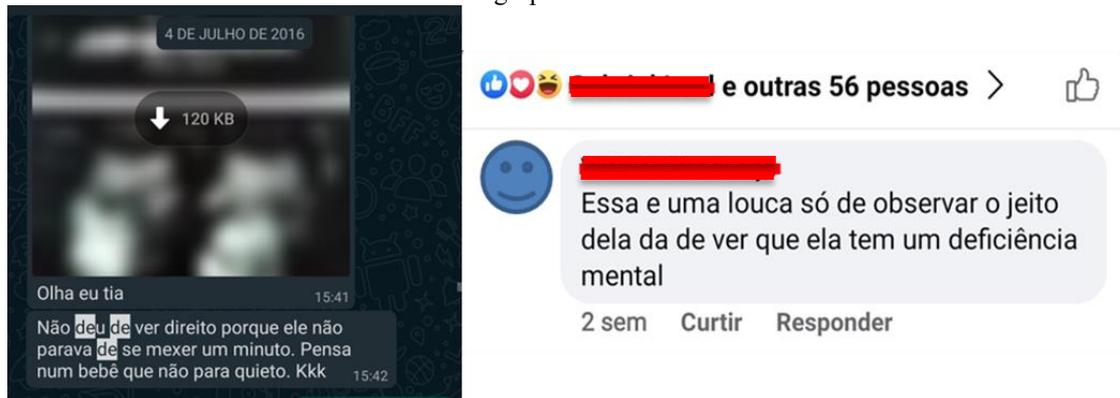
Os dados do projeto foram coletados na cidade de Humaitá (AM), entre 2013 e 2014, constituindo uma peça documental dessas variedades dialetais em um momento histórico específico.

### 2.1.3 Amostra Complementar

A fim de se obter uma maior amostra do fenômeno em estudo na cidade de Humaitá (AM), resolveu-se coletar uma amostra complementar com dados escritos do fenômeno em redes sociais, mais especificamente no *Facebook*, em conversas privadas e comentários em Grupos abertos, e em conversas privadas e grupos de *Whatsapp* (Figura 1).

Para essa amostra, foi definido um recorte temporal de cinco anos (2015 a 2020), com informantes em sua maioria desconhecidos e que tiveram a identidade preservada, por isso, só foi possível estratificar: ‘*sexo*’, ‘*rede social*’ e ‘*recorte temporal*’.

**Figura 1:** (A) Ocorrência da variante “dar de” em conversa de Whatsapp; (B) Ocorrência da variante “dar de” em grupo do Facebook



**Fonte:** Arquivo pessoal; Grupo de Rede Social *Facebook*.

### 2.1.4 As entrevistas: a pesquisa de campo

Uma das características da pesquisa sociolinguística é a análise do vernáculo. Tarallo (2007, p. 19) assim define:

Em suma, a língua falada é o vernáculo: a enunciação de fatos, proposições, ideias (o que) sem a preocupação de *como* enunciá-los. Trata-se, portanto, dos momentos em que o mínimo de atenção é prestado à língua, ao *como* da enunciação. Essas partes do discurso falado, caracterizadas aqui como o vernáculo, constituem o material básico para a análise sociolinguística.

No entanto, para a obtenção do vernáculo, é preciso apropriar-se de vários procedimentos, no intuito de minimizar a presença de um entrevistador e de um gravador. Esse processo é o que Labov (2008, p. 244) chama de *paradoxo do observador*. De acordo com o autor, “o objetivo da pesquisa sociolinguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas – no entanto, só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática”.

Segundo Labov (2008, p. 244, 245),

Uma maneira de superar o paradoxo é romper os constrangimentos da situação de entrevista com vários procedimentos que desviem a atenção do falante e permitam que o vernáculo emerja. Isso pode ser feito em vários intervalos e pausas, que, se bem definidos, fazem com que a pessoa presuma inconscientemente que, naquele momento, não está sendo entrevistada. Também podemos envolver a pessoas com perguntas que recriem emoções que ela experimentou no passado, ou envolvê-la em outros contextos. Uma das perguntas desse tipo que tem dado mais resultado é a que lida com o “risco de vida”: “Você já viveu alguma situação em que correu risco de morrer?”. As narrativas produzidas em resposta a essa pergunta quase sempre exibem uma mudança de estilo que se distancia da fala monitorada e se aproxima do vernáculo.

Por isso, a fim de deixar os informantes mais à vontade, no intuito de se captar o vernáculo, as entrevistas foram feitas por meio de “conversas informais” através do estímulo de narrativas de experiências pessoais. As conversas foram gravadas por meio de aparelho celular modelo Smartphone Moto G6 Play 32GB Indigo e procurou-se sempre minimizar a presença dele, para evitar a inibição do informante. Algumas das entrevistas na zona rural foram realizadas pelo colaborador Delcio Martins.

Para a realização da pesquisa de campo, foi elaborado um roteiro com perguntas pré-formuladas com a finalidade de se obter na fala dos informantes o fenômeno em estudo (cf. Apêndice A, p. 127).

Ao final da gravação da pesquisa de campo, foi preenchida a Ficha Social contendo nome, idade, escolaridade, profissão, nome dos pais, entre outras informações importantes para a dimensão social.

### **2.1.5 As entrevistas: Projeto CoLingAM**

Para a realização das entrevistas feitas pelo projeto CoLingAM, de acordo com os pesquisadores responsáveis, optou-se pelo registro audiovisual de todos os informantes, possibilitando, no futuro, que se aproveite parte desse material para a constituição de documentários. Utilizou-se uma filmadora Panasonic AG-HMC70, de alta definição, montada em um tripé. Acoplado a ela, um microfone ultracardiode, Yoga HT-81. O áudio, originalmente capturado em um canal (mono), foi extraído, mantendo-se a frequência de amostragem de 44.100Hz.

Segundo eles, o registro sonoro fora de ambiente acusticamente isolado oferece inúmeras dificuldades, por isso, buscou-se, sempre que possível, minimizar a interferência de ruídos, embora nem sempre isso tenha sido possível.

Os pesquisadores ressaltam que, em relação à espontaneidade da fala, a exposição do informante a um equipamento de gravação pode ser muitas vezes intimidadora, mas, na maior parte das vezes esse efeito foi neutralizado após alguns minutos do início da gravação. O caráter de informalidade com que se desenvolveram os inquéritos contribuiu para esse resultado e somente em alguns poucos informantes, a tensão foi mantida durante toda a entrevista.

Ao final da gravação, os pesquisadores preencheram a ficha social dos informantes, focalizando pontos relevantes, entre os quais origem dos pais, formação educacional, atividades de lazer.

### 2.1.6 O tratamento do áudio, a transcrição e o suporte quantitativo: a pesquisa de campo

Após a coleta dos dados de fala, o primeiro passo foi transcrevê-los grafematicamente. Para a transcrição, foram consultadas as Normas Para a Transcrição Grafemática definidas por Preti (1993) (cf. Anexo A, p. 113).

A respeito da transcrição, Paiva e Duarte (2017, p. 135) afirma que

Antes de mais nada, é necessário ressaltar que a qualquer transcrição de dados linguísticos subjaz, mesmo que não explicitada, uma teoria que norteia muitas das decisões a serem tomadas durante o processo. De certa forma, podemos afirmar que a transcrição pressupõe uma pré-análise dos dados, na medida em que nosso posicionamento teórico preestabelece, muitas vezes, a própria unidade de análise a ser considerada (a sentença, a unidade entonacional, o turno conversacional). Mesmo quando se procura fazer uma transcrição que possa ser útil para trabalhos futuros e diversificados, assume-se uma postura teórica. E, além disso, é a orientação teórica do pesquisador e os seus objetivos que modelam previamente um conjunto de convenções (um sistema de transcrição) que norteará a transposição dos registros orais para uma forma gráfica. Esse sistema de convenções se faz necessário para garantir um mínimo de consistência no processo de transcrição dos dados de fala.

Segundo a autora, ao transcrever os dados de fala, a orientação teórica do pesquisador é que norteará qual convenção será adotada para transcrevê-los. Esse processo é importante para que a transposição dos registros orais em forma gráfica tenha consistência mínima.

Paiva e Duarte (2017, p. 136) ressalta, ainda que

A fidelidade aos dados orais deve ser objetivo de toda transcrição. Queremos registrar o que foi dito por um falante da forma como foi dito. Uma transcrição não é e não pode ser uma edição da fala do entrevistado. Assim, se um falante diz *as menina bonita* (ao invés de *as meninas bointas*), tal cadeia deve ser registrada exatamente da forma como foi pronunciada.

Dessa forma, procurou-se sempre manter a fidelidade ao se transcrever os dados orais obtidos nas entrevistas, mantendo o maior cuidado para não interferir nos traços registrados. Ao final das transcrições, obtemos um banco de dados de fala considerável, que poderá ser utilizado em outras pesquisas futuras.

Depois de todo o *corpus* transcrito, foi feita a identificação do fenômeno, bem como a codificação da ocorrência do fenômeno na fala de cada informante.

De acordo com Scherre e Naro (2017, p. 155),

Codificar é transformar em código identificável pelos programas computacionais disponíveis tudo o que queremos que seja quantificado. (...) Antes de iniciar o processo de codificação propriamente dito, o pesquisador deve escolher um símbolo – e apenas um – para cada uma das variantes da variável dependente. [...] A seguir, o pesquisador deve escolher um símbolo – e apenas um – para cada um dos fatores das

variáveis independentes. São símbolos válidos praticamente todos os caracteres contidos no teclado de computador, exceto o ponto final, a barra inclinada para a direita, o abre-parênteses, o fecha-parênteses e o espaço em branco que têm significados especiais para os programas *Varbrul*.

Os autores explicam como deve ser feita a escolha dos códigos que serão depois submetidos ao programa computacional (rodadas estatísticas) que irá gerar os resultados quantitativos.

No que concerne ao suporte quantitativo, os dados extraídos foram submetidos ao programa computacional GOLDVARB X (SANKOFF, TAGLIAMONTTE; SMITH, 2005). Segundo Coelho *et al.* (2018, p. 126),

O varbrul (*Variable rules analysis* – “*Análise de regras variáveis*”) é um pacote estatístico desenvolvido por David Sankoff e Pascale Rousseau, em 1978, usado para descrever padrões de variação entre formas alternativas de uso da língua. O pacote fornece cálculos de frequência, percentuais e pesos relativos (PR) associados a cada fator das variáveis independentes em relação à aplicação da regra, indicando a influência de cada um desses fatores sobre o uso de uma das variantes. [...] Atualmente, esse programa se encontra disponível, livremente, com o nome de GoldVarb.

Os autores salientam a importância desse programa para as pesquisas sociolinguísticas, uma vez que facilita a geração dos dados a serem analisados, mas também, por fornecer o peso relativo, indispensável para a confiabilidade dos resultados.

Por fim, os dados foram interpretados à luz da Sociolinguística, modelo estruturado por Labov.

### **2.1.7 O tratamento do áudio, a transcrição e o suporte quantitativo: Projeto CoLingAM**

Por se tratar em parte de um *corpus* extraído de um banco de dados já constituído, as fases de tratamento de áudio e transcrição foram realizadas pelos pesquisadores responsáveis pelo projeto, no caso o CoLingAM — Corpus Linguajar Amazonense.

Consoante os pesquisadores, para delimitar a convenção a ser utilizada nas transcrições dessa coleção Dialetos Amazonenses, optou-se por seguir as reflexões estabelecidas por Durand *et alii* no *Bulletin PFC – La phonologie du français contemporain: usages, variétés et structures* (que, por sua vez, foram inspiradas nas adotadas pelos *corpora* GARS, de Aix-en-Marseille, na França, e VALIBEL, de Louvain-la-Neuve, na Bélgica, seguindo também orientações de Gjert Kristoffersen, de Bergen, na Noruega), em diálogo com as normas adotadas pelo projeto NURC – Projeto da Norma Urbana Oral Culta (CALLOU, 1991), adaptando-as às necessidades específicas desse *corpus*.

Segundo eles, a transcrição das entrevistas tem seis objetivos principais:

- a) permitir a localização de ocorrências fonéticas específicas, por via ortográfica;
- b) permitir a localização de ambientes fonológicos específicos, por via ortográfica;
- c) permitir a identificação das possíveis estruturas prosódicas associadas às estruturas sintáticas;
- d) permitir o alinhamento entre o som e o texto;
- e) permitir a identificação das múltiplas estruturas sintáticas;
- f) permitir a identificação do conteúdo semântico veiculado pelos informantes.

Para os pesquisadores, considerando-se esses objetivos, a opção pela forma a ser adotada nas transcrições se dá na direção do estabelecimento de um texto que contemple a ortografia padrão em vigor, utilizando-se uma pontuação que reflita as pausas sintáticas estabelecidas. Elementos morfológicos ausentes (morfemas derivacionais e desinências flexionais) não devem ser representados, como indicação da forma utilizada oralmente (no entanto, formas orais contratas deverão ser transcritas de forma completa, evidenciando-se uma realização oral momentânea), e o radical de palavras poderá ser parcialmente representado, caso a forma final seja de uso consolidado e, preferivelmente, dicionarizada.

Assim,

(1) [enũfoɾ'la] deverá ser transcrito 'Ele não foi lá.'

(2) [noɾsta'bãʊ] deverá ser transcrito 'Nós tá bom.'

Observe-se, no primeiro caso, que dois fonemas não foram realizados oralmente no pronome pessoal, assim como houve uma monotongação do ditongo no advérbio de negação. Na transcrição ortográfica, no entanto, tanto o pronome quanto o advérbio de negação foram representados na forma padrão.

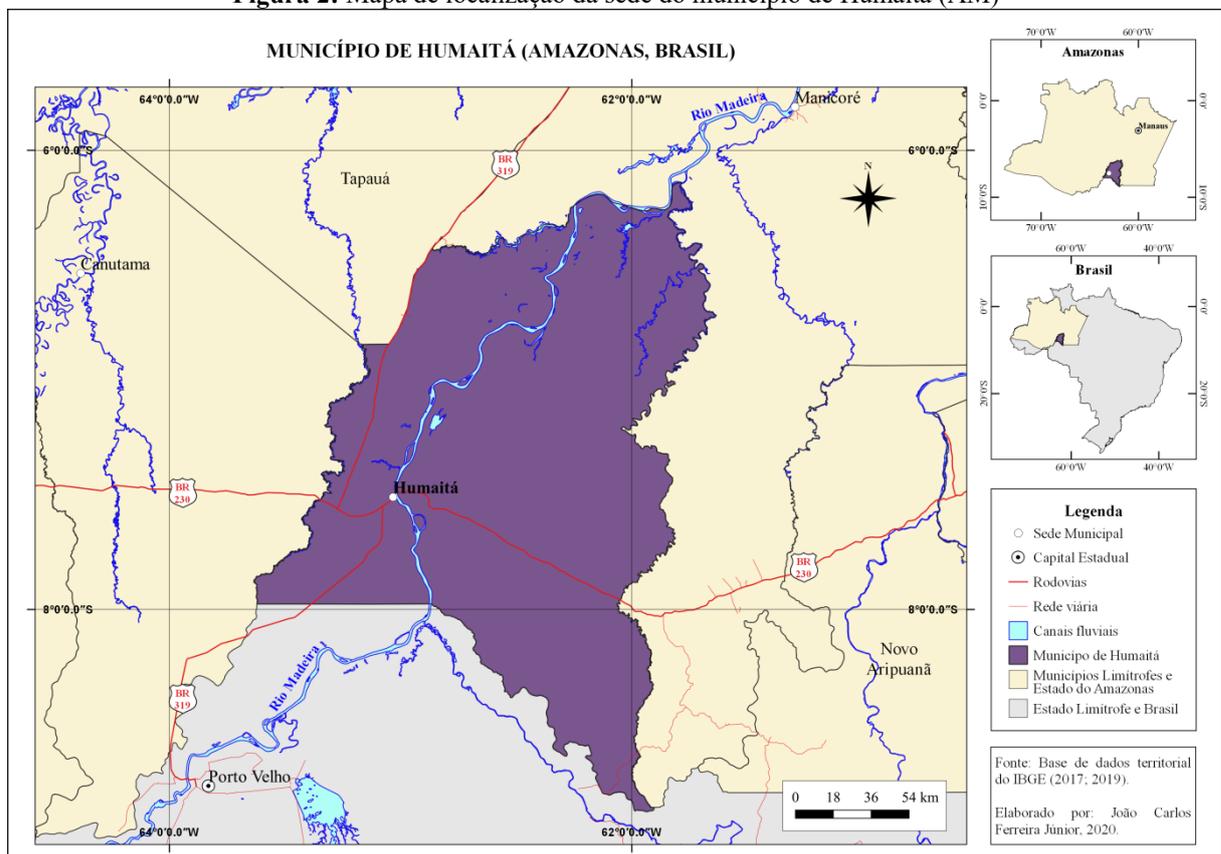
Os pesquisadores ressaltam que uma transcrição nesses moldes permite, com relativa facilidade, detectar os múltiplos fenômenos da língua (nos níveis fonético, fonológico, morfológico, sintático), uma vez que a maior parte deles ocorre em ambientes específicos. Assim, o pesquisador poderá promover uma pesquisa desses ambientes a partir da transcrição ortográfica (utilizando um editor de texto, como o MS Word, ou o próprio instrumento de busca do programa Transcriber, utilizado para realizar as transcrições) e verificar se naquele trecho específico ocorre o fenômeno de seu interesse, uma vez que dispõe também do áudio correspondente. Com isso, evitando-se uma tentativa de transcrição fonética fina por vezes imperfeita e tendenciosa, evita-se também influenciar os pesquisadores que fizerem uso desse *corpus*.

É importante ressaltar que os dados obtidos no Projeto CoLingAm foram amalgamados aos obtidos pela pesquisa de campo realizada, já que em ambos os *corpora* foram controlados de forma semelhante os grupos de fatores extralinguísticos ‘*sexo*’, ‘*idade*’, ‘*escolaridade*’ e ‘*zona*’.

### 2.1.8 Perfil sócio-histórico da cidade de Humaitá

O município de Humaitá está localizado no sul do estado do Amazonas (Figura 2), distante cerca de 600 km da capital, Manaus (IBGE, 2010). De acordo com o IBGE (2017), o município possui uma população estimada de aproximadamente 44 mil habitantes, sendo 30.475 na zona urbana (sede do município) e 13.641 da zona rural (comunidades ribeirinhas).

**Figura 2:** Mapa de localização da sede do município de Humaitá (AM)



**Fonte:** João Carlos Ferreira Junior (2020)

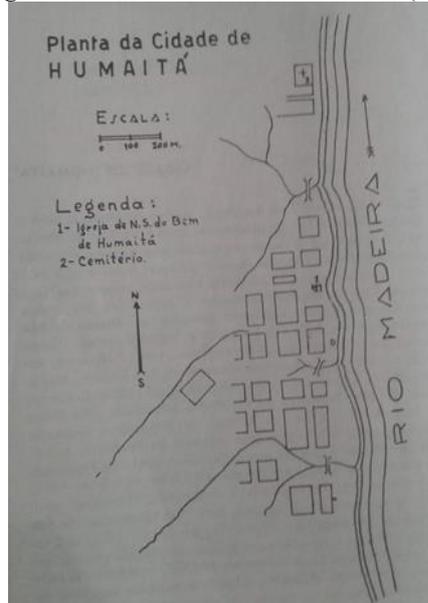
Por ser mais próxima a Porto Velho, que fica a 200 km de distância por rodovia asfaltada, a cidade possui relações muito mais próximas com a capital de Rondônia.

Humaitá fica às margens de um dos maiores rios do mundo, o Madeira, e está centrada num grande entroncamento rodoviário, entre as rodovias BR 319, que faz a ligação Porto Velho x Manaus, e a BR 230, que faz a ligação entre Lábrea (AM) com João Pessoa (PB) e,

por consequência de sua localização, sempre recebeu muitos migrantes advindos das mais diversas regiões do país (IBGE, 2017).

Segundo Humaitá – Estudos Sociais (SEDUC, 1993, p. 21), as origens de Humaitá remontam ao ano de 1693, com a fundação da Missão de São Francisco pelos jesuítas no rio Preto, afluente do rio Madeira.

**Figura 3:** Planta da cidade de Humaitá (AM)



**Fonte:** Retalhos históricos e geográficos de Humaitá: documentário histórico de Humaitá, 1869 a 1970.

Os indígenas que habitavam a região abrigavam-se nas margens dos rios Maici e Marmelo - também chamados de rios Torá e Tenharim. As principais etnias indígenas que povoavam o lugar, Parintintins, Pirarrãs e Muras, praticavam a economia de subsistência, como a caça, a pesca, o extrativismo e a agricultura familiar, sendo grandemente numerosos, consoante a fonte supracitada.

Humaitá teve como fundador o comerciante José Francisco Monteiro, que primeiro havia se estabelecido em Pasto Grande, um lugar acima da atual cidade, que era a sede da Freguesia de São Francisco, em 15 de maio de 1869. Entretanto, como Pasto Grande era constantemente atacada pelos índios Parintintins, José Francisco Monteiro mudou-se com a família para outro lugar, em 1888, estabelecendo-se em Humaitá, com o nome Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Beem de Humaitá (lei nº 790 de 13 de novembro de 1888)<sup>18</sup>, conforme observa-se na Figura 3, que mostra o desenho antigo da planta de Humaitá, retirada do livro de ALMEIDA (2005), Retalhos Históricos e Geográficos de Humaitá.

<sup>18</sup> Id., 1993, *ibid.*, p. 21

De acordo com o texto da SEDUC (1993, p.22), a criação do município foi dada pelo Decreto Nº 31 de 4 de fevereiro de 1890, tendo sua área territorial desmembrada do município vizinho de Manicoré. A criação da Comarca de Humaitá deu-se através do Decreto-Lei nº 95-A de 10 de abril de 1891, assinado pelo governador Eduardo Ribeiro.

**Figura 4:** Orla de Humaitá (AM)



**Fonte:** Foto ArtVid Produção & Marketing

Na Figura 4, é possível observar a Orla da cidade, às margens do Rio Madeira, e a Catedral de Nossa Senhora Imaculada Conceição, dois dos pontos turísticos mais frequentados por moradores e turistas que visitam a cidade.

Durante o período áureo da borracha, Humaitá foi elevada à categoria de cidade, em outubro de 1891, pela Lei nº 90. Por volta de 1900, Humaitá tornou-se grande produtor de borracha e prosperava nas mãos de ricos seringalistas (donos dos seringais) que ostentavam suas riquezas nos seringais e na cidade. Os seringais mais conhecidos foram: Três Casas, Paraíso e Bom Futuro. Nessa época, foram construídos o Colégio Oswaldo Cruz, o prédio da Prefeitura, o Castelo da Rua Gusmão e a antiga Biblioteca da cidade<sup>19</sup>.

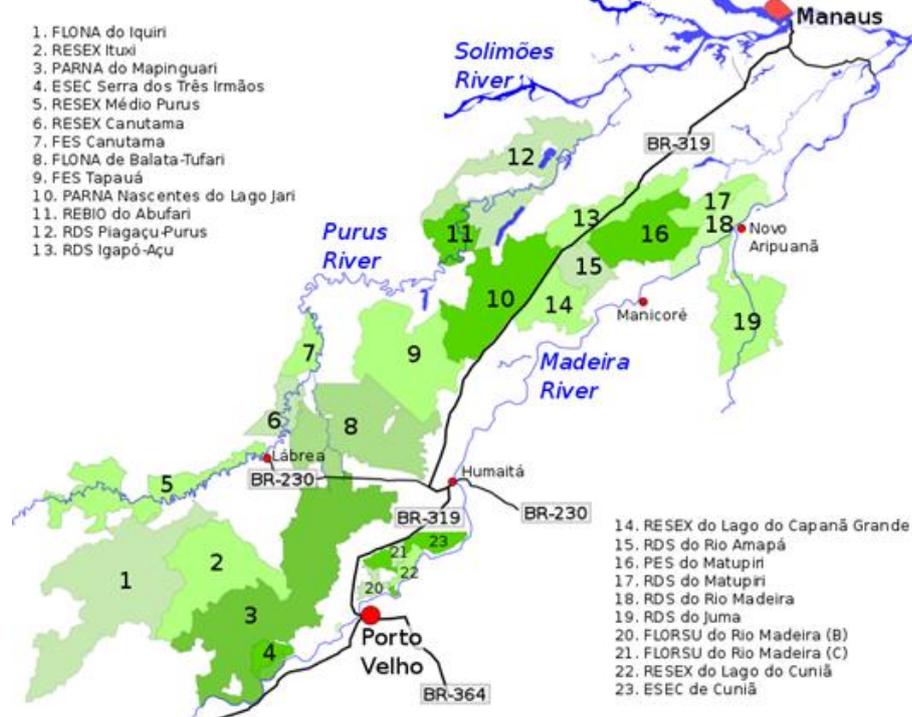
No entanto, após o fim do ciclo da borracha, Humaitá viveu um período de estagnação, que só foi superado no período da segunda Guerra Mundial (1939-1945), quando os “soldados da borracha”, vindos do Nordeste, retomaram a produção nos seringais de Humaitá. Esses trabalhadores ficaram assim conhecidos pelo fato de terem sido convocados para os seringais, motivados pelo governo por um sentimento de patriotismo, “lutando na

<sup>19</sup> Id., 1993, Ibid., p. 26

selva para aumentar a produção da borracha e enviar as ‘pélas de seringa’ para suprir a necessidade da indústria bélica” (SEDUC, 1993, p. 27).

Contudo, Humaitá obteve maior desenvolvimento com a construção das rodovias que fazem a ligação do município com o restante do país (Figura 5).

**Figura 5:** Rodovias BR-319 e Transamazônica que cruzam com Humaitá (AM)



Fonte: Wikipedia – a enciclopédia livre.

Observa-se, na Figura 5, que a cidade de Humaitá é cortada pelas rodovias: BR 230 (Transamazônica) e BR-319, conforme citado anteriormente.

De acordo com o Projeto Amazônia – Focolare (2008),

Na década de 70, durante a ditadura militar, foram abertas as rodovias Transamazônica e BR 319, que se cruzam em Humaitá, fato que veio proporcionar novos rumos para o desenvolvimento do município. Com a abertura das estradas começaram a chegar migrantes de outras regiões, principalmente do sul e do nordeste do país, em busca de trabalho, de terras, de garimpos e de melhores condições de vida. Órgãos como o INCRA e o 54º BIS deram início ao seu trabalho de legalização das terras e defesa das fronteiras brasileiras respectivamente. Foi quando o município começou novamente a prosperar. A partir daí, bairros novos surgiram, a população aumentou, o comércio cresceu, ruas foram asfaltadas, meios de transporte e comunicação tiveram suas melhorias. Com o crescimento demográfico provocado pela migração a partir da década de 70, novos costumes foram surgindo pela aculturação e o humaitaense passou a conviver com o uso do chimarrão, com a prática de rodeios e outros costumes vindos de fora, além dos problemas que passaram a ser vividos como o desemprego, a marginalidade, a prostituição infantil, etc. e principalmente o conflito pela terra.

Dessa forma, não só a população humaitaense aumentou, mas também Humaitá tornou-se um povo rico em diversidade cultural, uma vez que, com a chegada desses

migrantes, muitos costumes foram inseridos na comunidade local, influenciando desde a culinária, a música, festas culturais e até o modo de se vestir e falar.

**Figura 6:** Portal de Humaitá (AM)



**Fonte:** Wikipedia – a enciclopédia livre.

A Figura 6 mostra mais um dos pontos turísticos de Humaitá, O Portal Rio Madeira, localizado na entrada da cidade.

Segundo dados atuais do IBGE (2016), a economia do município está baseada na agropecuária, extrativismo vegetal e indústria, principalmente madeireira. A agropecuária também está em expansão, já a indústria é incipiente. O município dispõe ainda de um Produto Interno Bruto (PIB) de R\$ 493.744.000 em 2016, o que o coloca como o décimo-terceiro município com maior PIB no Amazonas.

**Figura 7:** Vista Panorâmica de Humaitá (AM)



**Fonte:** Divulgação/Coordenadoria Regional de Educação – SEDUC Humaitá

Observa-se, na Figura 7, o porto e a Orla da cidade, ambos às margens do Rio Madeira, bem como, pode-se ter uma visão do quanto a cidade cresceu e se desenvolveu no decorrer dos anos, destacando-se entre as cidades amazonenses, tanto por suas belezas naturais, quanto por seus belos pontos turísticos, que encantam moradores e turistas que a visitam.

## 2.2 A VARIÁVEL DEPENDENTE E AS VARIÁVEIS INDEPENDENTES

Para determinar a variável dependente e as variáveis independentes que se pretendem investigar, primeiramente, deve-se compreender alguns conceitos básicos concernentes a uma pesquisa sociolinguística, conforme abordou-se no 1º capítulo.

No caso da pesquisa em questão, temos como variável dependente a “*construção verbal V1<sub>DAR</sub> + PREPOSIÇÃO<sub>PARA/PRA/DE</sub> + V2<sub>INFINITIVO</sub>*” no falar humaitaense (AM) e como variantes as formas de construções “dar de” e “dar pra”.

Pensa-se, então, que o uso das variantes, no caso específico do verbo “dar”, pode ocorrer simultaneamente, sem que uma exclua a outra, ou seja, encontraremos tanto o uso da variante “dar de” quanto de “dar para/prá”. Entretanto, cabe pesquisar como está se dando o modo de “escolha” de cada uma das formas pelo falante.

### 2.2.1 Grupos de fatores linguísticos

Determinadas as variantes, procura-se investigar quais os condicionadores ou grupos de fatores estão favorecendo essas “escolhas”, uma vez que a variação não acontece por acaso, ou seja, não é aleatória. Como já exposto, os condicionadores podem ser linguísticos ou extralinguísticos e também podem ser chamados de variáveis independentes.

Dessa forma, os condicionadores linguísticos controlados nesta pesquisa foram:

- i) para o V1<sub>DAR</sub>: ‘formas nominais’, ‘tipos de auxiliar (modal, aspectual)’, ‘tempo verbal’ e ‘pessoa verbal’;
- ii) e para o V2<sub>INFINITIVO</sub>: ‘paradigma verbal: conjugação’, ‘paradigma verbal: radical’ e ‘traço semântico’.

No que condiz à variável ‘V1: formas nominais’, pretendeu-se investigar se a variação em foco também ocorre em todas as formas nominais do verbo “dar” (gerúndio, particípio e infinitivo). O objetivo é mostrar qual regência é mais utilizada quando o verbo “dar” está em uma das suas formas nominais, conforme se observa no Quadro 13 abaixo:

**Quadro 14:** Grupo de fatores linguísticos ‘V1 formas nominais’

| Fatores                  | Exemplos  |
|--------------------------|---|
| Gerúndio <sup>20</sup>   | “...canseira, um cansaço no peito e aqui não tive remédio, foi que eu fui levar ela e já fui <b>dando de, de viajar</b> , né, quando sentia, uma necessidade, né.” (Informante: brAM10_g3bF01, grifos nossos) |
| Particípio <sup>21</sup> | ***   |
| Infinitivo <sup>22</sup> | ***   |

Elaborado pela autora.

No que se refere ao grupo de fatores ‘V1: tipos de auxiliar’, foi analisado em quais tipos de verbos auxiliares ocorrem as variantes, por exemplo, se os verbos são modais ou aspectuais. O objetivo é demonstrar se essas ideias expressas pelo verbo auxiliar influenciam na escolha do falante por “dar de” ou “dar pra”. Para a análise dos verbos auxiliares aspectuais neste trabalho, adotamos a proposta de Ataliba Castilho (2010, p. 420). O Quadro 15, a seguir, ilustra alguns exemplos desses fatores:

**Quadro 15:** Grupo de fatores linguísticos ‘V1 Tipos de auxiliar’

| Fatores                                       | Exemplos  |
|---|---|
| Modal Deontico                                | Mas <b>dá de de refletir</b> o quanto a gente é embalado pelo ritmo e esquece de prestar muita atenção na letra. (Informante dos dados redes sociais, grifos nossos) <sup>23</sup> .  |
| Modal Epistêmico                              | é a parte que enche lá quase num... num <b>dá de tomar</b> banho... mas geralmente quando enche lá... ai:: tem o vinte que... a parte... da chuva... já enche e fica bom de tomar banho... (Informante da pesquisa de campo, grifos nossos) |
| Aspectual Imperfectivo incoativo ou inceptivo | “O fato é que ela <b>deu de juntar</b> dinheiro para ir ao menos a um espetáculo, sempre que havia companhia” (grifos nossos). <sup>24</sup>  |
| Aspectual Imperfectivo Cursivo                | “ <b>Davam para cantar</b> já os galos e o alferes de cavalos propôs.” (grifos nossos) <sup>25</sup>  |
| Aspectual Imperfectivo terminativo            | Foi no Peru. Ainda a pouco e <b>deu p sentir</b> no Acre. (Informante dos dados redes sociais, grifos nossos)   |
| Aspectual perfectivo pontual                  | *** <sup>26</sup>   |
| Aspectual perfectivo resultativo              | “TUDO o que tinha::... o que <b>deu pra levar</b> levavam... sabonete... tudo... tudo tudo tudo... o que tinha eles levavam e... depois... tocaram fogo dentro do mercado...” (Informante da pesquisa de campo, grifos nossos)              |
| Aspectual iterativo Imperfectivo/perfectivo   | Pedro <b>deu de beber</b> .   |

Elaborado pela autora.

<sup>20</sup> Os exemplos com esse formato de informante (brAM10\_g3bF01) fazem parte do *corpus* desta pesquisa (CoLingAm).

<sup>21</sup> Não foram encontrados exemplos para essa forma nominal.

<sup>22</sup> Não foram encontrados exemplos para essa forma nominal.

<sup>23</sup> Exemplo retirado de Souza (2016).

<sup>24</sup> Exemplo retirado do *Corpus do Português*, disponível em <<https://www.corpusdoportugues.org/>>

<sup>25</sup> Exemplo adaptado de Castilho (1968)

<sup>26</sup> Não foram encontrados exemplos para esse tipo de auxiliar.

No que concerne ao ‘V1: Tempo verbal’ foi analisado se esse grupo de fatores exerce influência sobre a regência do verbo “dar”. O enfoque foi dado ao modo indicativo, por motivo de delimitação de *corpus*. No Quadro 16, abaixo, pode-se observar alguns exemplos:

**Quadro 16:** Grupo de fatores linguísticos ‘V1: Tempo verbal’

| Fatores                           | Exemplos  |
|-----------------------------------|---|
| Presente <sup>27</sup>            | “Que, com este calor, até não se me <b>dá de descansar...</b> ” (O Conde d’Abranhos (1925), Eça de Queirós; grifos nossos).   |
| Pretérito Imperfeito              | “Quem cabia na rede... quem <b>dava de dormir</b> na rede... dormia, o dele era pequeno mas ele dormia só ele, né.” (Informante: brAM10_g3bF01, grifos nossos)                  |
| Pretérito Perfeito <sup>28</sup>  | <b>Deu de /para</b> falar mal de mim.   |
| Pretérito mais-que-perfeito       | “—[...] ao ouvir falar do monstruoso crime, tivera um mau sorriso e nenhuma providência <b>dera para castigar</b> os criminosos,” ( <i>Corpus do Português</i> ; grifos nossos) |
| Futuro do presente <sup>29</sup>  | ***   |
| Futuro do pretérito <sup>30</sup> | “Da jaula dos leões, <b>daria para</b> escutar a conversa.”   |

Elaborado pela autora.

No que diz respeito à variável ‘V1: Pessoa verbal’, pretendeu-se investigar se esse grupo de fatores é relevante para a “escolha” das variantes em questão. A seguir no Quadro 17, ilustram-se alguns exemplos:

**Quadro 17:** Grupo de fatores linguísticos ‘V1: Pessoa verbal’

| Fatores          | Exemplos   |
|------------------|--|
| P1 <sup>31</sup> | “Ao som das canções de Sarah Vaughan <b>dei ultimamente de reler</b> o poeta Rainer Maria Rilke” (Grifos nossos).                                  |
| P2 <sup>32</sup> | ***  |
| P3 <sup>33</sup> | Ela <b>deu de gritar</b> (Grifos nossos)   |
| P4 <sup>34</sup> | ***  |
| P5 <sup>35</sup> | ***  |
| P6               | “E as igaras <b>deram de</b> chegar: chegou uma, chegou a segunda, chegou a terceira.” (Alvaro Cardoso Gomes, Os rios inumeráveis) (Grifos nossos) |

Elaborado pela autora.

No tocante à ‘V2: Paradigma Verbal- Conjugação’, foi examinada a relação que esse grupo de fatores exerce para a “escolha” da regência do verbo “dar”. Para isso, verificaram-se os seguintes fatores: 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> conjugação. O Quadro 18 ilustra alguns exemplos:

<sup>27</sup> Exemplo retirado do *Corpus do Português*, disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>

<sup>28</sup> Exemplo retirado do Dicionário Aulete Digital.

<sup>29</sup> Não foram encontrados exemplos para este tempo verbal.

<sup>30</sup> Exemplo retirado de Souza (2016).

<sup>31</sup> Exemplo retirado do Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.

<sup>32</sup> Não foram encontrados exemplos para essa pessoa verbal.

<sup>33</sup> Exemplo retirado do Dicionário de Regência Luft.

<sup>34</sup> Não foram encontrados exemplos para essa pessoa verbal

<sup>35</sup> Não foram encontrados exemplos para essa pessoa verbal

**Quadro 18:** Grupo de fatores linguísticos ‘V2: Paradigma Verbal: Conjugação’

| Fatores       | Exemplos   |
|---------------|--|
| 1ª conjugação | “A gente dá pros vizinho. Eu tenho vizinho perto de casa lá, e... eu, quando eu mato que <b>dê pra dar</b> , né, eu... eu dou, pra cada um deles eu dou... um pouco.” (Informante: brAM10_g2bM01, grifos nossos)   |
| 2ª conjugação | “Pra contar essa história aí, que eu nasci... no meio da B R trezentos e dezenove. Então, assim, o começo não <b>dá pra ver</b> , porque aí eu estaria mentindo, porque a pessoa de zero... a quatro ano de idade não tem muito o que saber.” (Informante: brAM10_g2aM01, grifos nossos) |
| 3ª conjugação | “Quem cabia na rede... quem <b>dava de dormir</b> na rede... dormia, o dele era pequeno mas ele dormia só ele, né.” (Informante: brAM10_g3bF01, grifos nossos)   |

Elaborado pela autora.

No tocante à ‘V2: Paradigma verbal- radical’ foi examinada se a regularidade ou irregularidade do radical do verbo exerce influência para a “escolha” da regência do verbo “dar”. O Quadro 19 ilustra alguns exemplos:

**Quadro 19:** Grupo de fatores linguísticos ‘V2: Paradigma verbal: radical’

| Fatores   | Exemplos  |
|-----------|---|
| Regular   | “Quebra, aí pra vender põe a lata quando dá duma lata, duas lata, mas como eu tou dizendo, aqui, nós, só é pro consumo mesmo, n/ não que nós não queira, é que não <b>dá pra vender</b> .” (Informante: brAM10_g3bF01, grifos nossos) |
| Irregular | “... às vezes o meu esposo pegava, né, eu secava a lâmina, ia examinar, ele botava a lanterna pra clarear, pra poder... examinar. Aí... <b>Dá pra ver</b> .” (Informante: brAM10_g2aF01, grifos nossos)                               |

Elaborado pela autora.

Concernente ao ‘V2: traço semântico’<sup>36</sup> foi investigado se esse grupo de fatores exerce influência sobre a “escolha” da regência do verbo “dar”, uma vez que se refere à significação verbal. O Quadro 20 demonstra alguns exemplos:

**Quadro 20:** Grupo de fatores linguísticos “V2: Traço semântico”

| Fatores     | Exemplos  |
|-------------|---|
| [±dinâmico] | “Quebra, aí pra vender põe a lata quando dá duma lata, duas lata, mas como eu tou dizendo, aqui, nós, só é pro consumo mesmo, n/ não que nós não queira, é que não <b>dá pra vender</b> ” (Informante: brAM10_g3bF01, grifos nossos). |
| [±Mudança]  | “...canseira, um cansaço no peito e aqui não tive remédio, foi que eu fui levar ela e já fui <b>dando de, de viajar</b> , né, quando sentia, uma necessidade, né.” (Informante: brAM10_g3bF01, grifos nossos).                        |
| [±causa]    | “É, não <b>dava de trazer</b> mercadoria, não, assim, carga pesada, não, só passageiro. E a bagagem dos passageiro” (Informante: brAM10_g3aM01, grifos nossos).   |
| [±durativo] | “Quem cabia na rede... quem <b>dava de dormir</b> na rede... dormia, o dele era pequeno mas ele dormia só ele, né.” (Informante: brAM10_g3bF01, grifos nossos).   |
| [±instant]  | “Forma umas pedra, aí bem pro meio forma a praia, aí vai de canoa ou barco... ...aí <b>dá de chegar</b> lá na praia.” (Informante: brAM10_g1aM01, grifos nossos)  |

Elaborado pela autora.

<sup>36</sup> Adaptação da proposta de Harley (2009) por Gonçalves *et al.* (2010, p. 459): (i) manter os traços [dinâmico], [causa]; (ii) adotar o traço [mudança], que opera sobre mudança de estado, de localização e de posse; (iii) introduzir o traço [durativo], para distinguir processos culminados, processos e estados de culminações e pontos; (iv) introduzir o traço [instant(âneo)], para distinguir pontos de todas as outras classes (veja-se SMITH, 1991).

### 2.2.2 Grupos de fatores extralinguísticos

As variáveis independentes extralinguísticas, em relação aos dados de fala, que foram controladas nesta pesquisa seguem: ‘zona’, ‘sexo’, ‘idade’, ‘escolaridade’ e ‘corpus’, conforme descrito na subseção 1.1.

A escolha da variável ‘zona’ se deu a fim de esclarecer se a escolha de regência do verbo “dar” tem sofrido influência pelo fato do informante residir em zona rural ou urbana.

A variável ‘sexo’ foi controlada com o intuito de se investigar qual das variantes tem sido mais utilizada por homens e mulheres, bem como se existe uma distinção de uso.

Quanto ao grupo de fatores ‘idade’ irá mensurar qual das formas concorrentes é inovadora, bem como esclarecer se existe uma mudança em tempo aparente.

A variável ‘escolaridade’ foi investigada no intuito de elucidar se existe uma influência no uso das variantes em decorrência do nível escolar do falante. Além de observar se existe um valor de prestígio ou não associado às variantes investigadas.

Por fim, em relação à variável ‘corpus’, pretendeu-se observar se existe diferença no uso da variável em questão nos dois bancos de dados utilizados, um de 2013/2014 (Projeto CoLingAm) e outro de 2020 (coletado por esta pesquisadora).

No que tange aos dados escritos, foram controladas as variáveis ‘sexo’, ‘recorte temporal’ e ‘rede social’, no intuito de comparar dados de duas fontes diferentes (dados de fala e escrita) e coletadas em períodos distintos, a fim de investigar se houve mudanças/variações referentes ao fenômeno aqui estudado.

### 2.3 Síntese

Neste capítulo foram descritos os procedimentos metodológicos que foram empregados neste trabalho. No primeiro momento, fez-se a descrição da natureza dos dados, o perfil dos informantes, o tratamento do áudio, a transcrição e o suporte quantitativo da pesquisa de campo e do projeto CoLingAM. Depois, apresentou-se o perfil sócio-histórico da cidade de Humaitá (AM). Justificou-se a escolha do *corpus* do CoLingAM — Corpus Linguajar Amazonense — pelo fato de constituir uma peça documental das variedades dialetais em um momento histórico específico, com um número significativo de dados coletados da cidade de Humaitá, entre 2013 e 2014, bem como a necessidade da coleta de novos dados e a coleta de uma amostra complementar nas redes sociais. Finalmente, descreveu-se o envelope da variação (definição de variáveis linguísticas e extralinguísticas).

## CAPÍTULO 3 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo é destinado à apresentação das análises e discussões acerca dos resultados da pesquisa sobre a variável dependente *A construção verbal VIDAR + PREPOSIÇÃO PARA/PRA/DE + V2INFINITIVO* no falar humaitaense (AM).

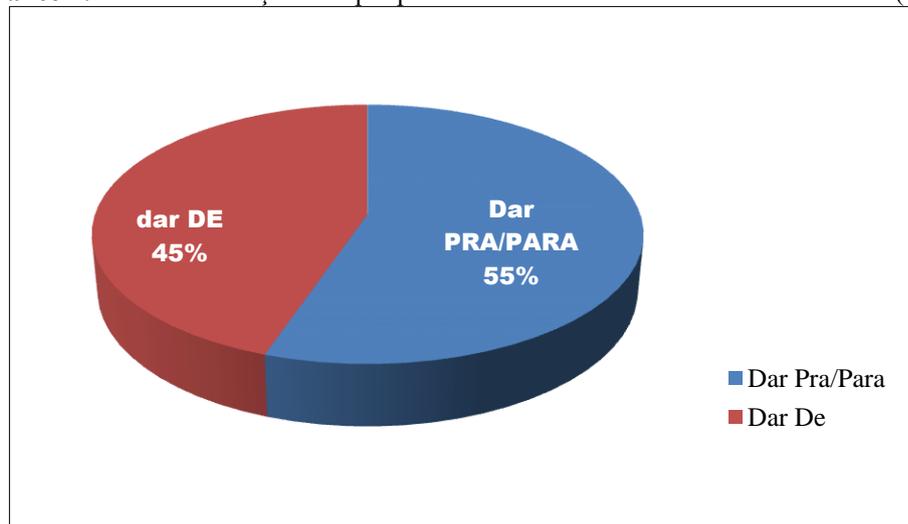
O capítulo divide-se em duas subseções: Na primeira, são discutidos os resultados da rodada dos dados de fala, provenientes da pesquisa de campo e do banco de dados do CoLingAm.

Na segunda subseção, são discutidos os dados provenientes da amostra complementar, composta por dados escritos de redes sociais. Em seguida, comparamos os resultados dessa subseção com os da anterior com o objetivo de verificarmos se os grupos de fatores selecionados como relevantes para o fenômeno são os mesmos.

### 3.1 SOBRE OS DADOS DE FALA

Nesta pesquisa, foram analisadas 31 entrevistas sociolinguísticas, sendo 19 referentes à pesquisa de campo, coletadas por esta pesquisadora em janeiro de 2020, e 12 do projeto CoLingAM (site). Foram coletados, assim, 62 dados da variável em questão (descrita no Capítulo 2). Os resultados confirmaram a hipótese levantada na qual “esperava-se encontrar as formas “dar de” e “dar pra” como variantes no uso *da construção verbal VIDAR + PREPOSIÇÃO PARA/PRA/DE + V2INFINITIVO* no falar humaitaense (AM)”. Desses dados, 33 foram da variante “dar PRA/PARA”, correspondendo a 55% do total, enquanto 29 dados foram da variante “dar DE”, o que representa 45%, conforme ilustrado no Gráfico 1, a seguir:

**Gráfico 1:** Uso da construção “dar pra/para” e “dar de” em dados de fala de Humaitá (AM)



**Fonte:** Levantamento de dados. Elaborado pela autora.

No Gráfico 1, observa-se uma distribuição homogênea entre as variantes encontradas. No entanto, percebe-se que a variante mais utilizada, pelos informantes entrevistados em Humaitá (AM) é o “dar pra/para” (55%), enquanto o “dar de” apareceu com menor frequência (45%).

Como citado anteriormente (cf. Capítulo 1), trabalhos sobre o **verbo dar em construções como auxiliar** vêm sendo desenvolvidos no Brasil. No entanto, poucos trabalhos analisaram a variação entre as preposições **para/prá** e **de** juntamente com o verbo “dar”, bem como quais grupos de fatores, sejam eles linguísticos (‘formas nominais’, ‘tipos de auxiliar’, ‘tempo verbal’, ‘pessoa verbal’, ‘paradigma verbal: conjugação’, ‘paradigma verbal: radical’, ‘traço semântico’) ou extralinguísticos (‘idade’, ‘escolaridade’, ‘sexo’, ‘zona’, ‘*corpus*’, ‘recorte temporal’, ‘redes sociais’) são determinantes para essa escolha de uma preposição ou outra pelo falante.

Nesta pesquisa, a variante “dar de” foi a escolhida como aplicação da regra nas rodadas estatísticas. Após as rodadas, verificou-se que a “escolha” da referida variante não ocorre de maneira aleatória, pois há condicionadores a influenciando.

Na primeira rodada realizada no Goldvarb X (geral), verificou-se *KnockOut*<sup>37</sup> nas seguintes variáveis independentes: ‘V1: formas nominais’, ‘V1: tipos de auxiliar- aspectual imperfectivo cursivo’. e ‘V1: tempo verbal’. Depois da análise dos resultados dessa rodada, percebeu-se que não seria possível realizar amálgamas<sup>38</sup> entre fatores de duas dessas variáveis mencionadas, uma vez que em ‘formas nominais’ só houve uma (01) ocorrência de gerúndio e uma (01) de infinitivo; e, em ‘tipos de auxiliar’, somente duas ocorrências do fator *auxiliar aspectual imperfectivo*; o que levou a exclusão dessas duas variáveis independentes das demais rodadas estatísticas. Já na variável ‘V1: tempo verbal’, foi possível fazer amálgama dos fatores ‘pretérito perfeito’ e ‘pretérito imperfeito’, pois no ‘pretérito perfeito’ não houve ocorrências com a preposição “de” e, dessa forma, 100% de ocorrência com a preposição “pra”.

Posteriormente à exclusão e amálgamas supracitadas, as variáveis independentes controladas foram:

- i) linguísticas: para o V1: ‘tipos de auxiliar’, ‘tempo verbal’ e ‘pessoa verbal’; para o V2: ‘paradigma verbal; conjugação’, ‘paradigma verbal: radical’, ‘traço semântico’;

<sup>37</sup> Um nocaute (Knockout), na terminologia de análise do Varbrul, é um fator que, num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente (GUY; ZILLES, 2007, p. 158).

<sup>38</sup> Fusão de fatores de efeito categórico ou quase categórico em função de hipóteses levantadas e da similaridade dos efeitos (SCHERRE; NARO, 2017).

ii) extralinguísticas: ‘idade’, ‘escolaridade’, ‘sexo’, ‘zona’ e ‘corpus’.

Não havendo mais *knockouts*, fez-se uma nova rodada geral, na qual o programa estatístico selecionou somente o grupo de fatores ‘idade’ como mais relevante para a ocorrência da construção (variante) “dar de”.

Dessa forma, os grupos de fatores ‘V1-tipos de auxiliar’, ‘V1-tempo verbal’ ‘V1-pessoa verbal’, ‘V2-paradigma verbal: conjugação’, ‘V2-paradigma verbal: radical’, ‘V2-traço semântico’, ‘escolaridade’, ‘sexo’, ‘zona’ e ‘corpus’ não foram selecionados pelo programa estatístico.

Nas subseções que seguem, serão apresentados os resultados referentes ao grupo de fatores extralinguísticos selecionado pelo Goldvarb X e os discutiremos comparando os resultados com outras pesquisas realizadas sobre o tema.

### 3.1.1 A variável independente extralinguística ‘Idade’

A análise dos dados referentes à variável dependente aqui em estudo mostrou que a variável extralinguística ‘idade’ foi a mais significativa para a aplicação da regra que adotamos, a variante “dar de”. A seguir, discutimos os resultados dessa variável independente, conforme ilustrado na Tabela 1:

**Tabela 1:** Frequência e probabilidade da variante “Dar de”, segundo a variável ‘idade’, em Humaitá (AM)

| Fatores         | Aplicação/ Total | %     | P.R  |
|-----------------|------------------|-------|------|
| 1ª faixa etária | 19/21            | 90,5% | 0,90 |
| 2ª faixa etária | 6/22             | 27,3% | 0,27 |
| 3ª faixa etária | 4/19             | 21,1% | 0,20 |

Significância: 0,000

Input: 0,502

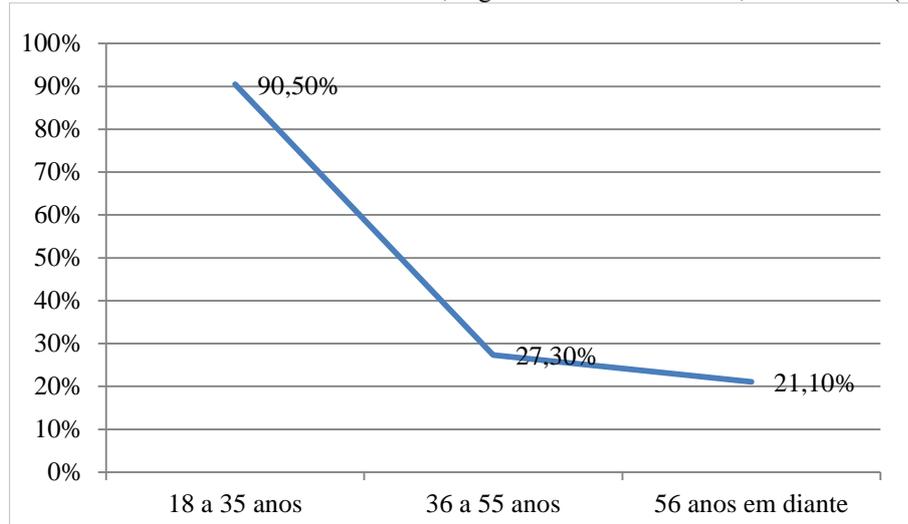
Fonte: Levantamento de dados. Elaborado pela autora.

Conforme se observa na Tabela 1, a primeira faixa etária favorece o uso da variante “dar de” (0,90), ao passo que a segunda e terceira faixa a desfavorecem (0,27 e 0,20, respectivamente).

Os resultados obtidos não confirmaram, assim, a hipótese de que “a forma de regência “dar de” seria utilizada com mais frequência por pessoas de mais idade, enquanto a forma de regência “dar pra”, por pessoas mais jovens, uma vez que esta forma é considerada mais inovadora em Humaitá (AM), constituindo uma mudança em tempo aparente”. Ao contrário, o que se observou foi que a variante “dar de” é que pode ser considerada mais inovadora na fala dos moradores humaitaenses entrevistados, uma vez que está sendo mais utilizada pelos informantes mais novos.

O uso da referida variante pelos mais jovens pode estar implicando um processo de mudança em tempo aparente, uma vez que estudos sociolinguísticos têm mostrado que os mais jovens são os que utilizam mais as formas consideradas inovadoras. No Gráfico 2, a seguir, podemos visualizar melhor esse indício de mudança na fala dos moradores de Humaitá:

**Gráfico 2:** Percentual da variante “Dar de”, segundo a variável ‘idade’, em Humaitá (AM)



**Fonte:** Levantamento de dados. Elaborado pela autora.

A esse respeito, Naro (2017, p. 44) discorre que “sob a hipótese clássica, o estado atual de um falante adulto reflete o estado da língua adquirida quando o falante tinha aproximadamente 15 anos de idade”. Segundo essa perspectiva, entende-se que o fenômeno aqui estudado é inovador, uma vez que está sendo mais utilizado pelos falantes da primeira faixa etária, o que equivale à língua de há apenas quinze anos.

Quando correlacionamos os grupos de fatores ‘idade’ e ‘zona’, temos os seguintes resultados (Tabela 2):

**Tabela 2:** Frequência da variante “Dar de”, segundo as variáveis ‘idade’ e ‘zona’, em Humaitá (AM)

| Idade           | Zona         |             |
|-----------------|--------------|-------------|
|                 | Urbana       | Rural       |
| 1ª faixa etária | 92%<br>11/12 | 89%<br>8/9  |
| 2ª faixa etária | 42%<br>5/12  | 10%<br>1/10 |
| 3ª faixa etária | 7%<br>1/14   | 60%<br>3/5  |

**Fonte:** Levantamento de dados. Elaborado pela autora.

Nota-se que o maior uso da variante “dar de” apareceu entre os informantes da primeira faixa etária e que pertencem à zona urbana, totalizando 92%, e 89% aos informantes da

mesma faixa etária pertencentes à zona rural. Observa-se, também, que o uso pelos informantes da segunda faixa etária, principalmente da zona rural, é baixo, totalizando apenas 10%, em comparação aos informantes da zona urbana que totalizaram 42%. Percebe-se ainda que os informantes da terceira faixa etária da zona urbana apresentam uma baixa porcentagem de uso dessa variante, sendo apenas 7%, em comparação com os informantes da zona rural que apresentaram 60% de uso nessa faixa etária.

Através da correlação entre *idade* e *zona*, observa-se um padrão curvilíneo nos dados de zona rural, uma variação estável, portanto. No entanto, na zona urbana há um indício de mudança em direção ao uso da variante “dar de”. Essa mudança pode estar relacionada ao maior contato que os moradores da zona urbana tem com migrantes de outras regiões do Brasil. Observou-se, principalmente, na fala dos informantes homens da primeira faixa etária:

(1a)<sup>39</sup> “ra-paz a única cidade que... não iria é:: a... (Ariquemes):: meus ( ) eu... é um canto que **dava de eu ir...**”

(1b) “mas é sofrimento mas:: **dá de... levar** a vida né? o importante é...”

(1c) “e pra trabalhar só... não **dava nem... mal pra pagar** as conta ai veio embora... não quis mais não...”

(1 d) “às vez **dá tempo de cuidar** às vez não né?...”

(1 e) “**dá de a gente fazer...**”

(1 f) “**dá de fazer** muita coisa...”

(2a)<sup>40</sup> “**dá de ir...**”

(2 b) “**dá de ir andando** mesmo, de com carro, moto...”

(2 c) “né **dá de ir::** de carro de moto até... a pé mesmo devido que é::... perto né?”

(2 d) “(...) sempre (temo):: o futebol o:: chamava de pelada aqui que era... e... tinha um campinho aqui do lado... e tinha também um campinho do lado da:: igreja aqui mais perto (...) tinha um campinho meio... meio feinho mas **dava de jogar...**”

(2 e) “que já é::... muita lama... e também é o:: é a parte que enche lá quase num... num **dá de tomar** banho... mas geralmente quando enche lá... ai:: tem o vinte que... a parte... da chuva... já enche e fica bom de tomar banho... vinte:: doze::...”

(2 f) “aqui em Humaitá tá::... **dá de ter...** tem uma seguran/... uma saúde boa... pessoa espera um pouco mas... são toda atendida...”

<sup>39</sup> Exemplos retirados da pesquisa de campo referentes ao informante homem, primeira faixa etária, escolaridade 1, zona urbana.

<sup>40</sup> Exemplos retirados da pesquisa de campo referentes ao informante homem, primeira faixa etária, escolaridade 2, zona urbana.

Pelos exemplos, nota-se que houve apenas uma (01) ocorrência com a preposição “pra”, havendo quase 100% de ocorrências com a preposição “de” na fala desses dois informantes. Esse fato confirma que a variante “dar de” pode ser considerada mais inovadora em Humaitá.

Ao correlacionarmos os grupos de fatores ‘idade’ e ‘sexo’, temos os seguintes resultados (Tabela 3):

**Tabela 3:** Frequência da variante “Dar de”, segundo as variáveis ‘idade’ e ‘sexo’, em Humaitá (AM)

| Idade           | Sexo        |              |
|-----------------|-------------|--------------|
|                 | Mulheres    | Homens       |
| 1ª faixa etária | 50%<br>1/2  | 95%<br>18/19 |
| 2ª faixa etária | 36%<br>4/11 | 18%<br>2/11  |
| 3ª faixa etária | 20%<br>2/10 | 22%<br>2/9   |

**Fonte:** Levantamento de dados. Elaborado pela autora.

A Tabela 3 mostra uma diferença considerável referente à frequência no uso da variante “dar de” pelos informantes do sexo masculino pertencentes à primeira faixa etária (95%) e pelos informantes do sexo feminino da mesma faixa de idade (50%). No que corresponde à segunda faixa etária, o resultado foi divergente, sendo a variante “dar de” mais utilizada pelos informantes do sexo feminino, 36%, e totalizando apenas 18% pelos informantes do sexo masculino. Verificou-se que o uso pelos informantes da terceira faixa etária foi homogêneo, 20% de uso pelas mulheres e 22% de uso pelos homens.

Constata-se, mais uma vez, através da correlação entre ‘idade’ e ‘sexo’ que a variante “dar de” constitui uma forma inovadora na fala humaitaense, pois é a mais utilizada tanto por homens quanto por mulheres da primeira faixa etária. No entanto, nessa mesma faixa etária, é mais frequente na fala dos homens (95%) do que na fala das mulheres (50%), o que pode indicar que essa forma pode não ser considerada com *status* de prestígio pelos moradores da comunidade investigada, tendo em vista o que estudos sociolinguísticos têm mostrado a respeito da variável ‘sexo’ em informantes de sociedades ocidentais: “a forma de prestígio tende a predominar na fala feminina” (FISCHER, 1958 *apud* PAIVA, 2017, p. 34) e que “quando se trata de implementar na língua uma forma socialmente prestigiada, as mulheres tendem a assumir a liderança da mudança. Caso contrário, as mulheres assumem uma atitude conservadora e os homens tomam a liderança do processo” (PAIVA, 2017, p. 36).

Por meio da correlação dos grupos de fatores ‘idade’ e ‘corpus’, temos os seguintes resultados (Tabela 4):

**Tabela 4:** Frequência da variante “Dar de”, segundo as variáveis ‘idade’ e ‘corpus’, em Humaitá (AM)

| Idade           | Corpus                      |                                 |
|-----------------|-----------------------------|---------------------------------|
|                 | Pesquisa de Campo<br>(2020) | Projeto CoLingAm<br>(2013/2014) |
| 1ª faixa etária | 88%<br>14/16                | 100%<br>5/5                     |
| 2ª faixa etária | 29%<br>5/17                 | 20%<br>1/5                      |
| 3ª faixa etária | 7%<br>1/14                  | 60%<br>3/5                      |

**Fonte:** Levantamento de dados. Elaborado pela autora.

Observa-se que o uso da variante “dar de” é mais frequente na primeira faixa etária, tanto no *corpus* colhido na Pesquisa de Campo, correspondendo a 88%, quanto no *corpus* do Projeto CoLingAm, correspondendo a 100%. Verificou-se baixa diferença referente à segunda faixa etária, totalizando 29%, para os dados da Pesquisa de campo e 20%, para os dados do Projeto CoLingAm. Verificou-se, ainda, a diferença considerável referente ao uso pelos informantes da terceira faixa etária, apenas 7% referentes ao nosso *corpus* e 60% referentes ao *corpus* do Projeto CoLingAm.

Através da correlação entre ‘idade’ e ‘corpus’, observamos um indício de mudança em tempo aparente nos dados da Pesquisa de Campo em direção ao uso da variante “dar de”, ao passo que nos dados do CoLingAm uma certa variação estável, já que há um padrão curvilíneo na distribuição da variante “dar de” entre a primeira faixa etária e segunda faixa etária.

O que pode ter influenciado esse resultado, de certa forma divergente, nesses *corpora* pode ter sido a quantidade de dados em cada amostra, uma vez que, na pesquisa de campo, por exemplo, não foi possível encontrar todos os informantes para a terceira faixa etária na zona rural, tendo sido entrevistados apenas 2 informantes, um de cada sexo.

### 3.1.2 Considerações sobre as variáveis não selecionadas

A seguir, serão analisadas as variáveis que não foram selecionadas pelo programa estatístico, no entanto, podem ser significativas para compreendermos o fenômeno aqui estudado.

Por meio da análise dos resultados, percebeu-se que, no que concerne à variável ‘tipos de auxiliar’, de 62 ocorrências do fenômeno em estudo, 60 foram do ‘auxiliar modal’, sendo 53 modais epistêmicos e 7 deônticos. No *corpus* analisado, somente foram encontradas duas ocorrências do ‘auxiliar aspectual’:

(1) “mas é sofrimento mas:: **dá de... levar** a vida né? o importante é...” (Informante da pesquisa de campo, homem, escolaridade 1, 1ª faixa etária, zona urbana, grifos nossos)

(2) “...cansera, um cansaço no peito e aqui não tive remédio, foi que eu fui levar ela e já fui **dando de, de viajar**, né, quando sentia, uma necessidade, né.” (Informante do Projeto CoLingAm, mulher, escolaridade 1, 3ª faixa etária, zona rural, grifos nossos)

Observa-se pelos exemplos (1) e (2) que eles estão indicando o aspecto contínuo, conforme descrito por Cunha e Cintra (2001, p. 382, 383). (cf. subseção 1.2.1.1, p. 33)

Na Tabela 5, a seguir, encontramos os resultados no que tange à frequência de uso de “dá de” nos dois tipos de auxiliares (modais e aspectuais).

**Tabela 5:** Frequência da variante “Dar de”, segundo a variável ‘V1: tipos de auxiliar’ em Humaitá (AM)

| Fatores                        | Aplicação/ Total | %     |
|--------------------------------|------------------|-------|
| Modal epistêmico               | 25/53            | 47,2% |
| Modal deôntico                 | 2/7              | 28,6% |
| Aspectual imperfectivo cursivo | 2/2              | 100%  |

**Fonte:** Levantamento de dados. Elaborado pela autora.

Na Tabela 5, observamos que o uso da variante “dar de” ocorre de forma categórica no ‘auxiliar aspectual imperfectivo cursivo’. Além disso, é mais frequente em modais epistêmicos (47,2%) do que em modais deônticos (28,6%). Ressalta-se que há maior número de ocorrências da variável dependente aqui em estudo em modais epistêmicos (53/60).

A seguir, apresentamos alguns exemplos do verbo “dar” ‘auxiliar modal epistêmico’ encontrados nos dados da pesquisa de campo:

(A) “É... depende **dá de ir** de barco.” (Modal epistêmico de probabilidade)

(B) “dá... **dá de ir** de moto... né? de moto é::... é uns cinco minuto de...” (Modal epistêmico de probabilidade)

(C) “não é muito caro não mas **dá de comprar** as coisa...” (Modal epistêmico de probabilidade)

(D) “só não mais pro centro não... não **dá de ver...**” (Modal epistêmico de certeza)

(E) “aqui em Humaitá tá::... **dá de ter...** tem uma seguran/... uma saúde boa... pessoa espera um pouco mas... são toda atendida...” (Modal epistêmico de crença)

(F) “**dá de ir** a pé também... porque é perto... eu acho perto...” (Modal epistêmico de probabilidade)

Percebe-se, nos exemplos, que o “dar” ‘auxiliar modal epistêmico’ aparece mais no sentido de “probabilidade” (cf. COSTA, 2009, p. 2). Entende-se, portanto, que os moradores de Humaitá tendem a utilizar mais a construção com a preposição “de”, quando o verbo “dar” assume esse sentido.

Os resultados encontrados nesta pesquisa corroboram o que Ferreira, Rassi e Bassi (2017, p.20) atestam em relação à variação das preposições “de” e “pra”. Para eles, essa variação só é possível quando o verbo dar é do tipo ‘auxiliar modal’. Segundo eles, em uso modal do verbo “dar” a estrutura (semi)fixa é sempre ‘dar de/prá + INFINITIVO’ (Essa construção dá pra/de fazer bonito, né?!). Sendo assim, os resultados aqui encontrados não atestam o que Silva (2018) encontra em sua pesquisa. Para essa autora, a variação entre as preposições “para/de” “não é possível com as construções modais, que só ocorrem com a preposição —p(a)ra” (p. 16). Segundo essa pesquisadora, essa variação acontece quando o verbo dar é do tipo aspectual, o que vai de encontro aos nossos resultados, já que nos dois dados encontrados há o uso somente da construção “dar de”.

No que tange à variável ‘V1: tempo verbal’, obtivemos os seguintes resultados (Tabela 6):

**Tabela 6:** Frequência da variante “Dar de”, segundo a variável ‘V1: tempo verbal’

| Fatores                                 | Aplicação/ Total | %     |
|---|------------------|-------|
| Presente                                | 24/49            | 49%   |
| Pretérito Perfeito/Pretérito Imperfeito | 5/13             | 38,5% |

**Fonte:** Levantamento de dados. Elaborado pela autora.

Em termos percentuais, observamos o uso de “dar de” sendo mais frequente no presente (49%) do que no pretérito perfeito/imperfeito (38,5%), embora a diferença percentual não seja tão grande.

Apesar de a entrevista sociolinguística favorecer narrativas de experiências pessoais às quais estimulam o uso de tempo passado, percebeu-se que apareceram mais dados de ‘presente’ do que de ‘pretérito’. Esse fato pode ser explicado pelo fato do verbo “dar” ter sido mais utilizado no sentido de “movimento”, principalmente com o verbo “ir”, bem como, pela maior ocorrência do ‘modal epistêmico’ “que envolve valores como verdade, probabilidade, certeza, crença, evidência”, segundo Givón (2001, p. 300 *apud* COSTA, 2009, p. 2).

A respeito do tempo ‘futuro’, Silva (2018, p.18) explica que “paralelamente ao processo de gramaticalização do verbo “dar” de predicador a auxiliar aspectual, ocorre uma restrição de contextos, manifesta tanto nas relações entre os elementos da construção, como também no tempo da forma do verbo auxiliar, que não pode ocorrer no futuro”. Entende-se, portanto, o porquê de não haver ocorrências nesse tempo verbal na amostra em análise.

O fator ‘tempo’ é muito importante para compreendermos o fenômeno aqui estudado, pois, em uma perífrase, as marcas temporais são encontradas no verbo auxiliar (Quadro 21), consoante afirmou Castilho (2010, p. 397): “os auxiliares desempenham papel assemelhado ao dos verbos funcionais, com a diferença que à sua direita ocorrem verbos plenos em forma

nominal, aos quais os auxiliares atribuem categorias [...] especializando-se como indicadores de tempo [...].”

**Quadro 21:** Exemplos da variante “Dar de”, segundo a variável ‘V1: tempo verbal’, em Humaitá (AM)

| Tempo Verbal                   | Exemplos  |
|--------------------------------|---|
| presente (dá de)               | aqui em Humaitá tá:... <b>dá de ter</b> ... tem uma seguran/... uma saúde boa... pessoa espera um pouco mas... são toda atendida... |
| pretérito imperfeito (dava de) | ra-paz a única cidade que... não iria é:: a... (Ariquemes):: meus ( ) eu... é um canto que <b>dava de eu ir</b> ...                 |

**Fonte:** Levantamento de dados. Elaborado pela autora.

Lembrando que não houve ocorrências do fator ‘pretérito perfeito’ com a preposição “de”, por isso, ele foi amalgamado ao fator ‘pretérito imperfeito’ na segunda rodada no programa estatístico.

Por meio da correlação dos grupos de fatores ‘tempo verbal’ e ‘zona’, obteve-se os seguintes resultados (Tabela 7):

**Tabela 7:** Frequência da variante “Dar de”, segundo as variáveis ‘tempo verbal’ e ‘zona’, em Humaitá (AM)

| Tempo Verbal   | Urbana       | Rural        |
|--|--------------|--------------|
| presente (dá de)   | 47%<br>14/30 | 53%<br>10/19 |
| pretérito imperfeito (dava de)/<br>pretérito perfeito (deu de) | 38%<br>3/8   | 40%<br>2/5   |

**Fonte:** Levantamento de dados. Elaborado pela autora.

De acordo com os resultados expostos na Tabela 8, a frequência de uso da variante “dar de” no tempo ‘presente’ mostrou-se significativo nas duas zonas, representando 47% na zona urbana e 53% na zona rural. A frequência do pretérito perfeito/pretérito imperfeito mostrou um resultado homogêneo para as duas zonas: zona urbana (38%) e zona rural (40%). O uso do pretérito imperfeito ocorreu em apenas 04 dados, na zona urbana, não havendo nenhuma ocorrência na zona rural.

No que se refere à variável ‘pessoa verbal’, foram encontrados somente dois fatores: P1 e P3. De 62 ocorrências do fenômeno em estudo, 2 foram de P1 e 60 de P3.

(A) “Às vez não **dá de ir**, um dia a gente vai, um sim, um não, um sim, um não” (Informante da pesquisa de campo, homem, escolaridade 1, 1ª faixa etária, zona rural, grifos nossos)

(B) “...canseira, um cansaço no peito e aqui não tive remédio, foi que eu fui levar ela e já **fui dando de, de viajar**, né, quando sentia, uma necessidade, né.” (Informante do Projeto CoLingAm, mulher, escolaridade 1, 3ª faixa etária, zona rural, grifos nossos)

Na Tabela 8, a seguir, ilustramos os resultados encontrados para a referida variável no que se refere ao uso da variante “dar de”:

**Tabela 8:** Frequência da variante “Dar de”, segundo a variável ‘V1: pessoa verbal’, em Humaitá (AM)

| Fatores | Aplicação/ Total | %     |
|---------|------------------|-------|
| P1      | 1/2              | 50%   |
| P3      | 28/60            | 46,7% |

**Fonte:** Levantamento de dados. Elaborado pela autora.

Os resultados mostram que não há uma diferença significativa no uso da construção “dar de” entre os fatores P1 e P3 (50% e 46,7%, respectivamente), o que esclarece o fato dessa variável não ter sido selecionada como significativa pelo programa estatístico utilizado.

No que se refere à variável ‘V2-Paradigma Verbal: conjugação’, após a codificação dos dados, de 62 ocorrências da variável em estudo, referente à variante “dar de”, obteve-se 10 ocorrências de “dar de” na 1ª conjugação, 7 na segunda e 11 na terceira. Na Tabela 9 que segue, observamos os resultados percentuais encontrados para essa variável independente:

**Tabela 9:** Frequência da variante “Dar de”, segundo a variável ‘V2: paradigma verbal’: conjugação’, em Humaitá (AM):

| Fatores       | Aplicação/ Total | %     |
|---------------|------------------|-------|
| 1ª conjugação | 10/18            | 55,6% |
| 2ª conjugação | 7/15             | 46,7% |
| 3ª conjugação | 11/26            | 42,3% |

**Fonte:** Levantamento de dados. Elaborado pela autora.

Consoante os resultados, percebe-se que, quando o V2 pertence à 1ª conjugação, é mais frequente o uso da variante “dá de” pelos informantes (55,6%), do que quando está na 2ª e na 3ª conjugação (46,7% e 42,3%, respectivamente), embora a diferença percentual entre os três fatores não seja tão alta.

A Tabela 10, abaixo, apresenta os verbos que tiveram maior ocorrência nas construções com a variante “dar de”. Dentre eles, destacou-se o verbo “ir”, tanto na zona urbana quanto na zona rural.

**Tabela 10:** Verbos de maior ocorrência com a variante “Dar de”, de acordo com a zona, na fala dos moradores de Humaitá (AM)<sup>41</sup>

| Verbos | Urbana | Rural |
|--------|--------|-------|
| Ir     | 8/25   | 3/25  |
| Fazer  | 2/8    | 1/8   |
| Levar  | 1/2    | -     |
| Jogar  | 1/1    | -     |
| Tomar  | 1/1    | -     |
| Ter    | 1/1    | -     |
| Chegar | 1/1    | -     |

<sup>41</sup> Nota-se essa diferença no número de ocorrências porque em alguns casos o V2 não foi preenchido. Como no exemplo: “**Todo dia na cidade. Não aqui não... você com salário dá pra você...**” (informante homem, segunda faixa etária, escolaridade 1, zona rural).

|            |     |     |
|------------|-----|-----|
| Trazer     | 1/1 | -   |
| Configurar | 1/1 | -   |
| Andar      | 1/1 | -   |
| Lembrar    | -   | 1/1 |
| Ver        | -   | 1/3 |
| Comprar    | -   | 1/2 |
| Viajar     | -   | 1/1 |
| Dormir     | -   | 1/1 |
| Pescar     | -   | 1/1 |

**Fonte:** Levantamento de dados. Elaborado pela autora.

Observa-se que, mesmo sendo uma única ocorrência encontrada do verbo “chegar”, o resultado exposto na Tabela 10 corrobora a hipótese de que se “encontraria a forma de regência “dar de” diante dos verbos: ir e chegar, por indicarem movimento e a preposição “de” também estabelecer essa relação de movimento, segundo Cunha (2010)”. Tudo indica que a relação de movimento estabelecida pelo V2 pode ser um fator determinante para que o informante utilize a construção com a preposição “de”.

Nota-se, ainda, que o verbo ‘ir’ é o único verbo com maior ocorrência nas duas zonas investigadas. Em relação aos demais verbos, alguns só apareceram na zona urbana (levar, jogar, tomar, ter, chegar, trazer, configurar e andar) e outros só na zona rural (ver, lembrar, comprar, viajar, dormir e pescar). Uma explicação para esse resultado foi o tipo de assunto abordado na coleta, pois utilizou-se bastante perguntas que envolviam explicações sobre localização e como chegar em alguns lugares.

No que concerne à variável ‘V2 paradigma verbal: radical’ para a ocorrência da variante “dar de”, observam-se os seguintes resultados: 55,6% para o fator ‘regular’ e 43,9% para o fator ‘irregular’, conforme a Tabela 11.

**Tabela 11:** Frequência da variante “Dar de”, segundo a variável ‘V2: paradigma verbal: radical’, em Humaitá (AM)

| Fatores   | Aplicação/ Total | %     |
|-----------|------------------|-------|
| Regular   | 10/18            | 55,6% |
| Irregular | 18/41            | 43,9% |

**Fonte:** Levantamento de dados. Elaborado pela autora.

De acordo com os resultados, nota-se, dessa forma, que, quando o V2 é ‘regular’, há maior produtividade da variante “dar de”. Ressalta-se que há maior número de ocorrências de V2 irregular no *corpus* investigado do que de V2 regular (41 e 18, respectivamente). Como já explicitado anteriormente, isso pode ser explicado pela grande recorrência do verbo ir.

Abaixo, temos alguns exemplos com verbos irregulares:

(A) Às vez não **dá de ir**, um dia a gente vai, um sim, um não, um sim, um não.  
(Informante Homem, 1ª faixa etária, escolaridade 1, Zona Rural)

(B) aqui em Humaitá tá:... **dá de ter**... tem uma seguran/... uma saúde boa... pessoa espera um pouco mas... são toda atendida... (Informante Homem, 1ª faixa etária, escolaridade 1, Zona Urbana)

Concernente à variável ‘V2: traço semântico’, a frequência de uso da variante “dar de” está distribuída da seguinte forma, conforme pode-se verificar na Tabela 12:

**Tabela 12:** Frequência da variante “Dar de”, segundo a variável ‘V2: traço semântico’, em Humaitá (AM)

| Fatores    | Aplicação/ Total | %     |
|------------|------------------|-------|
| ± causa    | 4/5              | 80%   |
| ± durativo | 3/6              | 50%   |
| ± instante | 1/2              | 50%   |
| +dinâmico  | 7/15             | 46,7% |
| ± mudança  | 13/31            | 41,9% |

**Fonte:** Levantamento de dados. Elaborado pela autora.

Conforme mostram os resultados, no que se refere ao V2, o traço semântico ‘±causa’ é o fator em que há mais frequência de uso da variante “dá de” (80%). Os demais fatores tiveram resultado homogêneo, não apresentando muita diferença percentual.

Segundo Gonçalves *et al.* (2010, p. 8), “O fato de “dar” se encontrar subespecificado para o traço [causa] levaria a supor que este verbo leve seria compatível tanto com processos culminados como com culminações”. Entende-se que os verbos que mais favorecem a frequência da variante “dá de” são os que representam, segundo os autores, ações já acabadas ou em seu momento de acontecimento, conforme observa-se nos exemplos:

(A) “Aí tem tempo que não, ahn, já não **dá mais, de fazer** nada e mandam pra cidade.” (Informante do Projeto CoLingAm, Homem, 1ª faixa etária, escolaridade 2, Zona Rural)

(B) ...vi mas não **dá de configurar**, porque no quilômetro cinquenta... no quilômetro cinquenta... foi onde eu nasci. (Informante Homem, 2ª faixa etária, escolaridade 2, Zona Urbana)

Nos exemplos (A) e (B) os verbos “fazer” e “configurar” estão indicando o traço [+causa], nota-se, portanto, que a negação presente neles pode estar resultando na ideia de culminância.

Referente à variável independente extralinguística ‘escolaridade’, encontramos os resultados expostos na Tabela 13, a seguir:

**Tabela 13:** Frequência da variante “Dar de”, segundo a variável ‘escolaridade’, em Humaitá (AM)

| Fatores               | Aplicação/ Total | %     |
|-----------------------|------------------|-------|
| Ensino Médio          | 17/30            | 56,7% |
| Ensino Fundamental II | 12/32            | 37,5% |

**Fonte:** Levantamento de dados. Elaborado pela autora.

Conforme esse resultado, observa-se o maior uso da variante “dar de” por informantes com mais escolaridade (56,7%) do que por informantes com menos escolaridade (37,5%). Esse resultado pode indicar que essa variante possa ter *status* de prestígio na fala dos moradores de Humaitá (AM). No entanto, quando observamos a correlação entre ‘idade’ e ‘sexo’ (cf. 3.1.1, Tabela 3), esse *status* é “contestado”, tendo em vista que são os homens que lideram a mudança da variante “dar de”. Voltaremos a essa questão quando discutirmos a variável ‘sexo’ de forma isolada.

De acordo com o resultado de algumas pesquisas, chegou-se à conclusão de que “os que passaram mais tempo em ambiente escolar produzem em maior número a variante considerada padrão” (COELHO *et al.*, 2018, p. 41). No entanto, de acordo com a Tabela 12, entre os informantes pesquisados, o uso da variante “dar de” tem sido mais frequente.

Esse resultado corrobora uma das tendências apresentadas por Silva e Scherre (1996 *apud* MOLLICA, 2017, p. 28) de que:

b) Em outros casos, em que a maioria dos falantes entra na escola sem usar a variante padrão, esta é adquirida durante a sua escolarização sem que desapareça, porém a variante não padrão. Enquanto no primeiro ano escolar só há indivíduos que tendem a usar a variante não padrão, nos últimos anos escolares há falantes que tendem a usar ambas as variantes. [...] Algumas variantes não padrão não chegam a ser estigmatizadas pela escola, não sendo objeto de correção.

Dessa forma, entende-se que, apesar de mais inovadora, a variante “dar de” pode não ser considerada não padrão ou, ainda, pode não ser considerada estigmatizada pelos falantes de Humaitá (AM). Levanta-se a hipótese de que essa “neutralidade”, deve-se ao caráter de uso “inconsciente” dessa variante, por exemplo, no meu caso, como foi mencionado anteriormente, “só consegui ter consciência dessa diferença ao mudar de comunidade de fala”. No entanto, somente um teste de atitude poderia confirmar essa hipótese.

No que se refere à variável independente extralinguística ‘sexo’, pode-se observar uma diferença considerável entre o uso da variante “dar de” pelos informantes homens (56,4%) e pelas informantes mulheres (30,4%). Na Tabela 14 ilustramos melhor esses resultados:

**Tabela 14:** Frequência da variante “Dar de”, segundo a variável ‘sexo’, em Humaitá (AM)

| Fatores | Aplicação/ Total | %     |
|---------|------------------|-------|
| Homem   | 22/39            | 56,4% |
| Mulher  | 7/23             | 30,4% |

**Fonte:** Levantamento de dados. Elaborado pela autora.

O resultado explicitado na Tabela 14 não atesta o fato de a variante em questão ter *status* de prestígio na fala dos moradores humaitaenses, embora seja mais utilizada pelos mais escolarizados, pois são os homens que estão liderando a mudança linguística. Conforme apontam os resultados de estudos variacionistas tradicionais, os homens do ocidente lideram a mudança quando a variante é considerada não prestigiada. Vale ressaltar que os papéis de homens e mulheres são relativos, dependendo, portanto, das comunidades linguísticas investigadas.

Paiva (2017, p. 39) aponta que “outros indícios de diferenças entre homes e mulheres podem ser depreendidos através do controle de outras variáveis como mercado ocupacional, influência da mídia ou grau de escolarização”. Por meio das entrevistas, percebeu-se, portanto, a influência dessas outras variáveis, principalmente no que concerne ao mercado ocupacional e à influência da mídia. A maioria das informantes mulheres alegou não exercer uma profissão formal, exercendo a função de doméstica ou estudante. Em contrapartida, a maioria dos informantes homens, alegou exercer uma profissão formal no mercado ocupacional.

A esse respeito, Paiva (2017, p. 39) afirma que “a variável mercado ocupacional atua de forma mais relevante entre os homens do que entre mulheres. [...] uma diferença que pode ser devida, pelo menos em parte, ao fato de que, em nossa sociedade, os homens são, desde cedo, educados para obter sucesso profissional e assumir o sustento familiar”. Entende-se, portanto, que o fato de não exercerem uma profissão formal, as mulheres de Humaitá (AM) tenham um maior contato com as mídias (principalmente a televisão), conforme destaca Paiva (2017, p. 39): “a variável mídia possui efeito mais notável entre os falantes do sexo feminino [...] Quanto maior o tempo de exposição à linguagem veiculada pela mídia, maior a ocorrência de variantes prestigiadas na linguagem das mulheres”.

O resultado encontrado corrobora, por sua vez, a constatação de Fischer (1958 *apud* PAIVA, 2017, p. 34) de que “a forma de prestígio tende a predominar na fala feminina”, pois, nos nossos resultados, observamos que as mulheres utilizam mais a construção “dar pra” (66,6%).

O resultado também confirma a hipótese levantada na qual “esperava-se que “dar de” seja utilizado com maior frequência pelas pessoas do sexo masculino, enquanto que a forma “dar pra”, seja utilizado com maior frequência pelas pessoas do sexo feminino [...]”.

É importante destacar que, durante as entrevistas realizadas por esta pesquisadora, percebeu-se um monitoramento maior na fala das informantes mulheres. Estas evitavam respostas longas e, muitas vezes, restringiam-se aos monossílabos ou gestos afirmativos e

negativos. Isso pode ter colaborado para o número baixo de ocorrências da construção “dar de/pra/para” na fala das informantes do sexo feminino e, conseqüentemente, a baixa frequência da variante “dar de”.

Por meio da correlação dos grupos de fatores ‘*escolaridade*’ e ‘*sexo*’, obtivemos os seguintes resultados (Tabela 15):

**Tabela 15:** Frequência da variante “dar de”, segundo as variáveis ‘*escolaridade*’ e ‘*sexo*’, em Humaitá (AM)

| Escolaridade | Sexo        |              |
|--------------|-------------|--------------|
|              | Mulheres    | Homens       |
| 9 a 11 anos  | 10%<br>1/10 | 80%<br>16/20 |
| 4 a 8 anos   | 46%<br>6/13 | 32%<br>6/19  |

**Fonte:** Levantamento de dados. Elaborado pela autora.

Segundo os resultados apresentados na Tabela 15, o uso da variante “dar de” ocorre em maior frequência na fala de homens com maior grau de escolaridade (80%) e na fala de mulheres que apresentam menor grau de escolaridade (46%). Observamos, assim, que o aumento da escolaridade proporciona uma redução do uso da variante “dar de” na fala das mulheres, ao passo que ocasiona um aumento dessa variante na fala dos homens. Essa constatação reforça a importância de entender quais papéis sociais exercidos por homens e mulheres em Humaitá (AM), conforme abordado nas discussões sobre a variável ‘*sexo*’, percebe-se que os homens circulam mais socialmente e frequentemente exercem profissões formais, enquanto as mulheres ficam mais em casa ou costumam trabalhar como domésticas. Constata-se, ainda, que essa diferença na fala de homens e mulheres quanto ao uso de “dar de” pode ter sido influenciada pelo grau de monitoramento das mulheres durante as entrevistas realizadas.

O resultado dessa correlação entre ‘*escolaridade*’ e ‘*sexo*’ reforça, ainda, a ideia de não haver atribuição de prestígio ou estigma quanto ao uso das variantes da variável aqui investigada.

Os resultados para a variável independente extralingüística ‘*zona*’, por sua vez, estão ilustrados na Tabela 16, a seguir:

**Tabela 16:** Frequência da variante “Dar de”, segundo a variável ‘*Zona*’, em Humaitá (AM)

| Fatores | Aplicação/ Total | %     |
|---------|------------------|-------|
| Rural   | 12/24            | 50%   |
| Urbana  | 17/38            | 44,7% |

**Fonte:** Levantamento de dados. Elaborado pela autora.

O que se observa na Tabela 16, é que a variante “dar de” ocorre com um pouco mais de frequência na fala dos moradores da zona rural (50%) do que na fala dos moradores da

zona urbana (44,7%), embora a diferença percentual não seja tão significativa. Vale ressaltar que quando essa variável é correlacionada à ‘idade’, encontramos um resultado diferente (cf. seção 3.1.1, Tabela 2).

A partir dos resultados encontrados, confirmou-se, portanto, a hipótese de “que se encontraria com maior frequência a forma “dar de” pelos moradores da zona rural, bem como encontraria a forma “dar pra” com maior frequência pelos moradores da zona urbana”, uma vez que os resultados mostram maior uso de “dar de” pelos informantes da zona rural. Note-se, contudo, que a diferença estatística é muito pequena. Quando se extrapola o resultado para a totalidade dos dados, temos 19,35% para a zona rural (12/62) e 27,41% para a zona urbana (17/62).

Por meio da correlação dos grupos de fatores ‘zona’ e ‘sexo’, obtivemos os seguintes resultados (Tabela 17):

**Tabela 17:** Frequência da variante “Dar de”, segundo as variáveis ‘zona’ e ‘sexo’, em Humaitá (AM)

| Zona   | Sexo        |              |
|--------|-------------|--------------|
|        | Mulheres    | Homens       |
| Urbana | 24%<br>4/17 | 62%<br>13/21 |
| Rural  | 50%<br>3/6  | 50%<br>9/18  |

**Fonte:** Levantamento de dados. Elaborado pela autora.

Observa-se que o uso da variante “dar de” pelos informantes homens é maior na zona urbana, totalizando 62% das ocorrências. Em contrapartida, o uso pelas mulheres da zona urbana foi baixo, apenas 24%. O resultado referente à zona rural foi homogêneo, 50% para ambos os sexos. Esse resultado pode indicar, como já discutido, que a variante em questão pode não ter *status* de prestígio em Humaitá, como já discutido (cf. seção 3.1.1), no entanto, pode ser que não seja considerada estigmatizada, já que aparece com frequência na fala dos homens da zona urbana.

O que se observa na Tabela 18, é que a variante “dar de” foi mais frequente na fala dos humaitaenses entrevistados pelo Projeto CoLingAm (60%) do que pelos entrevistados durante esta pesquisa (42,6%).

**Tabela 18:** Frequência da variante “Dar de”, segundo a variável ‘corpus’, em Humaitá (AM)

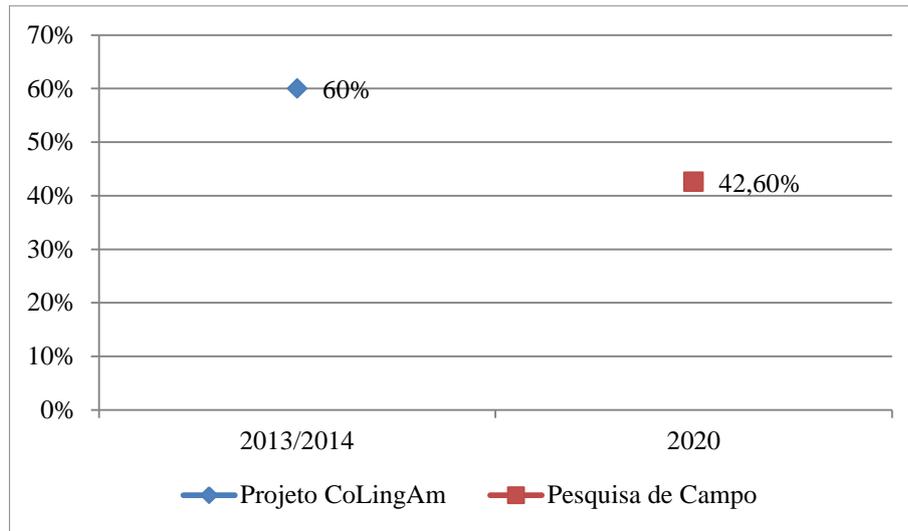
| Fatores                      | Aplicação/ Total | %     |
|------------------------------|------------------|-------|
| Projeto CoLingAm (2013/2014) | 9/15             | 60%   |
| Pesquisa de Campo (2020)     | 20/47            | 42,6% |

**Fonte:** Levantamento de dados. Elaborado pela autora.

Nota-se que houve diminuição quanto ao uso dessa variante, uma vez que os dados do Projeto CoLingAm foram coletados entre os anos de 2013 e 2014 e os dados da Pesquisa de Campo foram coletados em 2020, seis anos depois.

No Gráfico 3, abaixo, podemos observar melhor uma possível mudança em tempo real em direção ao uso de “dar pra”:

**Gráfico 3:** Ocorrências da variante “Dá de”, segundo a variável ‘corpus’, em Humaitá (AM)



**Fonte:** Levantamento de dados. Elaborado pela autora.

Observa-se, assim, uma queda na frequência do uso da variante “dar de” (17,4%), de 2013 para 2020. É importante ressaltar essa diferença indicativa de mudança em tempo real, uma vez que os dados anteriormente apresentados indicaram mudança em tempo aparente. Todavia, é preciso considerar as diferenças no número de informantes, o tipo de abordagem, entre outros fatores que podem ter contribuído para essa diferença nos resultados.

Por meio da correlação dos grupos de fatores ‘*corpus*’ e ‘*sexo*’, obtivemos os seguintes resultados (Tabela 19):

**Tabela 19:** Frequência da variante “Dar de”, segundo as variáveis ‘*corpus*’ e ‘*sexo*’, em Humaitá (AM)

| Corpus                          | Sexo        |              |
|---------------------------------|-------------|--------------|
|                                 | Mulheres    | Homens       |
| Pesquisa de Campo (2020)        | 28%<br>5/18 | 52%<br>15/29 |
| Projeto CoLingAm<br>(2013/2014) | 40%<br>2/5  | 70%<br>7/10  |

**Fonte:** Levantamento de dados. Elaborado pela autora.

Percebe-se que o uso da variante “dar de” pelos informantes do sexo masculino continua sendo mais evidente, tanto nos dados obtidos pela Pesquisa de Campo (52%) quanto nos dados obtidos pelo Projeto CoLingAm (70%). No que concerne ao uso pelos informantes

do sexo feminino o total foi de 40% nos dados do Projeto CoLingAm e 28% nos dados da Pesquisa de Campo, indicando, mais uma vez, a “preferência” das mulheres pela variante “dar pra” independente do *corpus*.

### 3.2 SOBRE OS DADOS DA AMOSTRA COMPLEMENTAR

Como citado anteriormente, enquanto moradora de Humaitá, nunca havia notado a forma de construção com o verbo “dar” auxiliar na fala dos moradores humaitaenses, somente quando mudei de comunidade de fala tive consciência desse fenômeno. Dessa forma, passei a observar que o uso dessa construção “V1<sub>DAR</sub> + PREPOSIÇÃO<sub>PARA/PRA/DE</sub> + V2<sub>INFINITIVO</sub>” também ocorria em dados escritos. Isto posto, justifica-se a coleta de dados escritos que compõe a amostra complementar.

Ao realizar a rodada geral, foi previsto controlar as seguintes variáveis:

- i: linguísticas: V1: ‘formas nominais’, V1: ‘tipos de auxiliar’, V1: ‘tempo verbal’, V1: ‘pessoa verbal’, V2: ‘paradigma verbal: conjugação’, V2: ‘paradigma verbal: radical’ e V2: ‘traço semântico’;
- ii: extralinguísticas: ‘recorte temporal’, ‘rede social’ e ‘sexo’.

No entanto, verificamos a ocorrência de *KnockOut* nas seguintes variáveis: ‘V1: formas nominais’ e ‘V1: pessoa verbal’, por isso essas variáveis foram eliminadas.

Encontramos *KnockOut* também na variável ‘rede social’, que acusou 100% de frequência da variante “dar de” no fator ‘facebook’, logo, essa variável foi excluída.

Para eliminar o *KnockOut* na variável ‘V2: traço semântico’, excluímos os fatores ‘-causa’ e ‘-durativo’. Encontramos *KnockOut* também em um dos fatores da variável ‘tempo verbal’, dessa forma, foi preciso fazer a amálgama entre ‘pretérito perfeito’ e ‘pretérito imperfeito’. Verificamos, ainda, *KnockOut* na variável ‘recorte temporal’, referente ao ano de 2018, o que nos levou à amalgamar os fatores ‘2017’ e ‘2018’.

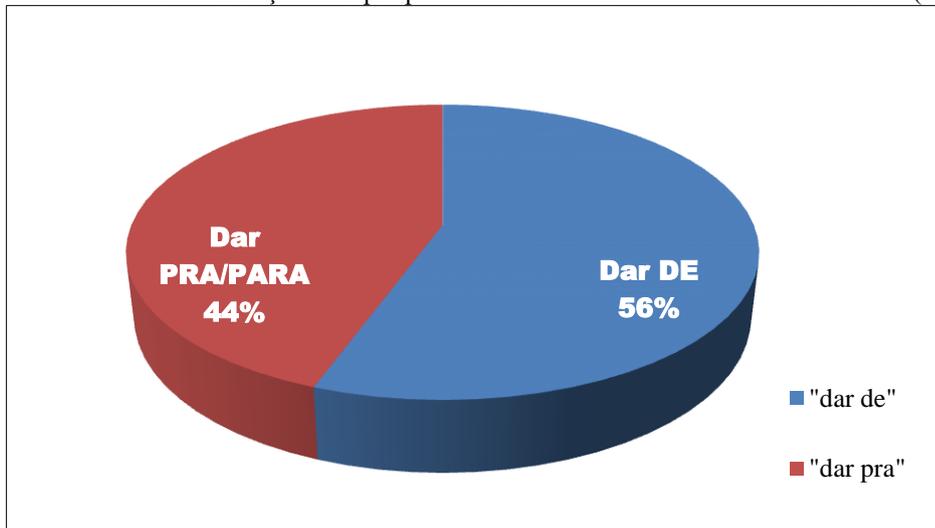
Feitas as exclusões e amálgamas, realizamos a segunda rodada sem as variáveis ‘V1: formas nominais’, ‘V1: pessoa verbal’, ‘V2: traço semântico’ e ‘rede social’, bem como, com as amálgamas entre os fatores ‘pretérito perfeito’ e ‘pretérito imperfeito’ e ‘2017’ e ‘2018’.

No entanto, após as correções de *KnockOut* e amálgamas feitas na primeira rodada, o programa estatístico não selecionou nenhum fator como mais relevante para a ocorrência da variante considerada como aplicação da regra: “dar de”.

De um total de 45 ocorrências da construção “V1<sub>DAR</sub> + PREPOSIÇÃO<sub>PARA/PRA/DE</sub> + V2<sub>INFINITIVO</sub>”, 25 (56%) foram da variante “dar de” e 20 (44%) da variante “dar pra”,

demonstrando uma diferença mínima no uso das duas variantes nos dados de escrita dos moradores de Humaitá (AM), conforme observa-se no Gráfico 4, a seguir:

**Gráfico 4:** Uso da construção “dar pra/para” e “dar de” em dados escritos de Humaitá (AM)



**Fonte:** Levantamento de dados. Elaborado pela autora.

Comparando os resultados dos dados de escrita, oriundos de conversas privadas e públicas em grupos no *whatsapp* e no *facebook*, verifica-se que a variante “dar de” é mais frequente nessa modalidade da língua (56%) do que em dados de fala (45%). Isso pode ser explicado em função da diferença do grau de monitoramento para obtenção desses dados: os dados da escrita, por se tratarem, em sua maioria, de conversas privadas, tanto no *whatsapp* como no *facebook*, caracterizam-se por uma escrita menos monitorada, uma vez que o “informante” estava diante de uma situação de comunicação corriqueira, diferente das entrevistas sociolinguísticas que geraram os dados de fala.

A esse respeito, Macedo (2017, p. 59) discorre que “falantes possuem um repertório linguístico que pode variar dependendo de onde se encontram e com quem fala. Em ambientes mais descontraídos, entre pessoas com quem se tem maior intimidade ou não informais”. Dessa forma, entende-se que, em conversas privadas, os informantes utilizaram o repertório menos formal, visto que estavam “à vontade” quanto ao lugar e à pessoa com quem falavam.

Macedo (2017, p. 59) afirma, ainda, que os mesmos falantes, “em ambientes de maior formalidade, entre pessoas que não conhecem [...] ou em situações em que estão autoconscientes quanto à linguagem, são capazes de adaptar sua maneira de falar e usar com maior frequência as variantes de prestígio, segundo as normas”. Entende-se, portanto, que os informantes utilizaram a escrita menos formal (menos monitorada), visto que a situação

comunicativa não demandava altos graus de formalidade, uma vez que os dados escritos foram colhidos de conversas informais (pessoais) do whatsapp e do facebook.

A esse respeito, Labov (2008, p. 102) discorre que a entrevista formal define “um contexto discursivo em que somente um estilo de fala normalmente ocorre, aquele que podemos chamar de *fala monitorada* [...] Muito da produção discursiva do informante em outras circunstâncias pode ser bastante diferente.” Dessa forma, compreende-se que os informantes que foram submetidos à entrevista sociolinguística procuraram utilizar mais a *fala monitorada*, enquanto os informantes das redes sociais utilizaram uma *escrita menos monitorada* que se assemelha ao que Labov chama de *fala casual*, que corresponde à fala usada na maioria das ocasiões, quando “estará prestando menos atenção à própria fala, e empregará um estilo menos monitorado” (2008, p. 102).

Observa-se, que, apesar da variante “dar de” não ser considerada uma forma padrão da língua estipulada pela Gramática Normativa, ela também está sendo utilizada na escrita por alguns moradores de Humaitá. A esse respeito, Coelho *et al.* (2018, p. 149) discorrem que “sabe-se que, desde os primeiros registros escritos, a criança manifesta espontaneamente ‘ecos’ naturais de sua pronúncia e também incorpora aspectos convencionais da escrita encontrados na sociedade em que está inserida”. Para os autores, a criança “recorre à oralidade para levantar hipóteses sobre a escrita da própria fala”, logo, entende-se que os informantes podem estar trazendo para a escrita alguns resquícios da oralidade.

Além disso, pode-se levantar como hipótese, mais uma vez, que a variante “dar de” não tenha *status* de estigmatização, embora pareça não ser a variante prestigiada, em função dos resultados que encontramos, nos dados de fala, em relação à ‘sexo’ e ‘escolaridade’.

Ao observarmos a variante “dar de” segundo a variável ‘*recorte temporal*’, obteve-se os seguintes resultados:

**Tabela 20:** Frequência da variante “Dar de”, segundo a variável ‘recorte temporal’, nos dados de escrita de moradores de Humaitá (AM)

| Fatores   | Aplicação/ Total | %     |
|-----------|------------------|-------|
| 2015      | 1/3              | 33,3% |
| 2016      | 3/7              | 42,9% |
| 2017/2018 | 4/12             | 33,3% |
| 2019      | 8/9              | 88,9% |
| 2020      | 9/14             | 64,3% |

**Fonte:** Levantamento de dados. Elaborado pela autora.

Nota-se que o ano de maior ocorrência da variante em questão foi ‘2019’, com 88,9%. Em segundo, foi o ano de ‘2020’, com 64,3%. Nota-se um crescimento na frequência da variante “dar de” nos dados escritos, portanto, indicando que pode estar havendo uma

mudança em tempo real (embora a diferença de tempo de um recorte para outro seja pequena), corroborando o resultado encontrado para a variável *'idade'* (tempo aparente) nos dados de fala.

Por meio da correlação dos grupos de fatores *'tipos de auxiliar'* e *'tempo verbal'*, obtivemos os seguintes resultados (Tabela 21):

**Tabela 21:** Frequência da variante “Dar de”, segundo as variáveis ‘tipos de auxiliar’ e ‘tempo verbal’, nos dados escritos dos moradores de Humaitá (AM)

| Tempo verbal                                 | Modal deôntico | Modal epistêmico |
|--|----------------|------------------|
| Pretérito perfeito e<br>Pretérito imperfeito | 0%<br>0/2      | 67%<br>6/9       |
| Presente                                     | 100%<br>2/2    | 50%<br>14/28     |
| Futuro do presente                           | 100%<br>1/1    | 67%<br>2/3       |

**Fonte:** Levantamento de dados. Elaborado pela autora.

Vale ressaltar que nos dados escritos não houve nenhuma ocorrência de auxiliar aspectual, somente de auxiliar modal, tanto epistêmico quanto deôntico.

Observa-se que o verbo “dar” auxiliar ‘modal epistêmico’ apresentou os resultados homogêneos quando o verbo está no ‘pretérito perfeito’/‘pretérito imperfeito’ e ‘futuro do presente’, equivalendo a 67% em ambos. Quando está no tempo ‘presente’ esse resultado é de 50%.

Abaixo, apresentamos alguns exemplos de ocorrências do verbo “dar” auxiliar ‘modal epistêmico’:

- (A) “Só na foto **da de perceber** que não vai servir.” (Informante mulher do *whatsapp*)
- (B) “**Da de ganhar** quase 100% em cima.” (Informante mulher do *whatsapp*)
- (C) “Vê com ela se **da de trazer** um documento meu.” (Informante mulher do *facebook*)

Quanto ao verbo “dar” auxiliar ‘modal deôntico’ nos tempos ‘pretérito perfeito’/‘pretérito imperfeito’, não houve ocorrências da variante “dar de”. Em contrapartida, nos tempos ‘presente’ e ‘futuro do presente’, essa variante apresentou 100% de frequência, apesar do número baixo de ocorrências.

- (A) “Mas **dá de de refletir** o quanto a gente é embalado pelo ritmo e esquece de prestar muita atenção na letra.” (Informante homem do *facebook*)
- (B) “Vai **dá de ir** na loja hj?” (Informante mulher do *whatsapp*)

Ressalta-se que assim como nos dados de fala, a construção “Dar de/pra/para” também é mais produtiva nos dados de escrita quando o verbo “dar” é auxiliar ‘modal epistêmico’.

Por meio da correlação dos grupos de fatores ‘*sexo*’ e ‘*recorte temporal*’, obtivemos os seguintes resultados (Tabela 22):

**Tabela 22:** Frequência da variante “Dar de”, segundo as variáveis ‘*sexo*’ e ‘*recorte temporal*’ nos dados escritos dos moradores de Humaitá (AM)

| <b>Recorte temporal</b> | <b>Mulheres</b> | <b>Homens</b> |
|-------------------------|-----------------|---------------|
| 2015                    | 0%<br>0/2       | 100%<br>1/1   |
| 2016                    | 43%<br>3/7      | -<br>-        |
| 2017/18                 | 57%<br>4/7      | 0%<br>0/5     |
| 2019                    | 86%<br>6/7      | 100%<br>2/2   |
| 2020                    | 58%<br>7/12     | 100%<br>2/2   |

**Fonte:** Levantamento de dados. Elaborado pela autora.

Os resultados mostram que, apesar da baixa ocorrência da construção “dar de/pra/para” nos dados dos homens, a variante “dar de” é mais frequente na fala deles, chegando a 100% de frequência nos anos de 2015, 2019 e 2020. No que se refere ao uso dessa variante pelas mulheres, ocorre uma variação na frequência de forma crescente, 43% em 2016, 57% em 2017/18 e 86% em 2019. Como já mencionado, no ano de 2020, nota-se uma queda na frequência. No entanto, leva-se em consideração que esses dados foram coletados até o mês de junho, portanto, não foram analisados dados dos meses subsequentes do ano em questão. Ainda, reforça-se, mais uma vez, que assim como ocorreu nos dados de fala, são os homens que lideram o uso da variante “dar de”.

Considera-se, ainda, que nesse *corpus* foram analisados em maior quantidade dados de mulheres, totalizando 21 informantes, do que de homens, apenas 6 informantes.

### 3.3 Síntese

Neste capítulo, vimos que a construção “V<sub>1</sub>DAR + PREPOSIÇÃO<sub>PARA/PRA/DE</sub> + V<sub>2</sub>INFINITIVO”, nos dados de fala, é mais usada com a preposição “pra” pelos moradores de Humaitá (55%). Verificamos, também, que o grupo de fatores que mais influencia a ocorrência de “dar de”, nessa modalidade da língua, é a ‘idade’. Quanto à análise dos dados escritos da amostra complementar, verificou-se que a variante “dar de” foi a mais produtiva (56%). Quanto às variáveis independentes, nenhuma variável foi selecionada como relevante para o uso de “dar de” em dados escritos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação foi proposta a investigação, de maneira geral, da variação “**a construção verbal V1<sub>DAR</sub> + PREPOSIÇÃO<sub>PARA/PRA/DE</sub> + V2<sub>INFINITIVO</sub>**” na fala de moradores de Humaitá (AM). Para isso, foram analisados dados de fala provenientes da Pesquisa de Campo, realizada em janeiro de 2020, dados de fala do Projeto CoLingAm, referentes ao período de 2013 e 2014, bem como dados escritos, provenientes de conversas privadas/públicas em grupos no *whatsapp* e *facebook*.

Os estudos sociofuncionalistas consultados mostraram que o verbo “dar” tem sofrido diversas transformações no decorrer dos anos. Os estudos de Silva (2018), principalmente, mostraram que o “dar” passou da categoria lexical de predicador à categoria gramatical de auxiliar modal e, a *posteriori*, à de auxiliar aspectual, existindo as duas formas ao mesmo tempo na língua.

Nesta pesquisa, o tipo de auxiliar que mais foi utilizado pelos informantes entrevistados foi o ‘auxiliar modal’, especificamente o ‘epistêmico’. Esse resultado corrobora a pesquisa de Ferreira, Rassi e Basso (2017), segundo a qual, a variação das preposições “de” e “para” ocorre quando o verbo “dar” é modal (Essa construção **dá pra/de** fazer bonito, né?!).

Em contrapartida, a afirmação de Silva (2018, p. 92) de que “há variação no uso da preposição nas construções com valor aspectual (deu de reclamar - p(a)ra reclamar), o que não se verifica nas construções modais (dava para ler e - dava a/de ler)”, não pode ser comprovada, uma vez que, em nossos dados, só apareceram duas ocorrências do verbo auxiliar “dar” com valor aspectual.

Ainda, na amostra analisada, os resultados obtidos mostraram que o uso da construção com o verbo auxiliar “dar” ocorre com maior frequência com a preposição “pra/para” nos dados de fala e com a preposição “de” nos dados escritos.

A seguir, são apresentados os objetivos específicos propostos e os resultados obtidos:

(i) *Descrever as variantes da variável a construção verbal V1<sub>DAR</sub> + PREPOSIÇÃO<sub>PARA/PRA/DE</sub> + V2<sub>INFINITIVO</sub> no falar humaitaense (AM).*

Por meio da análise dos dados de fala (Pesquisa de campo e Projeto CoLingAm), foram encontradas as variantes “Dar de” e “Dar pra/para”, com um percentual de 45% e 55%, respectivamente. Através desse resultado, foi possível constatar que, na fala dos moradores de Humaitá, é utilizada mais a variante “dar pra/para”. Através da análise dos dados escritos, no entanto, os resultados apontaram que a variante “dar de” (56%) é a mais utilizada do que a variante “dar pra/para” (44%). Esse resultado corrobora o que Labov (2008) chama de

*paradoxo do observador*, mostrando que, quando em situação de entrevista, com a presença de um “gravador”, embora se minimize essa situação através do estímulo de narrativas de experiências pessoais, os informantes tendem a utilizar mais a fala monitorada, fato que favorece o uso das variantes consideradas de prestígio ou padrão. Ressalta-se que os dados de escrita utilizados para análise referem-se a um estilo de escrita menos formal (conversa entre parentes/amigos em *Whatsapp* e *Facebook*).

(ii) *Analisar os condicionadores, linguísticos e extralinguísticos ('sexo', 'idade', 'zona' e 'corpus'), que podem estar influenciando ou não a variação no uso da construção verbal VIDAR + PREPOSIÇÃO PARA/PRA/DE + V2INFINITIVO na fala dos habitantes de Humaitá (AM).*

Para a análise estatística realizada pelo programa Goldvarb X, foi escolhida como aplicação da regra a variante “dar de”. A escolha da variante deu-se por ser considerada “não padrão”, segundo as gramáticas normativas, e pela curiosidade em saber os grupos de fatores que motivam o uso dessa variante pelos moradores de Humaitá. Os resultados gerais apontaram, nos dados de fala, o grupo de fatores extralinguísticos ‘idade’ como o único relevante para a ocorrência da construção com essa variante. O peso relativo mostrou que o fator ‘primeira faixa etária’ (0,90) é o que mais favorece o uso da variante “dar de”, ao passo que os fatores ‘segunda’ e ‘terceira faixa etária’ a desfavorecem (0,27 e 0,20 respectivamente), indicando, assim, uma possível mudança em tempo aparente em direção à referida variante. Não foram selecionados grupos de fatores linguísticos que favoreçam o uso da variante “dar de”, evidenciando que o uso de tal variante não tem motivação linguística (no caso, em relação aos controlados nesta pesquisa). Para os dados de escrita, nenhum condicionador se mostrou relevante para a aplicação da regra.

(iii) *Discutir se a variação no uso da construção verbal VIDAR + PREPOSIÇÃO PARA/PRA/DE + V2INFINITIVO nos dados de fala dos moradores de Humaitá (AM) constitui uma variável estável ou se está em processo de mudança através da observação do tempo aparente (idade).*

No que tange à análise da variável ‘idade’, verificamos que o uso de “dar de” pode ser considerada mais inovadora, por estar sendo mais utilizada pelos informantes mais novos. Constata-se, portanto, que pode estar ocorrendo um processo de mudança em tempo aparente, pois observa-se uma curva ascendente quanto ao uso da variante “dar de” pelos mais jovens. Ainda, ao compararmos os *corpora* aqui analisados (CoLingAm/2013/2014 X Pesquisa de Campo/2020), notamos, no entanto, uma possível mudança em tempo real em direção ao uso da variante “dar pra”.

Certa de que os resultados aqui encontrados podem ser ainda mais explorados, acredita-se, contudo, que contribuíram relevantemente para a compreensão do processo de variação da construção verbal V1<sub>DAR</sub> + PREPOSIÇÃO<sub>PARA/PRA/DE</sub> + V2<sub>INFINITIVO</sub> no falar dos moradores do município de Humaitá (AM), bem como, para o conhecimento das áreas dialetais brasileiras, colaborando para o avanço dos estudos sociolinguísticos na região norte.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Raimundo Neves de. **Retalhos Históricos e Geográficos de Humaitá**. 2. ed. Porto Velho, 2005.

AULETE, Caldas. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Dicionário Caldas Aulete Digital. *Online*. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/dar/>. Acesso em: abr. 2019.

ARAÚJO, Jussara Maria Oliveira de. **A expressão de futuridade na escrita jornalística manauara dos anos 80 aos dias atuais: um estudo sociofuncionalista**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade do Estado do Amazonas. 2016

AZEREDO, J. C. D. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. 3. ed. São Paulo: PubliFolha, 2010.

BECHARA, Evanildo. **Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara**. 1.ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011.

BECHARA, Evanildo. **Gramática Escolar da língua portuguesa**. 2. ed. ampl. e at. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMPOS, Maria Sandra. **O açamento das vogais posteriores em sílaba tônica: um estudo do português falado em Borba no Amazonas**. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, 2009.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48 ed. rev. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.*. **Para conhecer sociolinguística**. 1. ed., 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2018.

COELHO, Luana Carvalho; SOUSA, Valéria Viana. A polissemia do verbo dar: uma análise funcionalista. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 74-92, ago./dez. 2017.

COELHO, Sueli Maria, SILVA, Silmara Eliza de Paula. O continuum de gramaticalização do verbo DAR: de predicador a auxiliar. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 18, n. 34, p. 23-40, 2º sem. 2014.

COSTA, Sueli. Entre o deôntico e o epistêmico: o caráter camaleônico do verbo modal 'poder'. **Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura**. Ano 05 n.11 - 2º Semestre de 2009.

CORREA, Hydelvídia Cavalcante de Oliveira. **O Falar do caboclo amazonense: aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves**. Rio de Janeiro: PUC, 1980.

CUNHA, Celso (org.). **Gramática do português contemporâneo**: edição de bolso. Rio de Janeiro: Lexikon; Porto Alegre, RS: L&PM, 2010.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CRUZ, M. L.de C. **Atlas linguístico do Amazonas (ALAM)**. Rio de Janeiro, 2004. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coord. ed. Marina Baird Ferreira. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FERREIRA, T. L.; RASSI, A. P.; BASSO, R. M. As interpretações do verbo 'dar' e sua estrutura temática: uma análise sintático-semântica. **Revista do GEL**. São Paulo. Vol. 14, p. 76-104, 2017.

FREITAG, Raquel Meister Ko.; "(Re)Discutindo Sexo/Gênero na Sociolinguística", p. 17-74 . In: Freitag, Raquel Meister Ko.; Severo, Cristine Gorski (Org). **Mulheres, Linguagem e Poder - Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira**. São Paulo: Blucher, 2015.

GONÇALVES, Anabela *et al.* Propriedades predicativas dos verbos leves dar, ter e fazer: estrutura argumental e eventiva. In: **Encontro Nacional da Associação Portuguesa De Linguística**, 25., 2010, Lisboa. Textos selecionados. Porto, APL, 2010. p. 449-464.

GONÇALVES, Paula de Souza. A preposição *para* e o processo de construção referencial. **Revista do GEL**. São Paulo. Vol. 5, n. 2, p. 69-88, 2008.

GÖRSKI, Edair Maria. Emergência *de dar pra/de* no domínio funcional da auxiliarização modal deôntica. **Fórum linguistic.**, Florianópolis, v.17, n. 1, p.4342 - 4356, jan./mar. 2020.

GUIMARÃES, Acelino Pedro. **Tudo sobre verbo: comentário detalhado, conjugação, questionário, respostas**. São Paulo: Ícone, 1990.

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HUMAITÁ (AMAZONAS). In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Humait%C3%A1\\_\(Amazonas\)&oldid=55927697](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Humait%C3%A1_(Amazonas)&oldid=55927697). Acesso em: ago. 2019.

HUMAITÁ é um município localizado ao sul do Estado do Amazonas... **Portal Humaitá**. 10 abr. 2010 Disponível em <https://web.archive.org/web/20100410200728/http://www.humaita-am.com/>. Acesso em: ago. 2019.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Panorama**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/humaita/panorama>. Acesso em: jul. 2018.

INFOPÉDIA - **Dicionário Infopédia**. Dicionários Porto Editora. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/dar>. Acesso em: abr. 2019

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. – São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LUFT, Celso Pedro. **Dicionário prático de regência verbal**. 9.ed. São Paulo: Ática, 2010.

MACEDO, Alzira Verthein Tavares de. Linguagem e contexto. *In*: MOLLICA, M.C. (org.). **Introdução à Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2017. p. 59-66.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTINS, Flávia Santos. **Variação na concordância nominal de número na fala dos habitantes do alto Solimões (Amazonas)**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

MARTINS, Germano Ferreira. A alternância Tu/Você/Senhor no município de Tefé - Estado do Amazonas. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, 2010.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis**. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=dar>. Acesso em: abr. 2019.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. *In*: MOLLICA, M.C. (org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2017. P. 9-14.

NARO, Anthony Julius. Modelos Quantitativos e Tratamentos Estatísticos. *In*: MOLLICA, M.C. (org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2017. p. 15-25.

\_\_\_\_\_. O dinamismo das línguas. *In*: MOLLICA, M.C. (org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2017. p. 43-57.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. *In*: MOLLICA, M.C. (org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2017. p. 33-42.

\_\_\_\_\_. Transcrição de dados linguísticos. *In*: MOLLICA, M.C. (org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2017. p. 135-146.

PAIVA, Maria da Conceição de, DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Mudança linguística: observações no tempo real. *In*: MOLLICA, M.C. (org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2017. p. 179-190.

PERINI, Mário A. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PRADA, Edite. **Ciberduvidas da Língua Portuguesa**. Disponível em <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-regencia-do-verbo-dar/13859>. Acesso em: out. 2018.

PRETI, Dino (org.). **Análises de Textos Oraís**. São Paulo: FFLCH, 1993.

PRIBERAM. Dicionário Priberam. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/dar>. Acesso em: abr. 2019

PROJETO AMAZÔNIA FOCOLARE. 2008. Disponível em: <http://projetoamazonia2008-focolare.blogspot.com/2008/06/conhea-as-destinaes-deste-ano-2.html>. Acesso em: jul. 2018.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Prefácio de Serafim da Silva Neto. -46ª ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. **Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows**. Department of Linguistics of University of Toronto. Ottawa: Department of Mathematics of University of Ottawa, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

SCHERRE, Maria Marta Pereira, NARO, Anthony Julius. “Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul”. In: MOLLICA, M.C. (org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2017. p. 147-177.

SEDUC - Secretaria de Estado da Educação. **Descobrimo Nosso Município, Humaitá/Am**, Estudos Sociais, Manaus, 1993.

SILVA, Silmara Eliza de Paula. **A construção verbal v1dar+preposição + v2infinitivo [manuscrito]: um estudo na interface Sociolinguística e Gramaticalização**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2018

SIMAS, Ana Augusta de Oliveira. **O gerúndio na expressão de tempo futuro na diversidade do português do manauara**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade do Estado do Amazonas, 2016.

SOUZA, Cibele Naidhig de. **Análise de usos modais do verbo dar em entrevistas no português brasileiro**. Estudos Linguísticos, São Paulo, 45 (1): p. 86-99, 2016.

STEIN, C. C.; CAMPOS, M. S. **Corpus Linguajar Amazonense (CoLingAM)**. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/colingam>. Acesso em: jun. 2018.

STEFFLER, Adriano. **Os verbos modais do português sob uma perspectiva de traços funcionais**. Dissertação(Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Maringá, 2013.

TARALO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 8.ed. São Paulo: Ática, 2007.

TERRA, Ernani. **Curso prático de gramática**. 6.ed. São Paulo: Scipione, 2011.

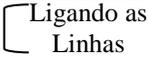
VELLOSO, Mônica Monken. **Um Estudo da Idiomatização da Construção Modal com o Verbo Dar no Português do Brasil**. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2007.

WACHOWICZ, Teresa Cristina. O aspecto do auxiliar. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 55-75, jul./dez. 2006.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006 [1975]. Tradução de: Marcos Bagno.

**ANEXOS**

## ANEXO A – NORMAS PARA A TRANSCRIÇÃO GRAFEMÁTICA

| Ocorrências  | Sinais  | Exemplificação  |
|--|---|---|
| Incompreensão de palavras ou segmentos   | ( )   | do nível da renda... ( ) nível de renda nacional.   |
| Hipótese do que se ouviu   | (hipótese)  | (estou) meio preocupado (com o gravador)  |
| Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)                         | /   | e comé/ e reinicia  |
| Entonação enfática   | Maiúscula   | porque as pessoas reTÊM moeda   |
| Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)   | :: podendo aumentar ::: ou mais   | ao emprestarem os... éh:::... o dinheiro...   |
| Silabação  | -   | por motivo tran-sa-ção  |
| Interrogação   | ?   | e o Banco... Central... certo?  |
| Qualquer pausa   | ...   | são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção                          |
| Comentários descritivos do transcritor   | ((minúscula))   | ((tossiu))  |
| Comentários que quebram a seqüência temática da exposição; desvio temático.                              | -- --   | ... a demanda de moeda -- vamos dar essa notação -- demanda de moeda por motivo   |
| Superposição, simultaneidade de vozes  |  | A. na casa de sua irmã<br>B. sexta-feira?<br>A. fizeram lá<br>B. cozinharam lá?   |
| Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo. | (...)   | (...) nós vimos que existem...  |
| Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação.   | “ ”   | Pedro Lima... ah escreve na ocasião... “O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREira entre nós”... |

Obs.:

- 1) Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP, etc);
- 2) Fáticos: ah, éh, eh, ahn, ehn, uhn, tá (não por está: tá? Você está brava?);
- 3) Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados;
- 4) Números: por extenso;
- 5) Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa);
- 6) Não se anota o cadenciamento da frase;
- 7) Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh:::... (alongamento e pausa);
- 8) Não se utilizam sinais de pausa, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa, conforme referido na introdução.

## ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
FACULDADE DE LETRAS



UFAM

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaria de convidá-lo(a) para participar da pesquisa intitulada “**A construção verbal V1DAR + PREPOSIÇÃO PARA/PRA/DE + V2INFINITIVO: uma análise sociolinguística da fala de moradores de Humaitá (AM)**”. Esta pesquisa será realizada com moradores da zona urbana e rural do município de Humaitá (AM). Eu, **Tarcianna Melo de Lima**, sou a responsável pelo projeto e sou orientada pela professora: Dr<sup>a</sup> Flávia Santos Martins, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Peço, portanto, a sua autorização para gravação de uma entrevista. Você foi escolhido(a) porque é morador do município selecionado para a pesquisa e porque se encaixa nos critérios do projeto.

Sabemos que toda pesquisa com seres humanos envolve riscos, alguns previsíveis outros não, que podem vir a se mostrar em campo. Os riscos que prevemos em nosso estudo é o de despertar os sentimentos, emoções, exposição de ideias, pensamentos e imagem dos(as) participantes, uma vez que faremos uso da memória e história dos(as) entrevistados(as). Nesse sentido, serão tomados os cuidados necessários para que nenhuma dessas situações venha a ocorrer e deixamos claro que em qualquer momento os(as) participantes podem deixar a pesquisa ou restringir sua participação aos assuntos no qual se sintam mais à vontade sem nenhum tipo de prejuízo, mas caso os(as) participantes venham a se sentir prejudicados(as) em algo, daremos toda a assistência necessária para sanar ou minimizar qualquer tipo de prejuízo, seja ele material ou emocional.

Faremos uso de um questionário semântico-lexical, como instrumentos de coleta de informações. Se os entrevistados(as) consentirem, realizaremos gravação de áudio das entrevistas. Esclarecemos que todas as informações prestadas serão utilizadas na pesquisa e o material proveniente da mesma ficará devidamente arquivado com o pesquisador responsável, o discente **Tarcianna Melo de Lima**.

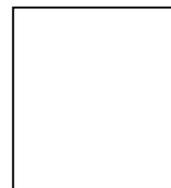
O consentimento para participação da pesquisa representa uma significativa colaboração para a construção do conhecimento científico. Aceitando fazer parte do estudo, após os devidos esclarecimentos, solicitamos a assinatura ao final desse documento, impresso em duas vias, sendo uma do(a) entrevistado(a) e a outra do pesquisador responsável.

Reiteramos que os(as) participantes tem o direito de retirar o consentimento a qualquer momento, independente do motivo e sem nenhum prejuízo, bem como não terão nenhum tipo de despesa nem remuneração ao aceitarem. A participação no estudo é voluntária e gratuita. Havendo dúvidas, essas poderão ser esclarecidas a qualquer momento tanto pelo pesquisador responsável, como pela própria instituição.

Quaisquer outras informações e/ou esclarecimentos poderão também ser obtidas junto ao **Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UFAM), sito Rua Teresina, 495** – Adrianópolis, Manaus/AM – Escola de Enfermagem de Manaus – Sala 07. Contato: telefones (92) 3305-1181 Ramal 2004 / (92) 9171-2496; e-mail: [cep@ufam.edu.br](mailto:cep@ufam.edu.br) – [cep.ufam@gmail.com](mailto:cep.ufam@gmail.com).

Consentimento Pós-Informação:

Eu, \_\_\_\_\_, fui informado (a) sobre os objetivos do pesquisador e sobre a importância da minha colaboração. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Estou recebendo uma cópia deste documento, assinada, que vou guardar.



\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

Impressão do dedo  
polegar, caso não saiba assinar

\_\_\_\_\_/\_\_\_\_-\_\_\_\_-\_\_\_\_  
Pesquisador

Data

\_\_\_\_\_/\_\_\_\_-\_\_\_\_-\_\_\_\_  
Orientadora

Data

## ANEXO C – APROVAÇÃO NO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA (CEP-UFAM)



### Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento  | Arquivo                                       | Postagem               | Autor                  | Situação |
|---|---|------------------------|------------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto                            | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1591703.pdf | 04/11/2020<br>23:40:35 |                        | Aceito   |
| Outros  | Roteriroadentrevista.docx                     | 04/11/2020<br>23:40:14 | TARCIANNA MELO DE LIMA | Aceito   |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador                 | Projeto comite de etica.docx                  | 14/10/2020<br>20:02:51 | TARCIANNA MELO DE LIMA | Aceito   |
| Folha de Rosto  | Folha de rosto assinada.pdf                   | 11/08/2020<br>11:15:40 | TARCIANNA MELO DE LIMA | Aceito   |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | Termo de consentimento projeto Tardiana .pdf  | 08/07/2020<br>16:41:58 | TARCIANNA MELO DE LIMA | Aceito   |

### Situação do Parecer:

Aprovado

### Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MANAUS, 17 de Novembro de 2020

Assinado por:  
Eliana Maria Pereira da Fonseca  
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Teresina, 495  
Bairro: Adrianópolis  
UF: AM Município: MANAUS CEP: 69.057-070  
Telefone: (92)3305-1181 E-mail: cep.ufam@gmail.com

**ANEXO D: BASE DE CODIFICAÇÃO DOS INFORMANTES COLINGAM**

brAM / 01 / g1 / a / F / 01

País e UF: brAM

Código do município: 10– Humaitá;

Grupo do informante: G1 – adolescente (14-17 anos); G2 – adulto (25-45 anos); G3 – idoso;

a – zona urbana; b – zona rural

Sexo do informante: F – Feminino; M – Masculino

Número do informante: 01, 02, 03

## ANEXO E: EXEMPLO DE TRANSCRIÇÃO DOS INFORMANTES COLINGAM

| O Linguajar do Amazonas Meridional |           |               |   |         |
|------------------------------------|-----------|---------------|---|---------|
| Informante: brAM10_g1aM01          |           |               |   |         |
| Município: Humaitá-AM              |           |               |   |         |
| Zona: Urbana                       |           |               |   |         |
| N.Seg.                             | T_Inicial | Turno         | Transcrição   | T_Final |
| 1                                  | 0.734     | WPF:          | Bom...  | 1.314   |
| 2                                  | 1.932     | WPF:          | ...assim, Humaitá...  | 3.712   |
| 3                                  | 4.366     | WPF:          | ...ahn, nasci, cresci aqui, né.   | 7.156   |
| 4                                  | 8.516     | WPF:          | É a cidade, é uma cidade, assim, pequena, mas...  | 12.534  |
| 5                                  | 12.749    | WPF:          | ...ela é agradável...   | 14.382  |
| 6                                  | 15.086    | WPF:          | ...tem um clima bom.  | 17.073  |
| 7                                  | 17.655    | WPF:          | Ahn...  | 18.587  |
| 8                                  | 19.645    | WPF:          | ...assim, você sai, não tem perigo...   | 22.388  |
| 9                                  | 22.388    | WPF:          | ...a convivência é bom, n/ não tem aquela violência toda.   | 26.004  |
| 10                                 | 27.402    | WPF:          | Pode sair com a família, andar.   | 29.338  |
| 11                                 | 31.464    | WPF:          | E é isso aí, né, ahn, a educação tem evoluído muito aqui, também.   | 35.349  |
| 12                                 | 36.253    | WPF:          | Ahn...  | 37.099  |
| 13                                 | 37.646    | E1:           | Essa questão, assim, da, da educação, né, que você falou da escola, como é que funciona a escola aqui pra vocês?  | 44.292  |
| 14                                 | 44.659    | WPF:          | Bom, a escola aqui, a educação...   | 48.005  |
| 15                                 | 48.844    | WPF:          | ...ela, de um tempo pra cá, ela não era aquele, aquele tudo.  | 53.001  |
| 16                                 | 53.001    | WPF:          | Mas ela evoluiu muito, Humaitá cresceu muito na educação.   | 56.340  |
| 17                                 | 57.006    | WPF:          | Ahn...  | 57.910  |
| 18                                 | 58.435    | WPF:          | ...eu terminei ano passado, né, f/ era muito bom, professores, as escolas...  | 63.165  |
| 19                                 | 63.559    | WPF:          | ...muito evo/ evoluiu bastante a educação aqui em Humaitá.  | 66.538  |
| 20                                 | 67.378    | E1: +<br>WPF: | FALANTE1: Quando você era, era criança, né, que você começou a estudar // como é que, como é que funcionava, você era, ahn, uma sala, assim, com um professor só, ou tinha um professor pra mais de uma sala, como que era? | 81.251  |
| 21                                 | 67.378    |               | FALANTE2: Uhm.  | 81.251  |
| 22                                 | 81.593    | WPF:          | Ahn, quando eu era criança, eu estudava lá no, no São Francisco, né, que é o jardim de infância.  | 87.257  |
| 23                                 | 87.798    | WPF:          | Aí...   | 88.845  |
| 24                                 | 89.348    | WPF:          | ...eu lembro que era mais de um professor.  | 93.329  |
| 25                                 | 94.062    | WPF:          | Era por turno, né, trocava os professores, eram mais de um.   | 98.072  |
| 26                                 | 98.388    | WPF:          | Às ve/ aí revezava...   | 99.960  |
| 27                                 | 100.312   | WPF:          | ...de um professor pra outro.   | 102.089 |
| 28                                 | 103.240   | WPF:          | E...  | 104.063 |
| 29                                 | 104.391   | WPF:          | ...às vezes ficava só um.   | 106.219 |
| 30                                 | 106.219   | WPF:          | Estudava de manhã, né.  | 107.520 |
| 31                                 | 108.015   | WPF:          | Às vez estudava de manhã ou à tarde, ou às vez os dois turno.   | 111.399 |
| 32                                 | 112.098   | WPF:          | E revezava de professor pra outro.  | 114.671 |
| 33                                 | 115.110   | E1:           | E depois, assim, que você passou pro, depois, quinta série, aí já...  | 121.221 |
| 34                                 | 121.468   | WPF:          | Aí já mudou, né.  | 123.294 |
| 35                                 | 123.874   | WPF:          | Era por...  | 124.986 |

|    |         |               |   |         |
|----|---------|---------------|---|---------|
| 36 | 125.548 | WPF:          | ...por tempo, né, as aulas.   | 127.130 |
| 37 | 127.539 | WPF:          | Aí tinha professor de português, aí professor de matemática...  | 131.773 |
| 38 | 132.245 | WPF:          | ...geografia, filosofia.  | 134.605 |
| 39 | 135.123 | WPF:          | Aí já era por, por tempo.   | 137.097 |
| 40 | 137.097 | E1: +<br>WPF: | FALANTE1: Ah, então já tinha filosofia // também?   | 141.456 |
| 41 | 137.097 |               | FALANTE2: Já tinha, tinha filosofia, tinha...   | 141.456 |
| 42 | 142.450 | WPF:          | ...ahn...   | 143.252 |
| 43 | 144.282 | WPF: +<br>E1: | FALANTE1: ...[veículo] filosofia, tinha química, já tinha essas matérias pra gente lá no // (XX) (X).   | 153.110 |
| 44 | 144.282 |               | FALANTE2: A matéria de filosofia, como é que funcionava?  | 153.110 |
| 45 | 153.110 | WPF:          | Filosofia?  | 154.214 |
| 46 | 154.619 | WPF:          | Ela...  | 155.533 |
| 47 | 155.914 | WPF:          | ...focava muito na...   | 157.599 |
| 48 | 158.541 | WPF:          | ...nos filósofos, né.   | 159.642 |
| 49 | 159.642 | WPF:          | Gui/ do grandes filósofos, eu es/ eu estudei mais da filosofia os grandes filósofos.  | 164.609 |
| 50 | 164.867 | WPF:          | Falava do Aris/ de Aristóteles...   | 167.758 |
| 51 | 168.320 | WPF:          | ...dos grandes filósofos, né, falava...   | 170.336 |
| 52 | 171.375 | E1: +<br>WPF: | FALANTE1: E aí, // depois, quando chega o ensino médio?   | 174.276 |
| 53 | 171.375 |               | FALANTE2: ...mais.  | 174.276 |
| 54 | 175.635 | E1:           | Você que já finalizou, né, o ensino médio...  | 179.286 |
| 55 | 179.286 | E1:           | ...como é que você vê, assim, essa, essa questão desse momento?   | 183.765 |
| 56 | 183.955 | E1:           | Deu, assim, você acha, assim, que foi suficiente pra você, pra sua formação profissional, como é, como é que foi a situação, o que que vai acontecer agora? | 193.347 |
| 57 | 194.635 | WPF:          | Bom...  | 195.419 |
| 58 | 196.234 | WPF:          | ...[veículo] eu achei, assim...   | 197.542 |
| 59 | 198.283 | WPF:          | ...que foi bom.   | 199.214 |
| 60 | 199.822 | WPF:          | Estudei, estudei bastante mesmo, foquei.  | 203.169 |
| 61 | 204.288 | WPF:          | E...  | 205.215 |
| 62 | 205.427 | WPF:          | ...daqui pra frente...  | 206.822 |
| 63 | 207.181 | WPF:          | ...já passei, assim, na, passei na faculdade, né, assim, aí eu...   | 210.276 |
| 64 | 210.585 | WPF:          | ...pra agronomia...   | 211.670 |
| 65 | 212.179 | WPF:          | ...vou tentar exercer...  | 214.385 |
| 66 | 214.978 | WPF:          | ...essa função, agora.  | 216.760 |
| 67 | 216.760 | WPF:          | Mais um desafio, né, que tá apena/ c/ apenas começando, né...   | 219.912 |
| 68 | 220.661 | WPF:          | ...esse desafio...  | 221.744 |
| 69 | 221.918 | WPF:          | ...da faculdade, agora.   | 223.177 |
| 70 | 223.711 | WPF:          | Assim, eu, eu digo assim, que hoje, agora, agora o ensino médio aqui em Humaitá, ele tá...  | 228.795 |
| 71 | 229.452 | WPF:          | ...ele tá meio parado, né, devido essas enchentes, as escola tão parada.  | 233.272 |
| 72 | 233.694 | WPF:          | Os abrigados tão lá, né.  | 235.895 |
| 73 | 236.338 | WPF:          | Aí tá meio, parou um período aí pra...  | 239.317 |
| 74 | 239.739 | WPF:          | ...abrigar.   | 240.600 |
| 75 | 241.172 | E1:           | Por que que você escolheu agronomia?  | 243.108 |
| 76 | 243.694 | WPF:          | Bom, assim, eu, eu não escolhi, assim, agronomia, né, que o m/ o meu sonho era ser odon/ pra era, era fazer odontologia.                                    | 252.023 |

|     |         |               |   |         |
|-----|---------|---------------|---|---------|
| 77  | 252.483 | WPF:          | Eu escolhi agronomia porque era...  | 254.273 |
| 78  | 254.719 | WPF:          | ...aqui Humaitá só tem esses curso, né.   | 257.298 |
| 79  | 257.588 | WPF:          | Tem agronomia, engenharia ambiental, mexe mais na parte de ambi/ de ambiente, agricultura.  | 263.195 |
| 80  | 263.937 | WPF:          | Aí eu escolhi agronomia porque, assim, eu, às vezes, assim, eu gosto de mexer, assim, com terra, planta...  | 270.199 |
| 81  | 270.559 | WPF:          | ...às vezes eu tenho essa vontade, assim...   | 272.453 |
| 82  | 272.706 | WPF:          | ...de conhecer mais as terra, assim, plantas.   | 276.225 |
| 83  | 276.608 | WPF:          | Conhecer, né.   | 277.557 |
| 84  | 277.828 | WPF: +<br>E1: | FALANTE1: Asssim, um pouco, // assim.   | 286.640 |
| 85  | 277.828 |               | FALANTE2: Ahn, ahn, eu não sei se você tem contato, assim, com o pessoal do, do interior, assim, né, ahn, da roça...  | 286.640 |
| 86  | 286.640 | WPF: +<br>E1: | FALANTE1: Uhm.  | 303.145 |
| 87  | 286.640 |               | FALANTE2: ...mas a, a gente quando anda, assim, por, por esses interiores, a gente percebe que, ahn, as pessoas de uma forma geral não têm, assim, uma preocupação com fazer plantio, ahn, às vezes ter uma horta dentro de casa... | 303.145 |
| 88  | 303.145 | E1:           | ...muita gente ainda fica, assim, só naquela coisa da caça, né...   | 307.109 |
| 89  | 307.633 | WPF:          | ...ahn, ou da pesca.  | 309.328 |
| 90  | 310.439 | E1:           | Por que que i/ isso acontece dessa forma?   | 313.285 |
| 91  | 314.029 | WPF: +<br>E1: | FALANTE1: Bom, // assim, eu...  | 315.622 |
| 92  | 314.029 |               | FALANTE2: Na sua opinião?   | 315.622 |
| 93  | 316.163 | WPF:          | ...eu, na minha opinião?  | 317.794 |
| 94  | 318.558 | WPF:          | Assim, eu não con/ eu não convivo muito, assim, com os, com eles lá, né, do interior, assim, mas...   | 323.597 |
| 95  | 324.121 | WPF:          | ...já tive, eu tive, tive pa/ eu tenho uns parentes que moram no interior...  | 327.828 |
| 96  | 328.354 | WPF:          | ...assim, eles...   | 329.378 |
| 97  | 329.824 | WPF:          | ...eles fazem isso, assim, por mais, pela tradição, né, assim, do povo lá.  | 334.549 |
| 98  | 335.232 | WPF:          | Gostam, assim, da mata e das caça, pesca.   | 339.276 |
| 99  | 339.862 | WPF:          | Mas acho que vai mais pela tradição, né, que vai passando em geração em geração.  | 343.658 |
| 100 | 344.220 | WPF:          | Assim, por pai, mãe.  | 345.813 |
| 101 | 345.813 | WPF:          | Eles vivem mais, assim, com...  | 347.401 |
| 102 | 348.109 | WPF:          | ...pela tradição mesmo, assim, que...   | 349.967 |
| 103 | 350.249 | WPF: +<br>E1: | FALANTE1: ...já foi, né.  | 351.181 |
| 104 | 350.249 |               | FALANTE2: Cê...   | 351.181 |
| 105 | 351.181 | E1:           | ...você não começou ainda a faculdade?  | 353.037 |
| 106 | 353.037 | WPF:          | Ainda não, vai começar no segundo semestre.   | 355.577 |
| 107 | 355.756 | E1:           | Tá, e...  | 357.303 |
| 108 | 357.303 | E1:           | ...claro que você ainda vai descobrir um monte de coisa, né, por conta da, da faculdade...  | 362.444 |
| 109 | 362.444 | E1:           | ...mas que que você acha, assim, hoje, que você poderá fazer, né, depois de formado como engenheiro agrônomo, aqui no Amazonas?   | 374.115 |
| 110 | 375.096 | WPF:          | Bom...  | 375.734 |
| 111 | 376.159 | WPF:          | ...ahn...   | 377.104 |
| 112 | 379.241 | WPF:          | ...no futuro?   | 380.446 |

|     |         |               |   |         |
|-----|---------|---------------|---|---------|
| 113 | 381.474 | WPF:          | Assim, eu pretendia...  | 383.310 |
| 114 | 383.787 | WPF:          | ...fazer, né, aquelas, umas...  | 386.685 |
| 115 | 387.457 | WPF:          | ...umas casa de plantio...  | 389.214 |
| 116 | 389.827 | WPF:          | ...fazer uma horta...   | 391.438 |
| 117 | 391.753 | WPF:          | ...assim, eu queria, eu queria melho/ melhorar a agricultura aqui em Humaitá, né, porque eu, ela é meio...        | 397.519 |
| 118 | 398.156 | WPF:          | ...digamos que ela é meio parada ainda aqui, Humaitá, assim, a agricultura, né, não é...                          | 402.618 |
| 119 | 402.889 | WPF:          | ...não é muito...   | 403.830 |
| 120 | 404.100 | WPF:          | ...envolvido aqui no nosso município, ela não é muito...  | 407.326 |
| 121 | 408.938 | E1: +<br>WPF: | FALANTE1: Desenvolvida, né?   | 410.297 |
| 122 | 408.938 |               | FALANTE2: É.  | 410.297 |
| 123 | 411.456 | E1:           | A, a, a economia aqui do município gira em torno de quê?  | 415.613 |
| 124 | 416.401 | WPF:          | Economia, ela gira mais, assim, no...   | 418.085 |
| 125 | 418.771 | WPF:          | ...assim, em torno da pesca...  | 420.610 |
| 126 | 421.450 | WPF:          | ...se/ assim, quem tem supermercado, né, esses prédio, assim, que é mais...                                       | 425.742 |
| 127 | 426.992 | WPF:          | ...mais, que hoje é mais econômico, assim.  | 429.578 |
| 128 | 430.191 | WPF:          | Mas, aqui, mais, o que mais mesmo é a pesca aqui em Humaitá, né.  | 433.479 |
| 129 | 433.894 | E1: +<br>WPF: | FALANTE1: E essa pesca é feita de que maneira, tem, ahn, pesca no rio mesmo ou tem criador, como que // funciona? | 443.846 |
| 130 | 433.894 |               | FALANTE2: Assim, tem um, tem uns criadores, né, que mexe com viveiro de peixe...                                  | 443.846 |
| 131 | 444.507 | E1:           | ...áí tem uns que é os, os pescadores mesmos que traz pra vender ali no s/ no mercado, né.                        | 450.055 |
| 132 | 450.741 | WPF:          | Mas hoje em dia eles tão fazendo muito viveiro ali na estrada, né.  | 455.361 |
| 133 | 455.647 | WPF:          | Muit/ muito viveiro mesmo.  | 457.183 |
| 134 | 457.183 | WPF:          | Quando passa pela estrada...  | 458.613 |
| 135 | 458.819 | WPF:          | ...você vê aquele monte de viveiro, assim, de peixe.  | 461.199 |
| 136 | 461.910 | WPF:          | Vários viveiro, eles tão fazendo, de peixe.   | 463.833 |
| 137 | 464.887 | E1: +<br>WPF: | FALANTE1: E esse viveiro, ahn, é feito dentro do rio ou é na terra, // como é...                                  | 471.660 |
| 138 | 464.887 |               | FALANTE2: Não, na terra, né, eles pega o...   | 471.660 |
| 139 | 472.193 | WPF:          | ...f/ a retroscavadeira...  | 474.244 |
| 140 | 474.244 | WPF:          | ...faz um buraco...   | 475.548 |
| 141 | 476.075 | WPF:          | ...áí en/ enche aqueles tubo, né, tubo de água...   | 479.324 |
| 142 | 480.239 | WPF:          | ...e coloca os, os peixinhos lá até crescerem.  | 483.252 |
| 143 | 483.252 | WPF:          | Aí dão ração...   | 485.162 |
| 144 | 485.616 | WPF:          | ...usa milho...   | 486.624 |
| 145 | 488.836 | WPF:          | ...os peixe ficam lá no...  | 490.719 |
| 146 | 491.123 | E1:           | Pra fazer criação dentro do rio não deve dar, então?  | 494.587 |
| 147 | 494.587 | WPF:          | Não, acho que criação dentro do rio, aí já é, acho que já é meio difícil, assim, né, prum...                      | 499.328 |
| 148 | 499.750 | WPF: +<br>E1: | FALANTE1: ...não tem como ali.  | 501.886 |
| 149 | 499.750 |               | FALANTE2: Por que será?   | 501.886 |
| 150 | 502.642 | WPF:          | Eu acho que, porque aqui, Humaitá, assim, não...  | 505.677 |
| 151 | 506.640 | WPF:          | ...acho que inda não tem ainda essa...  | 508.090 |
| 152 | 508.843 | WPF:          | ...essa estrutura, assim, de fazer um viveiro no...   | 511.100 |

|     |         |               |  |         |
|-----|---------|---------------|--|---------|
| 153 | 511.100 | WPF:          | ...dentro do rio.  | 512.166 |
| 154 | 512.929 | WPF:          | Inda não vejo, inda não, assim.  | 514.363 |
| 155 | 514.749 | E1:           | Como é que funciona, né, vocês que moram do lado, né, de um rio tão grande, o rio Madeira, né... | 520.838 |
| 156 | 521.166 | E1:           | ...ahn, como é que é, assim, essa convivência da cidade, dos moradores, com o rio?               | 527.758 |
| 157 | 528.972 | WPF:          | Bom...   | 529.717 |
| 158 | 530.678 | WPF:          | ...assim, eu, particularmente, a gente t/ ahn, eu ti/ ahn, meu pai tinha um sítio, né...         | 536.019 |
| 159 | 536.389 | WPF:          | ...ali no, no rio, o rio Madeira, assim, do outro lado...  | 539.252 |
| 160 | 540.033 | WPF:          | ...aí esse, a gente gostava, né, de andar pelo rio...  | 543.842 |
| 161 | 544.670 | WPF:          | ...a, a nossa c/ a nossa convivência aqui, ela é bastante...                                     | 549.844 |
| 162 | 550.943 | WPF:          | ...digo assim, bastante...   | 552.492 |
| 163 | 555.153 | WPF:          | ...[veículo] ela é bem abas/ bastan/ bastante aproximada, né, com o rio, assim, ela é.           | 559.366 |
| 164 | 559.743 | WPF:          | Tem moradores que precisam da água do rio, né, pra, pra sobreviver lá.                           | 563.823 |
| 165 | 564.519 | WPF:          | Tem outros que...  | 565.981 |
| 166 | 566.484 | WPF:          | ...pegam a água do rio pra tomar banho, lavar louça, essas coisa assim, né, pra...               | 572.746 |
| 167 | 573.584 | WPF:          | Lá é bastante importante, assim, pra nós.  | 576.675 |
| 168 | 577.307 | E1:           | Mas o rio, assim, tem períodos diferentes, né?   | 580.854 |
| 169 | 581.167 | WPF: +<br>E1: | FALANTE1: Sim.   | 583.060 |
| 170 | 581.167 |               | FALANTE2: Como é que são esses períodos?   | 583.060 |
| 171 | 583.330 | WPF:          | Tem o período da, da seca, né, que vai de...   | 586.951 |
| 172 | 588.044 | WPF:          | ...assim, no me/ meados de abril...  | 590.194 |
| 173 | 590.767 | WPF:          | ...até setembro.   | 592.750 |
| 174 | 593.607 | WPF:          | Se eu não me engano, setembro, outubro.  | 595.519 |
| 175 | 595.707 | WPF:          | [veículo] Tem o período da cheia que está no, está acontecendo agora, né, que é de outubro...    | 600.348 |
| 176 | 600.850 | WPF:          | ...até março.  | 601.905 |
| 177 | 602.358 | WPF:          | E e/ essa cheia está bastante violenta, né, esse ano.  | 606.367 |
| 178 | 606.648 | WPF:          | Encheu bastante.   | 608.090 |
| 179 | 608.090 | WPF:          | A maior da história.   | 609.388 |
| 180 | 609.966 | WPF:          | Aí, como o senhor pode ver, tá tendo...  | 611.979 |
| 181 | 612.452 | WPF:          | ...gente desabrigada, animais...   | 614.890 |
| 182 | 615.630 | WPF:          | ...os moradores perdendo os seus animais, né.  | 617.562 |
| 183 | 617.562 | WPF:          | Seus pastos.   | 618.933 |
| 184 | 618.933 | WPF:          | Seus gados.  | 620.146 |
| 185 | 621.100 | WPF:          | Tá indo tudo...  | 622.293 |
| 186 | 622.697 | WPF:          | ...tudo perdido.   | 623.918 |
| 187 | 624.230 | WPF: +<br>E1: | FALANTE1: E // durante, assim, o, o período da seca...   | 627.279 |
| 188 | 624.230 |               | FALANTE2: Os moradores...  | 627.279 |
| 189 | 627.457 | E1: +<br>WPF: | FALANTE1: ...como é que fica a paisagem, assim, dos /lugares?                                    | 631.266 |
| 190 | 627.457 |               | FALANTE2: A seca?  | 631.266 |
| 191 | 632.016 | WPF:          | Assim...   | 633.021 |
| 192 | 633.407 | WPF:          | ...o que eu vejo diariamente é...  | 635.634 |
| 193 | 636.666 | WPF:          | ...fica a, as árvores ficam...   | 638.988 |

|     |         |               |   |         |
|-----|---------|---------------|---|---------|
| 194 | 640.006 | WPF:          | ...fica aquela...   | 641.055 |
| 195 | 641.655 | WPF:          | ...aquele tipo seco mesmo, assim, né.   | 644.093 |
| 196 | 644.374 | WPF:          | Você vê as plantas...   | 646.657 |
| 197 | 647.032 | WPF:          | ...tudo morrendo...   | 649.299 |
| 198 | 649.808 | WPF:          | ...ahn, a, já aconteceu até aqui numa época de seca, de...  | 652.497 |
| 199 | 653.012 | WPF:          | ...o senhor via, assim, a qu/ as queimada, né...  | 655.005 |
| 200 | 655.214 | WPF:          | ...que aconteceu.   | 656.380 |
| 201 | 656.950 | WPF:          | Fazia queimada, assim.  | 658.645 |
| 202 | 658.995 | WPF:          | O rio seca bastante, mesmo.   | 660.916 |
| 203 | 661.407 | WPF:          | Se/ co/ ahn, tem período, quando, na seca, el/ ele faz uma praia quase no meio do rio.                        | 666.317 |
| 204 | 666.569 | WPF:          | Que, aparece aquelas pedra, né.   | 668.255 |
| 205 | 668.255 | WPF:          | Aí no meio do rio fica uma praia.   | 670.066 |
| 206 | 670.441 | WPF:          | Vai até, o pessoal vão até pra lá tomar banho, né, eu acho até perigoso, isso.                                | 674.209 |
| 207 | 674.755 | WPF:          | Fazer uma praia l/ aparece uma praia no meio do rio, os pessoal vão pra lá.                                   | 678.733 |
| 208 | 679.369 | WPF:          | Aí, eu acho meio...   | 681.341 |
| 209 | 682.023 | WPF: +<br>E1: | FALANTE1: ...meio...  | 685.427 |
| 210 | 682.023 |               | FALANTE2: Mas pra chegar até essas praias tem, dá pra ir a pé?  | 685.427 |
| 211 | 685.427 | WPF:          | Não.  | 686.123 |
| 212 | 686.787 | WPF:          | Vai, às vezes vão de barco, canoa, mas, tipo, assim, nas beiras eles formam uma, ele forma aquelas pedra, né. | 692.789 |
| 213 | 693.234 | WPF:          | Forma umas pedra, aí bem pro meio forma a praia, aí vai de canoa ou barco...                                  | 697.725 |
| 214 | 699.303 | WPF:          | ...aí dá de chegar lá na praia.   | 700.748 |
| 215 | 700.748 | E1: +<br>WPF: | FALANTE1: E aí fica tomando banho lá?   | 704.696 |
| 216 | 700.748 |               | FALANTE2: Ficam tomando banho, né, mas, assim, eu acho meio perigoso, né.                                     | 704.696 |
| 217 | 705.169 | WPF:          | (Vem) um ataque, assim, de jacaré, ou cobra.  | 707.798 |
| 218 | 708.791 | E1: +<br>WPF: | FALANTE1: Tem muito jacaré aí?  | 710.437 |
| 219 | 708.791 |               | FALANTE2: (XX).   | 710.437 |
| 220 | 711.553 | WPF:          | Apare/ às vezes aparece uns jacarés, assim, mas...  | 714.354 |
| 221 | 714.354 | WPF:          | ...mas tipo assim...  | 715.692 |
| 222 | 715.899 | WPF:          | ...nesse período, assim, tá aparecendo mais é cobra, né.  | 718.170 |
| 223 | 719.053 | WPF:          | Os moradores, assim, tá enchendo os bairro, né.   | 721.735 |
| 224 | 722.134 | WPF:          | Tá aparecendo muita cobra mesmo, nesse período, parece.   | 725.343 |
| 225 | 725.876 | WPF:          | Sucuri...   | 727.176 |
| 226 | 727.580 | WPF:          | ...tá aparecendo, jararaca aparecendo muito.  | 730.037 |
| 227 | 730.588 | WPF: +<br>E1: | FALANTE1: É.  | 733.984 |
| 228 | 730.588 |               | FALANTE2: Cê já, já soube de ataque de jacaré aí?   | 733.984 |
| 229 | 734.834 | WPF:          | Ataque de jacaré, teve uma vez no passado.  | 737.851 |
| 230 | 738.516 | WPF:          | Passado recente, né, assim.   | 740.201 |
| 231 | 740.769 | WPF:          | Teve um, um, um jacaré que atacou uma criança...  | 743.806 |
| 232 | 744.471 | WPF:          | ...tava, ela tava brincando, né, no quintal de casa...  | 747.295 |
| 233 | 748.349 | WPF:          | ...aí teve um ataque de jacaré lá.  | 750.440 |

|     |         |               |   |         |
|-----|---------|---------------|---|---------|
| 234 | 750.440 | WPF:          | Foi no bairro do...   | 751.797 |
| 235 | 752.078 | WPF:          | ...bairro de Santo Antônio, foi, no bairro de Santo Antônio...  | 754.485 |
| 236 | 754.898 | WPF:          | ...teve um ataque de jacaré, uma criança.   | 756.988 |
| 237 | 756.988 | WPF:          | Mas, felizmente ela ficou salva, né.  | 759.486 |
| 238 | 759.814 | WPF:          | Perdeu uma parte da perna, mas...   | 761.592 |
| 239 | 762.271 | WPF:          | ...felizmente teve a vida.  | 763.683 |
| 240 | 764.196 | E1:           | E cobra, costuma ter muito ataque?  | 766.240 |
| 241 | 766.994 | WPF:          | Cobra...  | 767.927 |
| 242 | 768.658 | WPF:          | ...tem muitos.  | 769.357 |
| 243 | 769.967 | WPF:          | Mas, tipo assim, aquelas venenosa, né.  | 772.240 |
| 244 | 773.025 | WPF:          | Ahn, mais venenosa, tem ataque de cobra, assim.   | 775.637 |
| 245 | 776.734 | WPF:          | Que é a...  | 777.501 |
| 246 | 778.343 | WPF:          | ...teve uma época que teve uma...   | 779.904 |
| 247 | 780.123 | WPF:          | ...tinha muita cobra que, ahn, foi até a coral, né, que...  | 783.816 |
| 248 | 785.236 | WPF:          | ...[veículo] deu uma mordida numa menina, ela...  | 787.712 |
| 249 | 787.712 | WPF:          | ...quase perdeu a parte da perna, né, que...  | 789.533 |
| 250 | 790.479 | WPF:          | ...fica meio...   | 791.642 |
| 251 | 792.157 | WPF:          | ...a cobra, a veneno/ a venen/ o veneno é muito...  | 795.071 |
| 252 | 796.180 | WPF:          | ...deixou, ahn, a perna todo...   | 798.096 |
| 253 | 798.096 | WPF:          | ...meio assim, toda...  | 799.355 |
| 254 | 800.145 | WPF:          | Ela praticamente acaba, né, com...  | 801.965 |
| 255 | 802.168 | WPF:          | ...com a perna da gente, assim, se pegar qualquer parte do corpo, ela...                              | 804.745 |
| 256 | 805.370 | WPF:          | ...danifica muito.  | 806.503 |
| 257 | 808.183 | E1:           | [veículo] E aí o, o, o procedimento quando uma pessoa é picada é qual?                                | 812.398 |
| 258 | 813.212 | WPF:          | Bom, aí, ahn...   | 814.942 |
| 259 | 815.764 | WPF:          | ...ahn, o p/ o primeiro procedimento é afastar a cobra, né.   | 818.434 |
| 260 | 818.723 | WPF:          | É afastar ela de lá, não deixar ela [buzina] por perto.   | 821.486 |
| 261 | 822.087 | WPF:          | Aí faz os primeiros socorros...   | 824.637 |
| 262 | 824.637 | WPF:          | ...que é o, ahn...  | 825.357 |
| 263 | 826.033 | WPF:          | ...tem que passar álcool...   | 827.756 |
| 264 | 828.327 | WPF:          | ...no, na, no local.  | 829.551 |
| 265 | 830.245 | WPF:          | Aí leva pro hospital, né, pra...  | 831.910 |
| 266 | 832.597 | WPF:          | ...os médicos avaliam lá como é que...  | 834.932 |
| 267 | 835.307 | WPF:          | ...que vai tar lá, a situação.  | 837.247 |
| 268 | 838.061 | E1:           | Agora, uma coisa, assim, que eu sempre fico curioso...  | 841.117 |
| 269 | 842.007 | E1: +<br>WPF: | FALANTE1: ...porque, por exemplo, uma coisa é a pessoa ser picada de cobra aqui pertinho da cidade... | 846.546 |
| 270 | 842.007 |               | FALANTE2: Uhm.  | 846.546 |
| 271 | 846.546 | E1:           | ...mas tar num interior desse?  | 848.148 |
| 272 | 849.674 | WPF:          | Aí é, eu acho assim, a/ às veze tem...  | 852.575 |
| 273 | 853.157 | WPF:          | ...às vezes tem aque/ a, aqueles moradores que vão mais pela parte da...                              | 856.974 |
| 274 | 857.302 | WPF:          | ...que eu falei, assim, da tradição deles, né.  | 859.042 |
| 275 | 859.236 | WPF:          | Vão atrás de plantas medicinais, aí...  | 861.660 |
| 276 | 862.224 | WPF:          | ...passa lá, às vezes, às vezes cura mesmo, de verdade, né.   | 865.628 |
| 277 | 866.049 | WPF:          | Os moradores, aí...   | 867.302 |
| 278 | 867.428 | WPF:          | ...a, uns não, outros trazem pra cá, pra cidade...  | 870.291 |

|     |           |      |  |           |
|-----|-----------|------|--|-----------|
| 279 | 870.569   | WPF: | ...aí quando aq/ a cidade não resolve, aí leva pra outra cidade, né, que a mais próxima é a Porto Velho.   | 875.173   |
| 280 | 875.173   | WPF: | Duzentos quilômetros...  | 876.255   |
| 281 | 876.579   | WPF: | ...de distância.   | 877.554   |
| 282 | 878.630   | WPF: | Assim...   | 879.436   |
| 283 | 880.360   | WPF: | [veículo] Mas, assim, raramente tá acontecendo, né, acontece mais nesse período de cheia, assim, que tá...   | 884.735   |
| 284 | 885.425   | WPF: | ...invade as casa, né.   | 886.749   |
| 285 | 887.147   | EI:  | Ahn, uma outra coisa, assim, que ahn, eu tinha curiosidade de conhecer, a gente viu na televisão...  | 892.507   |
| 286 | 893.102   | WPF: | ...que aqui nessa região, esses tempos atrás, tava tendo uns conflitos, né, por causa dos índios e madeireiros, né.                                | 899.554   |
| 287 | 899.554   | WPF: | Sim.   | 900.056   |
| 288 | 900.056   | EI:  | Ahn, parece que a Força Nacional inclusive tá aí também, né, dando um apoio.   | 904.401   |
| 289 | 904.874   | EI:  | Como é que, que foi essa história aí?  | 907.273   |
| 290 | 907.922   | WPF: | Bom, assim, eu fiquei sabendo que...   | 911.220   |
| 291 | 912.032   | WPF: | ...lá no, na aldeia do, na aldeia do...  | 915.976   |
| 292 | 917.710   | WPF: | ...que eu não...   | 918.314   |
| 293 | 918.584   | WPF: | ...na aldeia do, os parintintim, né, parintintim...  | 921.134   |
| 294 | 921.134   | WPF: | ...eu acho que era os parintintim...   | 922.701   |
| 295 | 923.457   | WPF: | ...lá tem a barreira, né, que você passa, tem que pagar, ou seja, carro, moto, caminhão, tem que pagar.  | 929.410   |
| 296 | 930.245   | WPF: | Aí teve uma vez que foi o, os, os três, os três, os três moradores daqui de Humaitá foram andar lá na aldeia, né.                                  | 939.274   |
| 297 | 939.610   | WPF: | Foram pra, na Transamazônica pra ir pra Apuí.  | 941.943   |
| 298 | 942.833   | WPF: | Aí tinha sumido o pajé da tribo lá, né, deles lá.  | 946.888   |
| 299 | 947.776   | WPF: | Que segundo o, o curandeiro deles lá...  | 951.373   |
| 300 | 952.132   | WPF: | ...disse que tinha sido um carro preto que tinha atropelado ele, né.   | 955.574   |
| 301 | 956.536   | WPF: | Aí...  | 957.516   |
| 302 | 957.943   | WPF: | ...a tribo avistou um carro vindo, preto, né.  | 960.587   |
| 303 | 961.272   | WPF: | Aí, nele, nele, ne/ nesse carro preto tava os três moradores da/...  | 964.753   |
| 304 | 965.163   | WPF: | ...da região, né, sei que era dois de Humaitá e um de Manaus.  | 968.105   |
| 305 | 969.202   | WPF: | Aí...  | 970.136   |
| 306 | 970.561   | WPF: | ...pegaram eles, né, sei que ficou quinze dias desaparecido.   | 973.945   |
| 307 | 974.733   | WPF: | Aí...  | 975.583   |
| 308 | 975.823   | WPF: | ...passou os quinze dias o povo daqui ficou revoltado, né, que não...  | 978.821   |
| 309 | 979.407   | WPF: | ...não pa/ a polícia não, o prefeito, a polícia não, não dava um, uma iniciação, assim, de dar, de procura, ou saber o que é que tinha acontecido. | 988.316   |
| 310 | 988.911   | WPF: | Aí o povo daqui revoltou, ahn...   | 991.032   |
| 311 | 991.829   | WPF: | ...começou a...  | 992.822   |
| 312 | 993.508   | WPF: | ...um...   | 994.467   |
| 313 | 996.322   | WPF: | ...começou a queimar os, os prédio da, da Funai, né.   | 999.786   |
| 314 | 999.786   | WPF: | Queimou o prédio da Funai ali na, perto da Transamazônica.   | 1.003.016 |
| 315 | 1.003.206 | WPF: | Fizeram um protesto, né.   | 1.004.674 |
| 316 | 1.004.829 | WPF: | Queimaram a Fu/ a Funasa ali, né.  | 1.007.379 |
| 317 | 1.007.379 | WPF: | (Pronto) de, de saúde...   | 1.008.996 |
| 318 | 1.009.377 | WPF: | ...dos índios.   | 1.010.309 |

|     |           |      |  |           |
|-----|-----------|------|--|-----------|
| 319 | 1.010.309 | WPF: | Queimaram carros, barcos, os barcos que ia pra, pra aldeia, né, levar alimento, água.                              | 1.016.938 |
| 320 | 1.017.224 | WPF: | Os combustível lá.   | 1.018.487 |
| 321 | 1.019.008 | WPF: | Aí fiquei sa/ foi essa a história, assim, que eu fiquei sabendo, né, aí, mas até hoje tá...                        | 1.023.218 |
| 322 | 1.023.822 | WPF: | ...tá um conflito meio ruim, assim, entre os índios e os moradores daqui, né, pra...                               | 1.028.481 |
| 323 | 1.029.337 | WPF: | Mas, que eu tou sabendo, assim, que os...  | 1.031.543 |
| 324 | 1.032.157 | WPF: | ...os autores do...  | 1.033.467 |
| 325 | 1.034.444 | WPF: | ...os autores da morte dos m/ do, dos moradores, eles tão preso, né.   | 1.038.117 |
| 326 | 1.038.328 | WPF: | Foi seis, seis índios...   | 1.040.245 |
| 327 | 1.040.726 | WPF: | ...que mataram os três homens lá.  | 1.042.651 |
| 328 | 1.042.651 | WPF: | Eu tou sabendo que...  | 1.043.879 |
| 329 | 1.043.879 | WPF: | ...assim, eles foram preso, né.  | 1.045.224 |
| 330 | 1.045.756 | E1:  | Você, pessoalmente, já foi a alguma aldeia?  | 1.048.464 |
| 331 | 1.049.327 | WPF: | Eu já fui na aldeia do...  | 1.051.552 |
| 332 | 1.052.921 | WPF: | ...fui na aldeia do Marmelo.   | 1.054.436 |
| 333 | 1.054.925 | WPF: | Que fica os índios lá, o, os índio...  | 1.057.414 |
| 334 | 1.059.103 | WPF: | ...os índios Tenharim, ficam os índios Tenharim.   | 1.061.172 |
| 335 | 1.061.729 | WPF: | Onde fica os índios Tenharim, né.  | 1.063.248 |
| 336 | 1.063.930 | WPF: | Ahn, cinquenta quilômetros...  | 1.066.142 |
| 337 | 1.066.142 | WPF: | ...uhm, transamazônica, Humaitá até a aldeia.  | 1.068.248 |
| 338 | 1.068.918 | WPF: | Assim, eles receberam a gente legal, né, eles receberam a gente, ahn...  | 1.072.592 |
| 339 | 1.072.967 | WPF: | ...ofereceram alimento, água, assim.   | 1.075.788 |
| 340 | 1.076.608 | WPF: | Eu fui, é porque eu partici/ eu participava dum grupo de dança, né, a gente foi convidado pra dançar lá na aldeia. | 1.081.650 |
| 341 | 1.081.957 | WPF: | Ahn, assim, a gente foi bem recebido, né.  | 1.083.783 |
| 342 | 1.084.227 | WPF: | Ficou total livre.   | 1.085.751 |
| 343 | 1.086.746 | WPF: | Assim, sem problemas...  | 1.088.118 |
| 344 | 1.088.454 | WPF: | ...fui bem recebido mesmo.   | 1.089.710 |
| 345 | 1.089.710 | E1:  | E lá na aldeia, como que era?  | 1.091.584 |
| 346 | 1.092.131 | WPF: | Ahn, lá na aldeia...   | 1.093.769 |
| 347 | 1.094.074 | WPF: | ...ahn...  | 1.094.670 |
| 348 | 1.095.339 | WPF: | ...tipo...   | 1.096.282 |
| 349 | 1.096.533 | WPF: | ...tem a, tem uma parte que é mais, mais da tradicional, né, que é aquelas casa com palha...                       | 1.101.038 |
| 350 | 1.101.526 | WPF: | ...aqueles, aquelas maloca mesmo de índio, né.   | 1.103.848 |
| 351 | 1.104.132 | WPF: | Aí tem a ou/ uma parte, assim, que já é mais...  | 1.106.605 |
| 352 | 1.107.118 | WPF: | ...mais da/ mais evoluída, né, que é...  | 1.109.646 |
| 353 | 1.109.962 | WPF: | ...aquelas casona, assim, com...   | 1.111.799 |
| 354 | 1.112.071 | WPF: | ...com televisão...  | 1.113.732 |
| 355 | 1.114.157 | WPF: | ...já tinha bebedouro...   | 1.116.088 |
| 356 | 1.116.088 | WPF: | ...ahn...  | 1.116.761 |
| 357 | 1.117.019 | WPF: | ...geladeira, essas coisa assim, mais da cidade, né, tinha uma parte lá que já era mais...                         | 1.121.420 |
| 358 | 1.121.837 | WPF: | ...mais evoluída mesmo, né.  | 1.123.309 |
| 359 | 1.124.291 | E1:  | E essas danças que vocês foram apresentar lá eram, eram que tipo?  | 1.128.023 |
| 360 | 1.128.312 | WPF: | Ahn, aqui, ahn, tem um...  | 1.129.864 |

|     |           |               |  |           |
|-----|-----------|---------------|--|-----------|
| 361 | 1.130.379 | WPF:          | ...um grupo de, ahn, um grupo de boi-bumbá, né.  | 1.132.712 |
| 362 | 1.132.959 | WPF:          | É o...   | 1.134.034 |
| 363 | 1.134.315 | WPF:          | ...a gente foi convidado pra dançar lá na aldeia deles, que...   | 1.137.014 |
| 364 | 1.137.733 | WPF:          | ...ahn, com o boi mexe assim, com, às vez com, com a, com as tradições amazônica, né.                          | 1.141.851 |
| 365 | 1.142.249 | WPF:          | A gente foi apresentar umas tradições lá do...   | 1.144.539 |
| 366 | 1.144.539 | WPF:          | ...pra aldeia deles.   | 1.145.758 |
| 367 | 1.146.750 | WPF:          | Um grupo de dança, é o Boi-Bumbá, Boi-Bumbá Flor da Mangaba, né.   | 1.150.027 |
| 368 | 1.150.027 | WPF:          | Mexe com...  | 1.150.877 |
| 369 | 1.150.877 | E1:           | Uhnrum.  | 1.151.695 |
| 370 | 1.152.026 | E1: +<br>WPF: | FALANTE1: E aí // vocês fazem essas apresentações com muita frequência?  | 1.155.427 |
| 371 | 1.152.026 |               | FALANTE2: ...grupo de dança folclórica.  | 1.155.427 |
| 372 | 1.156.102 | WPF:          | Sim.   | 1.156.797 |
| 373 | 1.156.913 | WPF:          | Sim.   | 1.157.377 |
| 374 | 1.157.647 | WPF:          | Ahn, esse ano, assim, inda não, porque tá no começo, né, a gente começa mais d/ do período de junho, agosto... | 1.163.581 |
| 375 | 1.164.408 | WPF:          | ...setembro, outubro, né, a gente começa mais nesses período, assim, porque eles convidam, né, pra não...      | 1.168.599 |
| 376 | 1.168.966 | WPF:          | ...quando vai v/ visita de fora...   | 1.171.304 |
| 377 | 1.171.497 | WPF:          | ...de outras tribos, aldeias...  | 1.173.158 |
| 378 | 1.173.409 | WPF:          | ...aí eles convida, assim...   | 1.174.965 |
| 379 | 1.175.316 | WPF:          | ...um grupo de dança pra apresentar na aldeia, né.   | 1.177.637 |
| 380 | 1.178.028 | WPF:          | Assim, com parceria com a prefeitura, tal...   | 1.180.633 |
| 381 | 1.181.026 | WPF:          | ...transporte...   | 1.182.002 |
| 382 | 1.182.678 | WPF:          | ...a gente vai lá.   | 1.182.678 |
| 383 | 1.183.539 | WPF:          | Eles...  | 1.184.760 |

**APÊNDICES**

## APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA SOCIOLINGÜÍSTICA: A PESQUISA DE CAMPO

### 1) Estratificação social dos Informantes

|              |  | 18 a 35 anos |        | 36 a 55 anos |        | 56 em diante |        |
|--------------|--|--------------|--------|--------------|--------|--------------|--------|
|              |  | Homem        | Mulher | Homem        | Mulher | Homem        | Mulher |
| Zona Rural   | 5 a 8 anos de escolarização (Fundamental II) | 1            | 1      | 1            | 1      | 1            | 1      |
|              | 9 a 11 anos de escolarização (Ensino Médio)  | 1            | 1      | 1            | 1      | 1            | 1      |
| Zona Urbana  | 5 a 8 anos de escolarização (Fundamental II) | 1            | 1      | 1            | 1      | 1            | 1      |
|              | 9 a 11 anos de escolarização (Ensino Médio)  | 1            | 1      | 1            | 1      | 1            | 1      |
| <b>Total</b> |  | 4            | 4      | 4            | 4      | 4            | 4      |

### 2) Critérios de Seleção dos Informantes:

- Nascido na cidade selecionada para a pesquisa.
- Que os pais tenham nascido e vivido na mesma cidade do informante selecionado.
- Que não tenha se afastado por mais de 10 anos do local de nascimento.

### 3) Ficha Social:

Nome:

Idade:

Escolaridade:

Profissão:

Nome dos pais:

Outras informações importantes para a dimensão social:

### 4) A coleta

- **Vernáculo:** narrativas de experiências pessoais (entrevista sociolinguística).
- **Duração da gravação:** 30min a 60min.
- **Entrevistador:** tentar neutralizar sua presença e a do gravador; mostrar-se interessado, de fato, nas histórias que os informantes vão contar; realizar o mínimo de interferências...
- **Informar o local da coleta:** rua, casa, escola, etc?
- **Informar quem fez a entrevista:**

### 5) Roteiro para Entrevista

- **Conversa prévia:** nome, idade, escolaridade, quanto tempo mora na cidade, etc.
- **Perguntas:**

1. Gosta da comunidade em que mora? Por quê? É um bom lugar para se criar os filhos?
2. O que mais gosta e o que menos gosta nesta comunidade?
3. Conhece alguma coisa sobre a história da comunidade? Relate.
4. Como a sua família se estabeleceu nesta comunidade? Conhece um pouco sobre a história?
5. Tem vontade de trocar de comunidade? Por quê?
6. Caso trocasse esta comunidade por uma outra, qual seria?
7. Morou temporariamente em outra cidade? Outro estado?
8. E a respeito do bairro, sempre morou nesse bairro ou já morou em outros?
9. Costuma viajar para outras cidades? Quais?
10. Como costuma viajar? Como costumam sair da cidade, barco, ônibus, avião, carro?
11. Das cidades mais próximas, como é possível ir, por exemplo, daqui para Humaitá, de Humaitá para Manicoré, ou de Humaitá para Porto Velho?
12. E para Manaus, é possível ir de barco? Em quantos dias chego lá de barco?
13. Existem outros meios para chegar a Manaus? Como? Quantos dias de viagem?
14. Se a BR-319 fosse reformada, a cidade iria melhorar? Por quê?
15. Do bairro em que mora é difícil para chegar ao centro da cidade? Como faz pra ir?
16. Tem muitos parentes que moram na cidade?
17. Costuma visitá-los? Como faz pra ir, é possível ir a pé?
18. Dizem que no período da seca do Rio Madeira formam umas pedras e uma praia em frente à cidade, costuma frequentar? Como faz pra chegar nesses locais?
19. E os banhos? Têm muitos na cidade? Como faz para chegar até esses locais?
20. Acha que a comunidade oferece oportunidade para os jovens, como emprego, diversão? Diga sua opinião.
21. E quanto à segurança, é uma comunidade calma ou tem muita violência?
22. Frequenta a igreja? É perto da sua casa? Como é possível ir?
23. A comunidade tem festas religiosas? Qual o padroeiro da comunidade? Quando é a festa?
24. Quais as festas típicas da comunidade? Qual mais gosta? Costuma participar?
25. Conte algum fato interessante que aconteceu na comunidade.
26. Você trabalha fora? Como faz para ir ao seu trabalho?
27. Lembra da casa onde morava na infância? Tinha irmãos? Que tipo de brincadeira era costume naquela época?
28. Já passou por algum perigo de morte? Ou alguém da família? Alguma doença?
29. Aconteceram muitas mudanças na sua comunidade? Boas ou ruins?
30. Quando estudava, a escola era longe da sua casa? Como fazia para ir à escola?
31. Relate um fato interessante/ intrigante ocorrido na escola.
32. Conhece muitos casos de namoro/ ficção entre seus/ teus colegas? Relate alguns interessantes. E você/ tu já namorou/ ficou com algum colega?
33. Vamos supor que você fosse o prefeito da cidade por um dia, o que daria para fazer pela melhoria da cidade nesse dia?

## APÊNDICE B: EXEMPLO DE TRANSCRIÇÃO DOS INFORMANTES PESQUISA DE CAMPO

|  |                         |
|--|-------------------------|
| <b>Coleta de dados realizada em Humaitá</b>  |                         |
| <b>Transcrição Grafemática: A CONSTRUÇÃO VERBAL V1DAR + PREPOSIÇÃO PARA/PRA/DE + V2INFINITIVO: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DA FALA DE MORADORES DE HUMAITÁ (AM)</b> |                         |
| <b>IQT:</b> Hom, faixa1, esc1, Rur   | <b>DATA:</b> 04/01/2020 |
| <b>INQ./AUX.:</b> Tarciana Melo de Lima  |                         |
| <b>TRT.:</b> Tarciana Melo de Lima   | <b>DATA:</b> 20/04/2020 |

**REV.1:** Flávia Santos Martins      **DATA:**

### TRANSCRIÇÃO DO FENÔMENO

Às vez não dá de ir, um dia a gente vai, um sim, um não, um sim, um não.

|  |                         |
|--|-------------------------|
| <b>Coleta de dados realizada em Humaitá</b>  |                         |
| <b>Transcrição Grafemática: A CONSTRUÇÃO VERBAL V1DAR + PREPOSIÇÃO PARA/PRA/DE + V2INFINITIVO: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DA FALA DE MORADORES DE HUMAITÁ (AM)</b> |                         |
| <b>IQT:</b> Hom, faixa1, esc2, Rur   | <b>DATA:</b> 04/01/2020 |
| <b>INQ./AUX.:</b> Tarciana Melo de Lima  |                         |
| <b>TRT.:</b> Tarciana Melo de Lima   | <b>DATA:</b> 31/03/2020 |

**REV.1:** Flávia Santos Martins      **DATA:**

### TRANSCRIÇÃO DO FENÔMENO

É... depende dá de ir de barco.

não dá nem de lembrar de tão (acho) que foi agoniante.

Não, eu só fico escutando, mas eu não gravo na memória, só fico rindo. Não dá tempo pra gravar.

Deu pa viver o restinho da infância

Dava pra fazer?

|  |                         |
|--|-------------------------|
| <b>Coleta de dados realizada em Humaitá</b>  |                         |
| <b>Transcrição Grafemática: A CONSTRUÇÃO VERBAL V1DAR + PREPOSIÇÃO PARA/PRA/DE + V2INFINITIVO: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DA FALA DE MORADORES DE HUMAITÁ (AM)</b> |                         |
| <b>IQT:</b> Hom, faixa2, esc1, Rur   | <b>DATA:</b> 04/01/2020 |
| <b>INQ./AUX.:</b> Delcio Fernando Martins Junior   |                         |
| <b>TRT.:</b> Tarciana Melo de Lima   | <b>DATA:</b> 03/04/2020 |

REV.1: Flávia Santos Martins      DATA:

|   |
|---|
| <b>TRANSCRIÇÃO DO FENÔMENO</b>  |
| Todo dia na cidade. Não aqui não... você com salário <b>dá pra</b> você...              |
| Eu com salário pra mim na cidade não sei como <b>dá pra</b> ...                         |
| eu acho que... a limpeza nas rua <b>dava pra fazer</b> né?                              |
| porque pra roçar um dia aqui assim... a roçagem não <b>dá pra fazer</b> né?             |
| só se botasse muito... assim... agora as limpeza nas ruas né? <b>dava pra fazer</b> ... |

**Coleta de dados realizada em Humaitá**

**Transcrição Grafemática: A CONSTRUÇÃO VERBAL V1DAR + PREPOSIÇÃO PARA/PRA/DE + V2INFINITIVO: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DA FALA DE MORADORES DE HUMAITÁ (AM)**

IQT: Hom, faixa2, esc2, Rur      DATA: 04/01/2020

INQ./AUX.: Tarciana Melo de Lima

TRT.: Tarciana Melo de Lima      DATA: 07/04/2020

REV.1: Flávia Santos Martins      DATA:

|  |
|--|
| <b>TRANSCRIÇÃO DO FENÔMENO</b>   |
| dá... <b>dá de ir</b> de moto... né? de moto é::... é uns cinco minuto de... |
| é um banho bom... é... bom... é... <b>dá pra se divertir</b> um pouco né?    |

**Coleta de dados realizada em Humaitá**

**Transcrição Grafemática: A CONSTRUÇÃO VERBAL V1DAR + PREPOSIÇÃO PARA/PRA/DE + V2INFINITIVO: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DA FALA DE MORADORES DE HUMAITÁ (AM)**

IQT: Hom, faixa3, esc1, Rur      DATA: 04/01/2020

INQ./AUX.: Delcio Fernando Martins Junior

TRT.: Tarciana Melo de Lima      DATA: 28/03/2020

REV.1: Flávia Santos Martins      DATA:

|  |
|--|
| <b>TRANSCRIÇÃO DO FENÔMENO</b>   |
| não dá um quilo de borracha não <b>dá pra comprar</b> um quilo de sal... |
| só não mais pro centro não... não <b>dá de ver</b> ...                   |

**Coleta de dados realizada em Humaitá**

**Transcrição Grafemática: A CONSTRUÇÃO VERBAL V1DAR + PREPOSIÇÃO PARA/PRA/DE + V2INFINITIVO: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DA FALA DE MORADORES DE HUMAITÁ (AM)**

**IQT:** Mul, faixa1, esc1, Rur      **DATA:** 04/01/2020

**INQ./AUX.:** Tarciana Melo de Lima

**TRT.:** Tarciana Melo de Lima      **DATA:** 25/04/2020

**REV.1:** Flávia Santos Martins      **DATA:**

**TRANSCRIÇÃO DO FENÔMENO**

∅

**Coleta de dados realizada em Humaitá**

**Transcrição Grafemática: A CONSTRUÇÃO VERBAL V1DAR + PREPOSIÇÃO PARA/PRA/DE + V2INFINITIVO: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DA FALA DE MORADORES DE HUMAITÁ (AM)**

**IQT:** Mul, faixa1, esc2, Rur      **DATA:** 04/01/2020

**INQ./AUX.:** Tarciana Melo de Lima

**TRT.:** Tarciana Melo de Lima      **DATA:** 28/04/2020

**REV.1:** Flávia Santos Martins      **DATA:**

**TRANSCRIÇÃO DO FENÔMENO**

não é muito caro não mas dá de comprar as coisa...

**Coleta de dados realizada em Humaitá**

**Transcrição Grafemática: A CONSTRUÇÃO VERBAL V1DAR + PREPOSIÇÃO PARA/PRA/DE + V2INFINITIVO: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DA FALA DE MORADORES DE HUMAITÁ (AM)**

**IQT:** Mul, faixa2, esc1, Rur      **DATA:** 04/01/2020

**INQ./AUX.:** Tarciana Melo de Lima

**TRT.:** Tarciana Melo de Lima      **DATA:** 02/05/2020

**REV.1:** Flávia Santos Martins      **DATA:**

**TRANSCRIÇÃO DO FENÔMENO**

∅

**Coleta de dados realizada em Humaitá**

**Transcrição Grafemática: A CONSTRUÇÃO VERBAL V1DAR + PREPOSIÇÃO PARA/PRA/DE + V2INFINITIVO: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DA FALA DE MORADORES DE HUMAITÁ (AM)**

**IQT:** Mul, faixa2, esc2, Rur      **DATA:** 04/01/2020

**INQ./AUX.:** Tarciana Melo de Lima

**TRT.:** Tarciana Melo de Lima      **DATA:** 29/04/2020

**REV.1:** Flávia Santos Martins

**DATA:**

**TRANSCRIÇÃO DO FENÔMENO**

dá pra ir pro banho... ( )...

dá sim... dá o mês... dá pra visitar ( )...

**Coleta de dados realizada em Humaitá**

**Transcrição Grafemática: A CONSTRUÇÃO VERBAL V1DAR + PREPOSIÇÃO PARA/PRA/DE + V2INFINITIVO: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DA FALA DE MORADORES DE HUMAITÁ (AM)**

**IQT:** Mul, faixa3, esc1, Rur      **DATA:** 04/01/2020

**INQ./AUX.:** Tarciana Melo de Lima

**TRT.:** Tarciana Melo de Lima      **DATA:** 15/04/2020

**REV.1:** Flávia Santos Martins

**DATA:**

**TRANSCRIÇÃO DO FENÔMENO**

∅

**Coleta de dados realizada em Humaitá**

**Transcrição Grafemática: A CONSTRUÇÃO VERBAL V1DAR + PREPOSIÇÃO PARA/PRA/DE + V2INFINITIVO: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DA FALA DE MORADORES DE HUMAITÁ (AM)**

**IQT:** Hom, faixa1, esc1, urb      **DATA:** 04/01/2020

**INQ./AUX.:** Tarciana Melo de Lima

**TRT.:** Tarciana Melo de Lima      **DATA:** 09/05/2020

**REV.1:** Flávia Santos Martins

**DATA:**

**TRANSCRIÇÃO DO FENÔMENO**

ra-paz a única cidade que... não iria é:: a... (Ariquemes):: meus ( ) eu... é um canto que dava de eu ir...

mas é sofrimento mas:: dá de... levar a vida né? o importante é...

e pra trabalhar só... não dava nem... mal pra pagar as conta ai veio embora... não quis mais não...

às vez dá tempo de cuidar às vez não né?...

dá de a gente fazer...

dá de fazer muita coisa...

Coleta de dados realizada em Humaitá

Transcrição Grafemática: A CONSTRUÇÃO VERBAL V1DAR + PREPOSIÇÃO PARA/PRA/DE + V2INFINITIVO: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DA FALA DE MORADORES DE HUMAITÁ (AM)

IQT: Hom, faixa1, esc2, urb DATA: 04/01/2020

INQ./AUX.: Tarciana Melo de Lima

TRT.: Tarciana Melo de Lima DATA: 12/05/2020

REV.1: Flávia Santos Martins DATA:

TRANSCRIÇÃO DO FENÔMENO

dá de ir...

dá de ir andando mesmo, de com carro, moto...

né dá de ir:: de carro de moto até... a pé mesmo devido que é::... perto né?

( ) sempre (temo):: o futebol o:: chamava de pelada aqui que era... e... tinha um campinho aqui do lado... e tinha também um campinho do lado da:: igreja aqui mais perto ( ) tinha um campinho meio... meio feinho mas dava de jogar...

que já é::... muita lama... e também é o:: é a parte que enche lá quase num... num dá de tomar banho... mas geralmente quando enche lá... ai:: tem o vinte que... a parte... da chuva... já enche e fica bom de tomar banho... vinte:: doze::...

aqui em Humaitá tá::... dá de ter... tem uma seguran/... uma saúde boa... pessoa espera um pouco mas... são toda atendida...

Coleta de dados realizada em Humaitá

Transcrição Grafemática: A CONSTRUÇÃO VERBAL V1DAR + PREPOSIÇÃO PARA/PRA/DE + V2INFINITIVO: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DA FALA DE MORADORES DE HUMAITÁ (AM)

IQT: Hom, faixa2, esc2, urb DATA: 04/01/2020

INQ./AUX.: Tarciana Melo de Lima

TRT.: Tarciana Melo de Lima DATA: 15/05/2020

REV.1: Flávia Santos Martins DATA:

TRANSCRIÇÃO DO FENÔMENO

bike... ela veio de bike né?... tem uma:: pessoas que vem e fazem um:: turismozinho de bike lá:: criam um grupo... eles... vão da::... vão de bike ( ) dá pra ir de de:: de bike né?... tem umas pessoas que vem... fazer aquela::... aquele turismo deles lá através da br...

## Coleta de dados realizada em Humaitá

**Transcrição Grafemática: A CONSTRUÇÃO VERBAL V1DAR + PREPOSIÇÃO PARA/PRA/DE + V2INFINITIVO: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DA FALA DE MORADORES DE HUMAITÁ (AM)**

**IQT:** Hom, faixa3, esc1, urb      **DATA:** 04/01/2020

**INQ./AUX.:** Tarciana Melo de Lima

**TRT.:** Tarciana Melo de Lima      **DATA:** 18/05/2020

**REV.1:** Flávia Santos Martins      **DATA:**

## TRANSCRIÇÃO DO FENÔMENO

uma época... ela foi... era pra... ir o casal mas como não dá pra sair os dois de casa... por causa do dos filho que ainda eram pequeno e a/ hoje tem o meu tio né? que é acamado e não tem como... sair os dois...

e:: era pra ir o casal... porque a gente participava junto... mas ai não deu pra ir os dois ela foi... pra São Paulo... são... três dia de curso lá em São Paulo...

e não deu pra mim ir... tive muita vontade mas infelizmente não podia... ir junto com ela...

ai dá muita gente de fora que:: a gente dá pra perceber que...

caixa de leite... TUDO o que tinha::... o que deu pra levar levavam... sabonete... tudo... tudo tudo tudo... o que tinha eles levavam e... depois... tocaram fogo dentro do mercado...

## Coleta de dados realizada em Humaitá

**Transcrição Grafemática: A CONSTRUÇÃO VERBAL V1DAR + PREPOSIÇÃO PARA/PRA/DE + V2INFINITIVO: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DA FALA DE MORADORES DE HUMAITÁ (AM)**

**IQT:** Mul, faixa1, esc2, urb      **DATA:** 04/01/2020

**INQ./AUX.:** Tarciana Melo de Lima

**TRT.:** Tarciana Melo de Lima      **DATA:** 20/05/2020

**REV.1:** Flávia Santos Martins      **DATA:**

## TRANSCRIÇÃO DO FENÔMENO

dá:: pra ir a pé... também não é... não é longe...

(...) na escola né? que eu tô estudando agora porque::... eu passei um tempo estudando no IFAM... (né?) ( ) e lá::... (cê) não faltava professor algum... só que::... não deu pra mim continuar lá e eu tive que ir pro GM só que lá o GM é ruim...

## Coleta de dados realizada em Humaitá

**Transcrição Grafemática: A CONSTRUÇÃO VERBAL V1DAR + PREPOSIÇÃO PARA/PRA/DE + V2INFINITIVO: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DA FALA DE MORADORES DE HUMAITÁ (AM)**

**IQT:** Mul, faixa2, esc1, urb      **DATA:** 04/01/2020

**INQ./AUX.:** Tarciana Melo de Lima

**TRT.:** Tarciana Melo de Lima      **DATA:** 24/05/2020

REV.1: Flávia Santos Martins

DATA:

|   |
|---|
| <b>TRANSCRIÇÃO DO FENÔMENO</b>  |
| <b>dá de ir</b> a pé:: ou então pega um Uber... ou então um mototáxi... |
| <b>dá de ir</b> a pé:: né?... de bicicleta... ((risos))                 |
| (...) <b>dá de ir</b> a pé também... porque é perto... eu acho perto... |
| <b>dá pra ir</b> de carro e moto... a pé é meio longe é longe...        |
| <b>dá de de ir</b> a pé:: de bicicleta... trabalho perto...             |

**Coleta de dados realizada em Humaitá**

**Transcrição Grafemática: A CONSTRUÇÃO VERBAL V1DAR + PREPOSIÇÃO PARA/PRA/DE + V2INFINITIVO: UMA ANÁLISE SOCIOLINGÜÍSTICA DA FALA DE MORADORES DE HUMAITÁ (AM)**

IQT: Mul, faixa2, esc2, urb DATA: 04/01/2020

INQ./AUX.: Tarciana Melo de Lima

TRT.: Tarciana Melo de Lima DATA: 27/05/2020

REV.1: Flávia Santos Martins

DATA:

|  |
|--|
| <b>TRANSCRIÇÃO DO FENÔMENO</b>   |
| <b>dá pra ir</b> a pé também... é próximo...   |
| quando <b>dá pra gente ir</b> a gente sempre vai... assim na novena...   |
| todo final de semana a gente ia pra lá quando tava cheio né que <b>dava pra entrar</b> barco... e:... o pai ele costumava muito assim passear com a gente né? botava a gente quando... e... mais era de barco porque ele só tinha barco... |

**Coleta de dados realizada em Humaitá**

**Transcrição Grafemática: A CONSTRUÇÃO VERBAL V1DAR + PREPOSIÇÃO PARA/PRA/DE + V2INFINITIVO: UMA ANÁLISE SOCIOLINGÜÍSTICA DA FALA DE MORADORES DE HUMAITÁ (AM)**

IQT: Mul, faixa3, esc1, urb DATA: 04/01/2020

INQ./AUX.: Tarciana Melo de Lima

TRT.: Tarciana Melo de Lima DATA: 29/05/2020

REV.1: Flávia Santos Martins

DATA:

|  |
|--|
| <b>TRANSCRIÇÃO DO FENÔMENO</b>   |
| é:: carro né? o/ é::... de ônibus né?... AVIÃO... né?... <b>dá pra ir</b> ...  |
| eu vou sossegada eu saio pros lugares porque eu sei que eu vou... e volto... sossegada porque... tem né?... tá tendo né? porque... mas não é TANTO não... como nas outras cidade... ainda <b>dá pra ficar</b> tranquila... |
| dá::... <b>dá pra ir</b> de moto::...  |
| <b>dá pra ir</b> de carro né?... quem gosta eu gosto não...  |

**Coleta de dados realizada em Humaitá**

**Transcrição Grafemática: A CONSTRUÇÃO VERBAL V1DAR + PREPOSIÇÃO PARA/PRA/DE + V2INFINITIVO: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DA FALA DE MORADORES DE HUMAITÁ (AM)**

**IQT:** Mul, faixa3, esc2, urb                      **DATA:** 04/01/2020

**INQ./AUX.:** Tarciana Melo de Lima

**TRT.:** Tarciana Melo de Lima                      **DATA:** 31/05/2020

**REV.1:** Flávia Santos Martins                      **DATA:**

**TRANSCRIÇÃO DO FENÔMENO**

**dá pra ir** de ônibus né?:... antes tinha avião hoje em dia não tem mais né?...

**dá pra ir** de ônibus de barco...

então é os meio de transporte DE MOTO também **dá pra você ir né?**

**APÊNDICE C: EXEMPLO DE TRANSCRIÇÃO DOS INFORMANTES DA  
AMOSTRA COMPLEMENTAR (REDES SOCIAIS)**

Zona Urbana

**2015**

|  |                   |
|--|-------------------|
| Informante:  | Mulher / Whatsapp |
| <b>TRANSCRIÇÃO DO FENÔMENO</b>   |                   |
| Leva pra geladeira para esfriar e depois é só saborear. <b>Deu pra entender?</b> |                   |

|  |                   |
|--|-------------------|
| Informante:  | Mulher / Whatsapp |
| <b>TRANSCRIÇÃO DO FENÔMENO</b>                           |                   |
| Foi no Peru. Ainda a pouco e <b>deu p sentir</b> no Acre |                   |

|   |                  |
|---|------------------|
| Informante:   | Homem / Whatsapp |
| <b>TRANSCRIÇÃO DO FENÔMENO</b>                                |                  |
| Vamos só meio do ano prima...não <b>deu de ir</b> fim de ano. |                  |

**2016**

|  |                   |
|--|-------------------|
| Informante:  | Mulher / Whatsapp |
| <b>TRANSCRIÇÃO DO FENÔMENO</b>   |                   |
| Só na foto <b>da de perceber</b> que não vai servir.                       |                   |
| Não <b>deu de ver</b> direito porque ele não parava de se mexer um minuto. |                   |
| Com roupa não <b>dá de ver</b> muito bem a barriga.                        |                   |

|   |                   |
|---|-------------------|
| Informante:   | Mulher / Whatsapp |
| <b>TRANSCRIÇÃO DO FENÔMENO</b>  |                   |
| Eu queria saber. Pra vê se <b>dava pra diminuir</b> pra comprar tua passagem. |                   |
| Latil muito. <b>Deu nem pra conversar.</b>                                    |                   |
| Se vc vir <b>da até pra aproveitar</b> melhor a tarde.                        |                   |

|                                   |                   |
|-----------------------------------|-------------------|
| Informante:                       | Mulher / Whatsapp |
| <b>TRANSCRIÇÃO DO FENÔMENO</b>    |                   |
| Dai não <b>da p me sustentar.</b> |                   |

**2017**

|                                 |                   |
|---------------------------------|-------------------|
| Informante:                     | Mulher / Whatsapp |
| <b>TRANSCRIÇÃO DO FENÔMENO</b>  |                   |
| <b>Da de ficar</b> na sua casa? |                   |

|             |                   |
|-------------|-------------------|
| Informante: | Mulher / Whatsapp |
|-------------|-------------------|

|   |
|---|
| <b>TRANSCRIÇÃO DO FENÔMENO</b>                                  |
| Na hora que você ligou o (...) tava mamando não deu de atender. |

|                                       |                   |
|---------------------------------------|-------------------|
| Informante:                           | Mulher / Whatsapp |
| <b>TRANSCRIÇÃO DO FENÔMENO</b>        |                   |
| Da de ganhar quase 100% em cima.      |                   |
| E bem bonita e da de carregar na mão. |                   |

|  |                  |
|--|------------------|
| Informante:  | Homem / Whatsapp |
| <b>TRANSCRIÇÃO DO FENÔMENO</b>                             |                  |
| Digo é eu que almoço aqui uma facada e não dá pra dividir. |                  |

|   |                   |
|---|-------------------|
| Informante:   | Mulher / Whatsapp |
| <b>TRANSCRIÇÃO DO FENÔMENO</b>  |                   |
| Segunda e feriado dar p ir qnd?   |                   |
| Dar p vc me mandar de novo o agendamento da perícia eu apaguei aquele sem querer. |                   |
| Hoje não vai dar p ir o (...) tem um outro compromisso...                         |                   |

## 2018

|  |                  |
|--|------------------|
| Informante:  | Homem / Whatsapp |
| <b>TRANSCRIÇÃO DO FENÔMENO</b>                     |                  |
| Da pra fazer dupla la com a mulher.                |                  |
| Pergunta dele se dá pra botar outra caixa somente. |                  |
| Poxa. Não da pra estacionar?                       |                  |
| Da pra ler amor?                                   |                  |

## 2019

|  |                   |
|--|-------------------|
| Informante:                                  | Mulher / Facebook |
| <b>TRANSCRIÇÃO DO FENÔMENO</b>               |                   |
| Vê com ela se da de trazer um documento meu. |                   |

|  |                   |
|--|-------------------|
| Informante:  | Mulher / Facebook |
| <b>TRANSCRIÇÃO DO FENÔMENO</b>                                 |                   |
| Bom que ele é branco e dar de ver r quando é preto kkkk Sofro. |                   |

|  |                  |
|--|------------------|
| Informante:  | Homem / Whatsapp |
| <b>TRANSCRIÇÃO DO FENÔMENO</b>                               |                  |
| Mais da também de ganhar o brasileiro...e só manter o ritmo. |                  |

|                                |
|--------------------------------|
| Mais <b>da de ganhar</b> mano. |
|--------------------------------|

|                                    |                   |
|------------------------------------|-------------------|
| Informante:                        | Mulher / Whatsapp |
| <b>TRANSCRIÇÃO DO FENÔMENO</b>     |                   |
| Não sei se vai <b>dar de ver</b>   |                   |
| Vê se agora <b>dar de entender</b> |                   |

|                                 |                   |
|---------------------------------|-------------------|
| Informante:                     | Mulher / Whatsapp |
| <b>TRANSCRIÇÃO DO FENÔMENO</b>  |                   |
| Vai <b>dá de ir</b> na loja hj? |                   |

|   |                   |
|---|-------------------|
| Informante:   | Mulher / Whatsapp |
| <b>TRANSCRIÇÃO DO FENÔMENO</b>  |                   |
| P ex. <b>Dar p falar</b> sobre o processo cultural e ducacional de Humaitá? |                   |

**2020**

|   |                   |
|---|-------------------|
| Informante:                               | Mulher / facebook |
| <b>TRANSCRIÇÃO DO FENÔMENO</b>            |                   |
| Às vezes <b>dá de fazer</b> milagre.      |                   |
| <b>Dá de entregar</b> no sábado de manhã. |                   |

|   |                   |
|---|-------------------|
| Informante:   | Mulher / facebook |
| <b>TRANSCRIÇÃO DO FENÔMENO</b>  |                   |
| <b>Da de ouvir</b> perfeitamente alguém falando,, “cortaaaa” e logo em seguida tiram ele do ar. |                   |

|  |                  |
|--|------------------|
| Informante:  | Homem / Facebook |
| <b>TRANSCRIÇÃO DO FENÔMENO</b>   |                  |
| Mas <b>dá de de refletir</b> o quanto a gente é embalado pelo ritmo e esquece de prestatas muita atenção na letra. |                  |

|  |                  |
|--|------------------|
| Informante:  | Homem / Facebook |
| <b>TRANSCRIÇÃO DO FENÔMENO</b>   |                  |
| Essa e uma louca só de observar o jeito dela <b>da de ver</b> que ela tem um deficiência mental. |                  |

|  |                   |
|--|-------------------|
| Informante:  | Mulher / Whatsapp |
| <b>TRANSCRIÇÃO DO FENÔMENO</b>                                     |                   |
| Eu sou mais galo e galinha q bota ovo e ainda <b>dá de comer</b> . |                   |

|  |                   |
|--|-------------------|
| Informante:  | Mulher / Whatsapp |
| <b>TRANSCRIÇÃO DO FENÔMENO</b>   |                   |
| ...acho que agora eles não viram antes aí não <b>deu para remendar</b> . |                   |

|   |                   |
|---|-------------------|
| Informante:   | Mulher / Whatsapp |
| <b>TRANSCRIÇÃO DO FENÔMENO</b>                                      |                   |
| Só vai <b>dá de entregar</b> para ela no domingo.                   |                   |
| Como está a princesinha da tia?? Não <b>deu de ir ver</b> ela hoje. |                   |
| É só o que <b>dá pra fazer</b> na quarentena, comer e dormir.       |                   |

|  |                   |
|--|-------------------|
| Informante:  | Mulher / Whatsapp |
| <b>TRANSCRIÇÃO DO FENÔMENO</b>   |                   |
| A tarde vou fazer um curativo melhor no umbigo dela, pois só passei o álcool porque ela já estava agitada não <b>deu de limpar</b> . |                   |
| Estamos bem, hoje foi corrido não <b>deu de ir</b>   |                   |
| Sim o teu pai viu, já está disponível só não <b>dá pra ver</b> quanto que é.   |                   |

|   |                   |
|---|-------------------|
| Informante:   | Mulher / Whatsapp |
| <b>TRANSCRIÇÃO DO FENÔMENO</b>  |                   |
| Aqui a gente tem quintal. Lugares bem isolados que <b>da pra fazer</b> exercício, gasta só um pouquinho de gasolina, mas vale a pena. |                   |